



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO (POSGRAP)
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
(PROFHISTÓRIA)**

ROBÉRIO DA SILVA DE ANDRADE

**AS CAVALGADAS COMO EXPRESSÕES DE IDENTIDADE CULTURAL
SERTANEJA NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL EM ADUSTINA/BA.**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO (POSGRAP)
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
(PROFHISTÓRIA)**

ROBÉRIO DA SILVA DE ANDRADE

**AS CAVALGADAS COMO EXPRESSÕES DE IDENTIDADE CULTURAL
SERTANEJA NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL EM ADUSTINA/BA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.
Orientador: Prof. Dr. Paulo Heimar Souto.

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2025**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Andrade, Robério da Silva de

A553c As cavalgadas como expressões de identidade cultural sertaneja no ensino de História local em Adustina/BA / Robério da Silva de Andrade; orientador Paulo Heimar Souto. – São Cristóvão, SE, 2025.

133 f. : il

Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. História - Estudo e ensino. 2. Folclore e história. 3. Cavalgadas. 4. História local. 5. Adustina (BA). I. Souto, Paulo Heimar, orient. II. Título.

CDU 94:394.24(813.8)

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO (POSGRAP)
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA
(PROFHISTÓRIA)**

ROBÉRIO DA SILVA DE ANDRADE

**AS CAVALGADAS COMO EXPRESÕES DE IDENTIDADE CULTURAL
SERTANEJA NO ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL EM ADUSTINA/BA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em História – PROFHISTÓRIA, da Universidade Federal de Sergipe - UFS, como pré-requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Aprovada em, ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Prof. Dr. Paulo Heimar Souto – ProfHistória – Universidade Federal de Sergipe – UFS

Membro interno: _____

Prof.^a. Dr.^a. Sheyla Farias Silva – ProfHistória – Universidade Federal de Sergipe – UFS

Membro externo: _____

Prof.^a. Dr.^a. Josefa Eliana Souza – Universidade Federal de Sergipe – UFS

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2025**

Dedico este trabalho a todos os meus familiares, *in memoriam* de meus queridos pais, José Vieira de Andrade (Zé de Jovêncio) e Josefa da Silva de Andrade (D. Zefinha).

À minha esposa, minha filha e aos meus irmãos, que, nutridos pela fé inabalável, permanecem como alicerces diante dos desafios que a vida nos apresenta.

Aos meus pais, cuja memória e exemplo de dignidade, coragem e amor permanecem vivos e inspiradores em cada passo da minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

À memória dos meus pais, José Vieira de Andrade (Zé de Jovêncio) e Josefa da Silva de Andrade (D. Zefinha), que, mesmo ausentes fisicamente, caminharam comigo ao longo dessa trajetória. Nas noites silenciosas, diante do computador e mergulhado nas leituras, sentia sua presença ao meu lado, guiando-me com o amor e os ensinamentos que me deixaram. Sei que estariam orgulhosos deste momento, e levo comigo a certeza de que seus espíritos seguem vivos em cada conquista minha.

À minha esposa, Agenilda, pelo apoio incondicional, pela paciência e compreensão, e por ser meu alicerce nos momentos mais desafiadores. Sua presença foi mais do que um suporte emocional; foi encorajamento, força e amor em cada etapa dessa caminhada.

À minha filha, Gabriela, que soube compreender minhas ausências e, com sua doçura e companheirismo, foi uma voz constante de incentivo, carinho e motivação. Seu olhar de orgulho e suas palavras de apoio me fortaleceram nos momentos de incerteza.

Aos meus irmãos José Orlando da Silva de Andrade (Orlando de Zé de Jovêncio), Jorge da Silva de Andrade (Jorge de Zé de Jovêncio), Maria Aparecida da Silva de Andrade (Maria de Zé de Jovêncio), José Carlos da Silva de Andrade (Carlinhos de Zé de Jovêncio), Luiz Valter da Silva de Andrade (Luiz de Zé de Jovêncio) e Sebastião da Silva de Andrade (Tião de Zé de Jovêncio), que sempre torceram por mim e estiveram ao meu lado quando mais precisei. Cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e cada demonstração de afeto foram essenciais para que eu seguisse adiante.

E, de forma muito especial, à minha irmã Deceles da Silva de Andrade (para os mais jovens, Professora Deceles; para muitos, Deceles de Zé de Jovêncio), que caminhou comigo em cada passo desta jornada. Seu olhar atento, suas sugestões valiosas e suas incansáveis revisões dos meus textos foram fundamentais. Mais do que apoio, você foi parte essencial dessa conquista, tornando-se peça indispensável nesse processo. Minha gratidão é imensa.

À minha amiga e colega de turma no Ensino Fundamental e Médio, professora Ivone Gonçalves Príncipe, que, como Secretária Municipal de Educação, não apenas compreendeu a importância deste trabalho para mim como professor, mas também reconheceu seu valor para o Município de Adustina/BA. Sua sensibilidade e apoio, ao conceder-me a licença para que eu pudesse me dedicar à pesquisa, foram fundamentais para que este trabalho ganhasse forma e relevância. Minha gratidão sincera.

Aos colegas professores da rede municipal de ensino de Adustina/BA, em especial aos do Colégio Municipal de Adustina (CMA), que sempre estiveram torcendo e me incentivando

durante todo o percurso. Aos colegas do Colégio Estadual João Francisco da Silva, que da mesma forma, torceram para a realização deste sonho.

Agradeço, de maneira especial, a Marlene Correia de Andrade (Marlene do Berrante), filha de Correinha da Zabumba, precursor das cavalgadas no semiárido baiano, cuja colaboração foi fundamental para minha pesquisa. Minha gratidão também a Gilvânio Reis Rabelo (Gil de Bié), organizador da Cavalgada do São Francisco, cujas informações foram essenciais para a ampliação deste trabalho.

Registro ainda meu reconhecimento aos divulgadores nas redes sociais, a Webber Ribeiro, diretor do Sistema de Rádio Abrasom de Adustina/BA, e ao amigo locutor e professor Carlos César, da rádio Nação FM, de Fátima/BA, por suas contribuições relevantes para a visibilidade e fortalecimento desta pesquisa.

Aos integrantes dos grupos Sextou50tões e Master Clube Guarujá, que, com dedicação e espírito solidário, organizaram bolsas e sorteios para arrecadar fundos, tornando possível minha participação em um Congresso no país, minha mais profunda gratidão! Seu apoio e incentivo fizeram toda a diferença nesta jornada.

Aos professores do ProffHistória João Paulo Gama de Oliveira, Joaquim Tavares Conceição, Itamar Freitas, Fábio Alves Santos, Mariana Bracks Fonseca, Dulcidio Manuel Albuquerque Cossa, Lucas Miranda Pinheiro e José Vieira da Cruz. Cada um, em sua respectiva disciplina, teve um papel imprescindível nos meus aprendizados.

Aos meus colegas de turma, pela receptividade, respeito e grande carinho que externaram por mim durante todo o curso e nos eventos que participamos juntos.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Heimar Souto, pessoa imprescindível, indelével e de suma importância para o desenvolvimento do meu trabalho e o andamento da minha pesquisa. Com seus “sugiro” e “recomendo”, passei a ser mais exigente comigo mesmo, a escrever melhor e a participar de eventos com produções acadêmicas. Dotado de um vocabulário rebuscado, mas de fácil comunicação, sempre com objetivos claros e assertivos nas suas orientações, ele me guiou com maestria. Não poderia ter tido outro orientador melhor. Sou imensamente grato, não apenas pelas orientações deveras necessárias e pontuais para a execução do trabalho, mas também pelo carinho, trato cortês, amizade e respeito. São essas coisas que levamos conosco para os seguimentos de nossa vida. Minha eterna gratidão. Muito obrigado, Mestre!

Por fim, a Deus, onipotente e soberano, que, sem Ele, nenhum dos citados acima estaria presente. A Ele, que com Sua imensa magnitude nos concedeu o dom da vida e tudo o que construímos e conquistamos. Que Ele abençoe a todos os mencionados, crentes ou não, mas

que, de alguma forma, tiveram relevância, direta ou indireta, nesta conquista. Muito obrigado, meu Deus. A Ti toda honra, toda glória e todo louvor.

RESUMO

As cavalgadas são manifestações culturais populares que marcam o sertão nordestino desde o século XX, e o município de Adustina/BA preserva essa tradição, que envolve grande participação tanto da zona rural quanto da urbana. O objetivo geral deste trabalho é elaborar a cartilha intitulada, *As Cavalgadas no Ensino de História*, abordando a relação entre essa manifestação cultural e a identidade sertaneja em Adustina/BA. Para isso, confeccionou-se uma cartilha como recurso pedagógico destinada a professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Municipal de Adustina/BA. O trabalho visa demonstrar a importância de integrar a História local ao currículo escolar, destacando as cavalgadas como parte desse processo. A pesquisa tem como público-alvo as turmas A (6º e 7º anos) e B (8º e 9º anos) da EJA, correspondentes ao Ensino Fundamental II. A metodologia inicial incluiu a escolha do objeto de estudo para alinhar os objetivos da pesquisa às necessidades e interesses dos alunos, além de uma revisão bibliográfica com descritores como "cavalgadas", "história local" e "identidade sertaneja", utilizando os catálogos da Capes e o repositório do ProffHistória. Também foram coletados dados sobre a organização desses eventos na comunidade de Adustina/BA. Como produto final, foi desenvolvida uma cartilha pedagógica intitulada “*As Cavalgadas no Ensino de História*”. Para o embasamento teórico, o trabalho dialoga com as referências de autores como Bittencourt (2009), Bloch (2001), Cunha (1982), Fonseca (2003), Cascudo (1984), Gouveia (2022) e Milton Santos (2006). Valorizar a História local no ensino de História é essencial para fortalecer o vínculo dos alunos com sua identidade, comunidade e senso de pertencimento. Assim, a cartilha proposta representa uma contribuição significativa para a Educação de Jovens e Adultos, integrando as cavalgadas ao ensino de História no currículo escolar. É imperioso destacar que o Ensino de História desempenha um papel essencial na construção da identidade cultural e no fortalecimento do sentimento de pertencimento. Ao valorizar a história local e a cultura popular, a disciplina permite que os estudantes compreendam suas origens, reconheçam a diversidade de saberes e tradições e se percebam como sujeitos históricos ativos, além de dialogar com outras áreas do conhecimento, favorecendo uma abordagem interdisciplinar que amplia a compreensão de fenômenos sociais, naturais, políticos e econômicos.

Palavras-chave: Ensino de História, História local, Cavalgadas, Adustina/BA.

ABSTRACT

Horseback riding is a popular cultural manifestation that has marked the Northeastern backlands since the early 1990, and the municipality of Adustina/BA preserves this tradition, which involves significant participation from both rural and urban areas. The general objective of this study is to investigate the origins and relationship between History Teaching and horseback riding as manifestations of backlands cultural identity in the history of Adustina/BA. To this end, a booklet was created as a pedagogical resource for teachers and students of Youth and Adult Education (EJA) at the Municipal School of Adustina/BA. The study aims to demonstrate the importance of integrating local History into the school curriculum, highlighting horseback riding as part of this process. The target audience for this study is classes A (6th and 7th grades) and B (8th and 9th grades) of EJA, corresponding to Elementary School II. The initial methodology included choosing the object of study to align the research objectives with the students' needs and interests, in addition to a bibliographic review with descriptors such as "horseback riding", "local history" and "country identity", using Capes catalogs and the ProfHistória repository. Data were also collected on the organization of these events in the community of Adustina/BA. As a final product, a pedagogical booklet entitled "Teaching History in a Country Booklet" was developed. For the theoretical basis, the work dialogues with the references of authors such as Bittencourt (2009), Bloch (2001), Cunha (1982), Fonseca (2003), Cascudo (1984), Gouveia (2022) and Milton Santos (2006). Valuing local history in history teaching is essential to strengthen students' bond with their identity, community and sense of belonging. Thus, the proposed booklet represents a significant contribution to the Education of Young People and Adults, integrating horseback riding into the teaching of History in the school curriculum. It is essential to emphasize that the Teaching of History plays an essential role in the construction of cultural identity and in strengthening the feeling of belonging. By valuing local history and popular culture, the subject allows students to understand their origins, recognize the diversity of knowledge and traditions and see themselves as active historical subjects, in addition to dialoguing with other areas of knowledge, favoring an interdisciplinary approach that broadens the understanding of social, natural, political and economic phenomena.

Keywords: History teaching, local history, cavalgadas, Adustina/BA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do semiárido baiano	28
Figura 2 -Microregião de Ribeira do Pombal/BA	30
Figura 3 - Capela dos Vieira	31
Figura 4- Igreja Nossa Senhora de Vitória, Adustina/BA.....	32
Figura 5- Imagem Nossa Senhora de Fátima, Cavalgada do Assentamento Caimã, Adustina/BA.	37
Figura 6 - Cavalgada do Milho, Pov. Jurema - Adustina/BA.	39
Figura 7- Apresentação do repentista e compositor João do Cedro	40
Figura 8- Pedro Correio (Correinha da Zabumba).	42
Figura 9 - Imagem da primeira cavalgada da região, Fátima/BA	43
Figura 10 - Cavalgada do Pov. São Francisco - Adustina/BA.....	45
Figura 11 - Desfile de carros de bois e carneiros, Pov. São Francisco- Adustina/BA.....	47
Figura 12- Alvará de Licença Sanitária provisório para Cavalgada do Milho, Adustina/BA ..	48
Figura 13 - Dispensa de Licença Ambiental para realização da cavalgada.	49
Figura 14- Marlene do Berrante se apresentando na Cavalgada do Pov. São Francisco - Adustina/BA	52
Figura 15- Repentista Castrinho no desfile de muladeiros, Santa Cruz do Serrote- Sítio do Quinto/BA.	53
Figura 16 - Cartazes de divulgação das Cavalgadas no Município de Adustina/BA.	55
Figura 17 - Repentista José Marcelo de Matos, o Xeba.	56
Figura 18 - Colégio Municipal de Adustina - Adustina/BA.	64
Figura 19- Mandacaru, planta símbolo da Caatinga, Serra do Capitão - Adustina/BA.....	72
Figura 20 - Vaqueiro com seu tradicional carro de boi, Cavalgada do Pov. São Francisco - Adustina/BA.	73
Figura 21 - Mãe e Filha (Claudiana e Maria Sophia), Cavalgada do Pov. São Francisco - Adustina/BA.	75

LISTA DE SIGLAS

ADSA – Associação Deportiva Social de Adustina/BA

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FACE – Faculdade de Ciências Educacionais

FACIBA - Faculdade de Ciências de Bahia

FAVENI – Faculdade Venda Nova do Imigrante

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes de Bases

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SME – Secretaria Municipal de Educação

SOMAS – Secretaria de Obras, Ordem Pública e Meio Ambiente

TRA – Termo de Responsabilidade Ambiental

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e Cultura

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú-CE

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição de Alunos matriculados na rede Municipal de Adustina/BA	31
Tabela 2 – Lista do corpo docente do Colégio Municipal de Adustina, 2024	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – ADUSTINA, O LUGAR.....	28
CAPÍTULO II – UMA BREVE PÁGINA DA HISTÓRIA DE ADUSTINA-BA	30
CAPÍTULO III – AS CAVALGADAS COMO EXPRESSÕES DE IDENTIDADE CULTURAL SERTANEJA.....	33
1. Cavalgadas, suas origens e o protagonismo do vaqueiro.....	34
2. As cavalgadas e a religiosidade do sertanejo.....	37
3. O cenário das cavalgadas, a caatinga como palco.....	38
4. As cavalgadas de Adustina/BA e sua diversidade cultural.....	39
CAPÍTULO IV – A ORIGEM DAS CAVALGADAS NO MUNICÍPIO DE ADUSTINA/BA.....	41
1. Os documentos para legalidade das cavalgadas no Município de Adustina/Ba.....	47
2. As cavalgadas e a inclusão de poetas, aboiadores, artistas da terra e a fé do sertanejo.....	50
3. Divulgação das Cavalgadas nos povoados de Adustina/BA.....	53
CAPÍTULO V - O ENSINO DE HISTÓRIA E AS CAVALGADAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS DE ADULTOS – EJA.....	57
CAPÍTULO VI – AS CAVALGADAS NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	62
1. A escola, os alunos e o nascimento de uma ideia.....	63
2. Identificação da escola.....	64
3. A Cartilha: As cavalgadas no Ensino de História em uma cartilha na EJA – Educação de Jovens e Adultos.....	68
3.1. A Caatinga: História, Resistência e Conscientização Ambiental.....	71
3.2. Um espaço de união, preservação de cultura e memória.....	72
3.3. Trajes de cavalgadas, uma viagem no tempo entre gibões e estilizações modernas	74
3.4. Diversidades de montarias, para cada vaqueiro, um companheiro.....	75
3.5. Cavalgadas de Adustina/BA, palco de cultura de diversidade sertaneja.....	76
3.6. A devoção de fé na história do sertanejo.....	77
3.7. Cavalgadas: guardiãs de memórias e símbolos de resistência sertaneja.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE.....	90
APÊNDICE A - As cavalgadas no Ensino de História.....	90

INTRODUÇÃO

O ensino de História sempre desempenhou um papel fundamental na formação dos indivíduos, permitindo a compreensão do passado e sua influência no presente. No entanto, promover uma aprendizagem que integre de forma significativa a conexão entre a história global, a história regional, a história nacional e a história local emergem como um elo indispensável. O estudo da História local tem a possibilidade de enriquecer a compreensão dos acontecimentos globais e regionais, fortalecendo o senso de identidade e pertencimento dos alunos ao conectá-los diretamente com as narrativas e os patrimônios de suas próprias comunidades. Ao mesmo tempo, a contextualização da história local dentro do contexto regional e nacional amplia a visão dos estudantes sobre o mundo e suas interconexões históricas, permitindo uma compreensão mais abrangente e crítica do passado e do presente.

Nesse contexto, é imperativo observar como as cavalgadas se tornam expressões autênticas da identidade cultural sertaneja na história local de Adustina/BA. As cavalgadas, enraizadas nas tradições locais, remontam as práticas históricas, refletem a ligação direta entre a comunidade e a terra. Ao incluir esse elemento nas aulas de História, os educadores não apenas fortalecem a compreensão dos alunos sobre a diversidade cultural, mas também proporcionam um vínculo sensível e afetivo com a história local. As cavalgadas, como expressões vivas da cultura sertaneja, oferecem uma oportunidade ímpar de explorar e preservar a identidade cultural, contribuindo assim para uma educação histórica mais interativa e envolvente.

Marc Bloch (2001) explicita que, “a obra de uma sociedade que remodela, segundo suas necessidades, o solo em que vive e, todos intuem isso, um fato eminentemente “histórico”. Assim como as vicissitudes de um poderoso núcleo de trocas” (Bloch, 2001, p. 53). A transformação do ambiente por uma sociedade de acordo com suas necessidades como um evento “eminente histórico”, o que ressalta a importância de compreender a história local como parte integrante do panorama histórico mais amplo. Nas eventualidades de uma comunidade, seja ela urbana ou rural, encontramos narrativas que ecoam a evolução das sociedades ao longo do tempo. A história local, às vezes negligenciada em relação à história tradicional nos livros didáticos, pode e deve ser uma grande fonte de informações que nos permite entender como as pessoas moldaram seu entorno, suas culturas e suas vidas ao longo das gerações em determinado espaço.

A importância da interação entre o ser humano e o ambiente na construção do espaço histórico e cultural é evidente. Essa perspectiva tem uma aplicação direta e relevante no estudo da história local. Ao considerar a história de uma localidade específica, torna-se evidente que as definições de região e regionalidade não se limitam apenas a espaços geográficos, mas incorporam as complexas interações históricas entre as pessoas e o ambiente ao longo do tempo. A História local é como uma porta de entrada para a compreensão dos diferentes modos de vida tanto no presente quanto no passado, que compartilham um mesmo espaço geográfico. Esses estudos históricos têm como objetivo o desenvolvimento da capacidade de perceber e identificar vivências nas experiências humanas, permitindo a exposição das continuidades culturais coletivas ao longo do tempo.

Os estudos da História local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta para os estudos históricos é favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais, classificando-os como mais “evoluídos” ou “atrasados” (Brasil, 1997, p. 52).

Essa abordagem valoriza a riqueza das múltiplas narrativas históricas, evitando julgamentos que classifiquem grupos sociais como mais “evoluídos” ou “atrasados”. Em vez disso, enfatiza a compreensão das diversas influências culturais, sociais e ambientais que moldaram as sociedades ao longo da história, contribuindo para uma visão mais inclusiva do passado e do presente de uma localidade.

Jörn Rüsen (2015), destaca a singularidade da experiência humana na construção da história, enfatizando que o ser humano é um agente ativo nesse processo, “O ser humano é uma criatura que faz história e nem pode repetir o seu passado, nem o pode deixar para trás” (RÜSEN, 2015, p. 18.). A história local, no ensino de História, nos permite explorar como as comunidades moldaram seus espaços e suas identidades ao longo das gerações. Assim, ao reconhecer que o passado é uma parte inseparável do presente e que o ser humano é um protagonista constante nesse processo, os estudos de história local nos dão relevantes subsídios para compreender de forma mais significativa a nossa própria identidade, bem como a das comunidades em que vivemos.

História é um componente essencial, prevalente e estratégico da identidade pessoal e social. Refletir sobre a história pertence ao cotidiano de todos e de cada um. Essa reflexão se faz em diversos planos, da espontânea no dia a dia à sofisticada da ciência. Em qualquer dos planos, o pensamento histórico e a consciência que dele resulta e nele atua buscam assenhorear-se do passado,

entendê-lo, explicá-lo, de modo a compreender o presente e planejar o futuro (Rüsen, 2015, p. 11).

A relevância do ensino de História local desempenha um papel significativo nos estudos da identidade, permitindo que os estudantes e suas comunidades se apropriem de seu passado, compreendam suas raízes e expliquem a evolução do ambiente em que vivem. A reflexão sobre a história não se restringe a especialistas, mas é uma atividade que permeia a vida de todos, desde conversas casuais até pesquisas acadêmicas. Destarte, a história local, no Ensino de História, permite que os estudantes e sua comunidade se apropriem do seu passado, compreendam suas raízes e expliquem a evolução do ambiente em que vivem. Ao adentrar na história local, esses indivíduos podem entender como suas localidades foram moldadas ao longo do tempo, as mudanças que ocorreram e as continuidades culturais que persistem.

Isso não só enriquece a compreensão do presente, mas também ajuda a planejar o futuro de maneira informada, valorizando a identidade e a singularidade das comunidades dentro de um contexto sociocultural e histórico. Assim, a história local desempenha um papel fundamental na construção da identidade pessoal e social, permitindo que as pessoas se conectem com suas raízes, ressignificando suas identidades e pertencimento.

O Ensino de História irá consolidar o caráter de pertencimento, que é vital para a compreensão das noções de local e localidade, daí a vinculação de uma conexão entre a História local e a formação de suas identidades. Nesse sentido a História local e o Ensino de História podem fortalecer o seu espaço de coexistência, resistindo ao processo de cultural de homogeneização da globalização. Milton Santos menciona, “Em cada lugar, o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos. No viver comum de cada instante, os eventos não são sucessivos, mais concomitantemente, temos aqui um eixo de sumário de coexistência” (Santos, 2006, p. 159). Em suma, a valorização da história local se revela como uma forma exequível de preservar e enriquecer as identidades e comunidades em um mundo cada vez mais interligado e influenciado pelo processo de globalização.

Em um mundo cada vez mais globalizado, onde as influências culturais globais muitas vezes ameaçam a diversidade cultural e histórica das comunidades locais. A história local e o ensino de História são vitais para preservar e promover a riqueza das tradições, costumes e patrimônio locais. Destarte, Kersten (2000), ressalta a importância de reconhecer e valorizar os elementos distintivos das sociedades e culturas locais como parte da herança comum da humanidade. “Reconhecem que os elementos pertencentes a sociedades e culturas particulares são importantes para a humanidade, como herança comum” (Kersten, 2000, p. 33).

O Conceito de história local perpassa as limitações convencionais de um recorte espacial, expandindo-se a outros conceitos, que envolvem elementos culturais, étnicos e identitários que definem um determinado lugar. Essa narrativa vai além das fronteiras políticas e territoriais, adentra nos meandros das histórias pessoais, das tradições culturais e do sentido mais explícito e pertencimento.

O caráter de pertencimento é fundamental para a compreensão das noções de local e localidade, daí a vinculação explícita entre a histórica local e a formação de identidade. Isso porque a noção de localidade pode ser definida, além dos recortes espaciais, temporais, bem como de questões socioculturais.

Ao se concentrar em aspectos que vão além das coordenadas geográficas, a história local revela as relações entrelaçados de experiências humanas, destacando o papel vital da cultura e da identidade na formação da história de um local específico. Assim, o conceito de "local" ultrapassa os conceitos da geografia, incorpora uma multiplicidade de elementos que compõem a diversificada narrativa de uma comunidade ao longo do tempo.

Uma história, entre outros adjetivos, será uma “história local”, momento em que o “local”, torna-se central para a análise, não no sentido de que toda história dever fazer análise local e do tempo que contextualize os seus objetos, mas no sentido que o “local” se refere a uma cultura, ou uma política local, a uma singularidade regional, a uma prática que só se encontra aqui ou que aqui adquire conotações espaciais a serem examinada em primeiro plano. Pode-se ainda que, na História local, o “local”, se mostre como o próprio objeto de análise, ou então que se tenha em vista algum fator à luz deste “local”, desta singularidade “local” (Barros, 2009, p. 6)

A história local, o "local" pode se tornar tanto o objeto principal de análise quanto a lente através da qual outros fatores históricos são examinados, sublinhando a relevância crítica do ambiente específico na compreensão da história de uma comunidade ao longo do tempo. Para Fernandes (2006), “O ensino de história local vem, de certa forma, romper com esta visão tradicional em que se priorizava o estudo da chamada “História Geral da Civilização Brasileira”, na tentativa de se passar para nossos alunos a ideia de um Brasil homogêneo” (Fernandes, 1995, p.44). Ao romper com essa perspectiva, o ensino de história local reconhece e valoriza a diversidade de experiências, culturas e narrativas presentes em diferentes regiões do país.

Em vez de ampliar uma visão uniforme da história nacional, a ênfase na história local permite que os estudantes compreendam a riqueza das particularidades regionais, favorece uma apreciação mais profunda da complexidade e diversidade que caracterizam a construção da identidade brasileira ao longo do tempo.

Essa abordagem mais inclusiva contribui para uma educação histórica mais ampla e representativa, enriquecendo a compreensão dos alunos sobre o passado do Brasil, a partir das suas identidades e dos lugares de onde pertencem. “Queremos, pois, uma história que resgate as particularidades e especificidades regionais e dê conta da pluralidade étnico-cultural de nossa formação histórica” (Fernandes, 1995, p. 45). Essa perspectiva, aspira a uma compreensão mais completa e enriquecedora do passado, que honre a diversidade e incentive uma narrativa histórica mais integrada à complexidade da experiência multicultural do Brasil.

Segundo Barbosa (2006),

Nas últimas décadas do século XX, que, para a maior parte dos estudantes brasileiros, o estudo de história carece de um sentido ou utilidade; não se tem visão de ciência e sim de uma matéria decorativa, estudo do passado, que só exige como vimos a prontidão em declinar nome, datas e fatos (Barbosa, 2006, p. 58)

A observação de Barbosa (2006), sobre o desinteresse percebido nas últimas décadas em relação ao estudo de história ressalta a necessidade de repensar o ensino dessa disciplina. A história local surge como uma resposta significativa a essa lacuna, deslocando o foco de memorizar eventos nacionais e “heróis”, para possibilitar um aprendizado mais ativo e relevante.

Ao dar protagonismo ao local e ao senso de pertencimento, a história local não apenas resgata a importância das particularidades regionais, mas também oferece aos estudantes uma conexão mais pessoal com o passado. Em vez de simplesmente decorar nomes, datas e fatos distantes, os alunos são incentivados a explorar e compreender a história do lugar onde vivem, fortalecendo assim o senso de identidade e a valorização da diversidade cultural. “A enorme distância entre a realidade vivenciada pela comunidade e o tratamento dado ao ensino de história, faz que o aluno se torna mero expectador dos fatos, não necessitando de esforços no sentido de qualquer reflexão ou elaboração” (Barbosa, 2006, p. 58).

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC, explicita, “O Ensino de História, se justifica na relação do presente com o passado, valorizando o tempo vivido pelo estudante e seu protagonismo, para que ele possa participar ativamente da construção de uma sociedade justa, democrática, inclusiva e informada” (Brasil, 2018). A História local, ao destacar a relevância do passado em um contexto mais próximo dos estudantes, transcende a visão de uma disciplina decorativa, transformando-a em uma ferramenta vital para a compreensão do presente e a construção de um futuro mais informado, conectado com o seu meio e inclusivo.

Pereira (2017) destaca a problemática do silenciamento e invisibilidade das memórias individuais, de grupos e de povos quando subjugadas pela grandiosidade da história maior. “A história maior leva ao silenciamento e à invisibilidade das memórias individuais, de grupos e

de povos, que não são contempladas pela grande memória” (Pereira, 2017, p. 18). Essa reflexão apresentada por Pereira (2017) evidencia a problemática da exclusão e marginalização das memórias individuais, de grupos e de povos quando subjugadas pela grandiosidade da história maior. A história local emerge como uma ferramenta crucial na preservação e valorização dessas "histórias menores". Ao dar voz aos relatos específicos de comunidades, a história local torna-se uma resposta necessária à tendência de apagamento dessas narrativas singulares. Ela desvenda as experiências cotidianas, as tradições locais e as lutas particulares que, muitas vezes, passam despercebidas nas narrativas mais abrangentes.

Dessa forma, a história local resgata a importância das memórias individuais e coletivas, contribui para um entendimento mais completo e inclusivo do passado, reconhecendo a diversidade de perspectivas que compõem o mosaico da história. Ao focalizar as "histórias menores", a história local oferece uma visão mais vivida e autêntica, enriquecendo a compreensão da complexidade das experiências humanas ao longo do tempo.

A singularidade do nosso local atua como um criador de identidades, contribuindo para a formação de uma galeria única de tipos que refletem a autenticidade da comunidade. “Nosso local, único no mundo, é criador de tipos que forma a galeria daqueles por meio dos quais nos identificamos. E nos apresentamos como seres originais, numa realidade geral e imperialista, que gostaria de sufocar nossa personalidade” (Neves, 1997, p. 24-25). Este espaço exclusivo, "único no mundo", assume um papel essencial na construção de uma identidade que se destaca em meio a uma realidade geral e imperialista.

Essa resistência contra a homogeneização cultural e a imposição de padrões externos, evidenciando a importância de preservar e celebrar a originalidade local. Em um contexto global que muitas vezes busca padronizar, a valorização do "nosso local" se torna uma afirmação de identidade, uma forma de resistência contra forças que buscam sufocar a personalidade única de uma comunidade. Dessa maneira, a história local assume um papel vital ao registrar e destacar as características distintivas do "nosso local", oferecendo uma narrativa enraizada na autenticidade e resistindo à tentativa de uniformização cultural.

Para Carvalho (2014),

Na atualidade, o ensino de História é chamado a responder às exigências de uma sociedade que vem se descobrindo diversa e plural, e que pretende dialogar com seu passado, em busca da contribuição de todas as culturas na construção do que somos hoje, enfim, a compreender a construção histórica de nossa identidade, contribuindo para a valorização da diversidade e sendo instrumento de combate ao racismo e a todo preconceito (Carvalho, 2014, p. 3).

O ensino de História torna-se um caminho significativo para o diálogo com o passado, que busca incorporar as contribuições de todas as culturas na construção da identidade atual. Essa ação leva a compreender a história como um processo contínuo, que se posiciona como um instrumento eficiente na valorização da diversidade e no enfrentamento da exclusão e de qualquer forma de preconceito sociocultural.

Ao proporcionar uma visão mais relevante e inclusiva das narrativas históricas, o ensino de História contribui para a formação de cidadãos conscientes, capazes de apreciar a riqueza das diferenças culturais e engajados na promoção de uma sociedade mais justa e equitativa. Dessa forma, a história é uma disciplina que examina o passado, uma ferramenta significativa para moldar um presente mais inclusivo e para construir um futuro que celebre a diversidade em toda a sua complexidade.

Neves (1997), sobre a história e a importância do lugar, expressa, “A história de onde se vive e se atua é, a um só tempo, a história de quem a faz e sente diretamente é o único ponto de referência possível para compreensão das histórias mais distantes: de outros locais, ou da chamada História Geral” (Neves, 1997, p. 25) Ao compreender as tradições das cavalgadas em Adustina/BA como parte integrante dessa história local, nutre a compreensão dos alunos sobre a diversidade cultural, vinculando-os à identidade cultural sertaneja. As cavalgadas são eventos que passaram a fazer parte do arcabouço histórico, expressões vivas e contínuas da cultura local, o que proporciona um olhar mais interativo da história e da identidade da comunidade.

Assim, ao incorporar tais elementos no ensino de história, abre-se um portal para a educação e inspiração, permitindo uma apreciação mais ativa da história e da cultura local. Esta abordagem fomenta uma visão mais apreciativa em relação ao passado, presente e futuro, bem como serve como base sólida para a criação de uma cartilha sertaneja significativa, intitulada: As Cavalgadas no Ensino de História.

Uma jornada dedicada à docência e ao ensino de história.

Minha jornada de vida tem sido marcada por uma densa paixão pelo ensino, que floresceu desde o início dos anos de 1990, quando iniciei minha carreira como professor. Minha dedicação e compromisso com a educação me levaram a conquistar um marco significativo em 1998, quando fui efetivado através de um concurso público, consolidando meu compromisso com o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos.

Ao longo dos anos, reconheci a importância de investir em minha própria educação para melhor servir aos estudantes que passaram por minha sala de aula. Em 2004, cursei Pedagogia

em Regime Especial na Universidade Estadual Vale do Acaraú, no Ceará, um passo que ampliou minha compreensão dos princípios educacionais e pedagógicos.

Mas, minha busca por conhecimento e aprimoramento não parou por aí. Em 2013, completei uma Pós-Graduação Lato-sensu em Ensino de Geografia pela Faculdade de Ciências Educacionais (FACE), ampliando minhas habilidades no ensino desta disciplina fundamental. Em 2015, alcancei outro marco importante, obtendo uma Segunda Licenciatura em História pela FACIBA, o que me habilitou a lecionar essa disciplina com proficiência nos diferentes níveis de ensino, da Educação Básica.

Minha jornada de aprendizado continuou em 2016, quando concluí outra Pós-Graduação Lato-sensu, desta vez em Ensino de História pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), aprimorando ainda mais minha capacidade de transmitir o fascinante mundo da História aos meus alunos.

Mais recentemente, em 2022, busquei uma Pós-Graduação Lato-sensu em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), o que reflete meu compromisso com questões relacionadas aos direitos humanos e à educação inclusiva. Estou determinado a criar um ambiente educacional que promova a compreensão, respeito e valorização das diferenças, preparando meus alunos para serem cidadãos conscientes e compassivos em um mundo diversificado.

Neste capítulo da minha jornada, já com meio século de vida, olho para o futuro com entusiasmo e determinação. Um sonho que nutro com fervor de realizar um mestrado, não apenas como uma conquista pessoal, mas também como uma oportunidade de aprimorar ainda mais minha capacidade de impactar positivamente a educação. Almejo trazer o conhecimento adquirido para minha amada Adustina, na Bahia, e contribuir para a melhoria do ensino na rede pública do nosso município. Acredito que a educação é a chave para um futuro melhor, e estou comprometido em continuar meu caminho de aprendizado e crescimento, não apenas para minha própria realização, mas para o benefício de nossa comunidade e de todas as futuras gerações de estudantes. Adentrar no programa do ProfHistória, é parte de um capítulo mais significativo na minha humilde trajetória como docente.

Ensinar não é apenas a minha profissão, é a minha vocação. Tenho um carinho profundo pela docência e um amor inabalável pela educação. Para mim, a sala de aula não é apenas um local de trabalho, é a minha segunda casa, onde procuro criar um ambiente de aprendizado acolhedor e inspirador para os meus alunos. Dediquei uma parte significativa da minha vida à docência e sinto um orgulho imenso no que faço. O respeito que recebo por moldar o futuro da sociedade através do conhecimento é verdadeiramente gratificante. É essa paixão que me

impulsiona a perseverar, mesmo diante dos desafios, e a deixar uma marca duradoura na vida dos meus alunos.

O tema, “O ensino de História e as cavalgadas como expressões de identidade cultural sertaneja na história local de Adustina/BA”, tem como inspiração os alunos e alunas da EJA – Educação de Jovens Adultos – do Colégio Municipal de Adustina/BA, escola onde leciono a mais de duas décadas. São discentes oriundos da zona rural do Município de Adustina/BA, com distorção idade série, que retornam à escola após frequentes evasões.

A escolha do tema, o Ensino de História e as Cavalgadas como expressões de identidade cultural sertaneja na história local de Adustina/BA, é motivada por uma série de elementos que dialogam com a vivência rural, ancestralidade e identidade cultural na comunidade. Como trabalho alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), muitos dos quais têm vínculos intrínsecos com a ruralidade, é essencial abordar temas que ressoem com suas experiências de vida.

A escolha também é influenciada pela minha própria ancestralidade rural, que busca conectar-se com as raízes culturais de nosso município. A cultura das cavalgadas, enraizada na tradição sertaneja, é abraçada de maneira entusiasmada pelos alunos e alunas, tornando-se um ponto de encontro significativo entre as gerações e um instrumento para preservar e celebrar um elemento de identidade cultural da minha terra. Ao explorar essa temática, busca-se, não apenas transmitir conhecimento histórico, mas também promover um diálogo enriquecedor que valorize e respeite as tradições locais, reconhecendo a importância do homem do campo da cultura rural, do sertanejo como parte integrante da identidade de Adustina/BA.

Trata-se de estudantes que já tiveram a experiência com ensino regular, muitas vezes evadiram por acharem os conteúdos enfadonhos, repetidos, além das cobranças e a da metodologia de trabalhado igual do Ensino Fundamental regular. Por isso, vislumbrei em um trabalho que o ensino de História os evidenciasse, os identificassem e os tornasse protagonistas e participantes do próprio processo de ensino-aprendizagem, em um olhar contextualizado com suas culturas, identidades individuais e coletivas.

Outro fator determinante para a escolha do tema foi o diálogo aberto e promissor com meu orientador, o Professor Paulo Heimar. Até porque, eu vinha numa dúvida angustiante, quase a margem de uma crise de ansiedade, quanto a escolha do tema para o projeto de pesquisa. A princípio a ideia não era essa, depois de ter me tranquilizado, disse: “Robério, li seu projeto, vamos dar continuidade a ele, mas antes sugiro que procure seus alunos, dialogue, veja quem são eles? De onde vem? Como ocupam seu tempo? Quais são suas formas de lazer? Identifique-os e se identifique. Vejo o brilho nos seus olhos quando fala de sua terra”. E assim o fiz.

Dessa forma, a escolha do tema conecta-se ao objetivo que o Ensino de História promova uma aprendizagem sensível, que atenda às necessidades e realidades dos alunos da EJA em Adustina/BA. Criando um ambiente de aprendizado mais envolvente e significativo, além contribuir para a preservação e valorização das tradições culturais locais. É notório que as cavalgadas emergem como uma expressão de nossa identidade cultural sertaneja na História Local. Esses eventos tradicionais não apenas celebram nossa herança rural e a relação com a terra, mas também evidenciam a resistência e a resiliência de nosso povo. O estudo dessas cavalgadas não apenas enriquece o conhecimento histórico dos alunos, mas também os conecta emocionalmente com suas raízes e os motiva a preservar e valorizar nossa cultura.

Como professor de História, filho de lavradores, de tradições rurais, que teve uma infância entre a escola e o campo, usava o cavalo e o jumento como instrumento de transporte, quando não ia a pé. Vislumbrei no projeto a necessidade e o comprometimento com a nossa cultura e permanência viva de nossa identidade sertaneja. Ao notar a aculturação dos jovens, de uma parte dos educadores ao se prenderem demasiadamente ao livro didático e ao tradicionalismo dos conteúdos de história, fomos aos poucos perdendo o nosso bonde da história. Contar a História é essencial para compreender o mundo e a humanidade, mas é um erro também esquecer a sua para viver uma outra. “Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir em busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens” (Nora, 1993, p. 17).

O ensino de História, na história local de Adustina/BA com foco nas cavalgadas como expressões de identidade cultural sertaneja, traz fundamentos importantes. Em primeiro lugar, o ensino de História e a história local buscam permitir que os alunos e as alunas se conectem de forma mais sólida com sua própria comunidade e sua cultura. Ao aprender sobre as tradições locais, como as cavalgadas, os estudantes tendem a desenvolver um senso de pertencimento e identidade cultural que é fundamental para a construção de uma consciência histórica. Isso fortalece os laços entre os indivíduos e a comunidade, promovendo um maior respeito pela história e cultura local.

Além disso, o ensino de História ocupa um lugar especial em meu ser, pois compreendo sua importância fundamental na construção cidadã. Transmitir o passado e uma consciência histórica aos meus alunos não é apenas uma responsabilidade, mas também uma oportunidade de ajudá-los a compreender as raízes de nossa sociedade e cultura. Através do estudo da História, eles têm a chance de aprender lições valiosas sobre as lutas e conquistas do passado, na busca de desenvolver um senso crítico e uma consciência social, essenciais para o pleno exercício da cidadania.

Assim, meu amor pela educação se entrelaça com minha dedicação ao ensino da História, pois acredito que, ao tentar formar cidadãos informados e conscientes, estou contribuindo na tentativa de construir um futuro melhor para todos. A sala de aula é meu espaço sagrado, onde compartilho não apenas fatos históricos, mas também valores e perspectivas que almejam possibilitar que mentes jovens desenvolvam e promovam o respeito mútuo em nossa sociedade.

Nesse contexto, não posso deixar de enfatizar a importância e a necessidade do ensino da História Local de Adustina, na Bahia. A História Local é a chave para que os alunos se conectem de maneira mais nítida com sua própria identidade e comunidade. Ao explorar os eventos, as personalidades e tradições que moldaram nossa cidade ao longo dos anos, os estudantes não apenas adquirem um senso de pertencimento, mas também compreendem como as experiências locais se entrelaçam com os eventos nacionais e globais.

Assim como mencionado acima, as cavalgadas emergem como uma expressão de nossa identidade cultural sertaneja na História Local de Adustina/BA. Esses eventos tradicionais não apenas celebram nossa herança rural e a relação com a terra, mas também evidenciam a resistência e a resiliência de nosso povo. O estudo dessas cavalgadas não apenas enriquece o conhecimento histórico dos alunos, mas também os conecta emocionalmente com suas raízes e os motiva a preservar e valorizar nossa cultura.

Dessa forma, o ensino de História e as cavalgadas como expressões de identidade cultural sertaneja na história local de Adustina/BA e a celebração das cavalgadas se entrelaçam harmoniosamente para enriquecer a compreensão de nossos alunos sobre sua própria identidade cultural sertaneja, o pertencimento e sua história local, inspirando-os a se tornarem cidadãos informados e apaixonados por sua comunidade e história.

Percorrer as cavalgadas e sua relação com a identidade sertaneja oferece uma oportunidade para explorar o cotidiano da vida dos alunos, alunas e suas comunidades. Os discentes podem desenvolver habilidades de pesquisa, análise crítica e pensamento histórico. Isso não apenas enriquece seu conhecimento, mas também os prepara para compreender melhor a complexidade das questões culturais e sociais de onde estão inseridos ampliando sua capacidade de entendimento e ressignificação de suas identidades, dando mais ênfase à sua própria história através dessas manifestações.

Circe Bittencourt (2009), evidencia a necessidade e a importância da história local na vida dos alunos e alunas, “A história local se liga à história do cotidiano ao fazer das pessoas comuns de uma história aparentemente desprovida de importância e estabelecer relações entre grupos sociais de condições diversas” (Bittencourt, 2009, p. 168).

Ademais, o ensino de História local ajuda a preservar as tradições e memórias da comunidade onde estão inseridos. À medida que as gerações mais jovens aprendem sobre as cavalgadas e outras expressões culturais locais, elas se tornam guardiãs dessas tradições, garantindo que não se percam com o tempo. Isso é crucial para manter vivas as raízes culturais e a identidade do município de Adustina/BA.

A história local no ensino de História é uma forma eficaz de promover o respeito pela diversidade cultural e o entendimento intercultural. Ao explorar a cultura sertaneja e suas tradições, os alunos desenvolvem empatia e apreço pela diversidade cultural, preparando-se para viver em uma sociedade cada vez mais globalizada.

O ensino de História com foco nas cavalgadas é fundamental para fortalecer a conexão dos alunos e alunas com sua comunidade, desenvolver habilidades críticas e históricas, preservar tradições culturais e promover respeito pela diversidade cultural. É uma parte vital da educação que contribui para a formação de cidadãos conscientes e engajados em seu lugar de origem.

Desenvolver a cultura, a história local no ensino de História é de notável importância, a própria Lei das Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional ressalta sua imprescindível importância nos currículos da Educação Básica. Daí sua vital relevância para que ela expressada em sala de aula. A LDB ressalta:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, 1996, Art. 26).

Ao incorporar a história local no ensino de História, os discentes serão incentivados a explorar as raízes de sua sociedade e a entender como as influências históricas moldaram seu ambiente, proporcionando uma visão mais completa e rica de seu próprio passado e presente. Isso, por sua vez, ajuda a formar cidadãos mais conscientes e conectados com sua cultura e história, contribuindo para uma educação mais significativa e relevante, bem como contribui, para a preservação das tradições e identidades culturais, além de promover um senso de pertencimento à comunidade. “As abordagens da história local e regional possibilitam a construção de relações entre a micro e a macro-história, entre os aspectos locais, os regionais e nacionais, entre os tempos de longa duração” (Silva, 2012, p. 28).

Segundo Maria Auxiliadora Schmidt, “O trabalho de história local pode produzir a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar historicidade e a identidade dele”. (Schmidt, 2009, p. 139). Mais do que a inserção, dos discentes na comunidade, é torná-los

protagonistas, sujeitos que atuam, participam tanto das questões sociais, quanto aos eventos histórico-culturais, como atores e atrizes, que atuam e interagem ativamente nos acontecimentos de sua localidade.

As cavalgadas se tornaram sinônimos de manifestações culturais em várias cidades do sertão. Essas festas vêm trazendo consigo o resgate da sertanejidade, a montaria, a vestimenta, os acessórios de montaria, o velho chapéu de couro, sua ruralidade. Essas expressões mesmo que em festas são imprescindíveis para construir a sua essência cultural e histórica. “Seguramente toda festa popular é importante fonte para construir as particularidades da História da formação da cultura brasileira, servindo de ponto de partida para ensinar História de maneira contextualizada” (Catelli Junior, 2009, p.180).

As festas populares, como fontes valiosas para entender a formação da cultura brasileira ressoam profundamente nesse contexto. Essas celebrações não são apenas momentos de alegria e folclore, mas também representam um ponto de partida crucial para ensinar história de maneira contextualizada. Através das festas, aqui em especial as cavalgadas os estudantes podem mergulhar nas raízes culturais do sertão, compreendendo como eventos históricos, tradições e modos de vida que se entrelaçam para moldar a identidade local, de uma região e, por extensão, a cultura brasileira como um todo. Assim, as festas populares, como as cavalgadas, proporcionam uma janela especial para a exploração da história, cultura e identidade do sertão brasileiro, enriquecendo o ensino de história de maneira significativa e contextualizada.

O ensino de história local, com foco nas cavalgadas como expressões de identidade cultural sertaneja em Adustina/BA, é mais do que uma mera abordagem pedagógica; é um compromisso com a preservação da riqueza cultural, das tradições e memórias de uma comunidade. Ao incorporar essas manifestações culturais nas salas de aula, não apenas fortalecemos os laços dos alunos e alunas com sua terra natal, mas também capacitamos futuras gerações a apreciar e proteger o patrimônio cultural de Adustina/BA. Isso se traduz em cidadãos e cidadãs mais conscientes, respeitosos com a diversidade cultural e engajados em sua comunidade. Portanto, o ensino de história, ancorado nas cavalgadas como expressões culturais, é um instrumento valioso para promover uma educação mais significativa para preservar o rico legado cultural sertanejo. Esse sertanejo forte de tantas lutas, citado na célebre obra de Euclides de Cunha, “O sertanejo é, antes de tudo, é um forte” (Cunha, 1982, p. 91).

O objetivo geral deste trabalho é elaborar uma cartilha intitulada, As Cavalgadas no Ensino de História, abordando a relação entre essa manifestação cultural e a identidade sertaneja em Adustina/BA. Para isso, será apresentada uma cartilha como recurso pedagógico destinada

a professores e alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Municipal de Adustina/BA. Os objetivos específicos da presente pesquisa, são papel das cavalgadas na expressão da identidade cultural sertaneja e sua importância na preservação das tradições locais; Investigar as origens históricas das cavalgadas no contexto histórico; Explorar as cavalgadas no processo de ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA), contextualizada com os conteúdos históricos; Demonstrar a importância da integração do ensino de História local no currículo escolar, com as cavalgadas como parte desse processo; Desenvolver uma cartilha intitulada “O Ensino de História e as cavalgadas”, ensinando a História Local de Adustina/BA, para os alunos das turmas A (6º e 7º ano) e B (8º e 9º ano), da Educação de Jovens e Adultos – EJA do Colégio Municipal de Adustina, que corresponde ao Ensino Fundamental II.

A metodologia deste trabalho tem seu processo inicial de pesquisa envolveu a seleção do objeto de estudo, a fim de assegurar a consonância dos objetivos da pesquisa com as necessidades e interesses dos alunos, bem como a adequação das intervenções pedagógicas planejadas às expectativas da instituição escolar. Este diálogo foi determinante para a delimitação precisa dos rumos da pesquisa.

Posteriormente, procedeu-se ao levantamento de referências, o qual teve início com a busca de literatura pertinente ao objeto de estudo utilizando descritores como "cavalgadas", "história local" e "identidade sertaneja", acessando os catálogos da Capes e o repositório do ProfHistória. Como salientado por Cunha Neto e Castro (2017), "o que nos motiva a pesquisar algo advém das experiências de vida, sejam pessoais e/ou profissionais, do contexto sociopolítico e econômico vivenciado e das lacunas existentes nas investigações científicas". Além disso, o uso de fotografias como fontes documentais, também foi fundamental nesse processo. Como destaca Bittencourt (2009), “a fotografia tem contribuído para muitos estudos do período contemporâneo, sendo objeto de pesquisa ou fonte documental para muitos historiadores” (Bittencourt, 2009, p. 365). Esse processo contribuiu significativamente para o embasamento teórico da pesquisa.

Em seguida, realizou-se a busca por revistas e artigos acadêmicos sobre cavalgadas, visando aprofundar o conhecimento sobre a origem, a realidade atual e as contribuições culturais desses eventos, especialmente no contexto educacional e no ensino de história. Como mencionado por Pollak (1992), “o trabalho do historiador faz-se sempre a partir de alguma fonte”, e essa etapa foi crucial para a construção de um arcabouço teórico sólido”.

A subsequente etapa consistiu na investigação das características dos eventos de cavalgadas, incluindo sua organização, localização, atrativos culturais e estratégias de

divulgação. Explorar esses aspectos essenciais dos eventos contribuiu para uma compreensão mais abrangente do fenômeno estudado.

Por último, ampliou-se a pesquisa por meio de diálogos e entrevistas com locutores de rádio locais e regionais¹ a fim de compreender como as cavalgadas são divulgadas e cobertas pela mídia. Essa interação proporcionou *insights* valiosos sobre a promoção e visibilidade desses eventos na mídia.

Esse roteiro de pesquisa reflete uma abordagem abrangente, considerando tanto a fundamentação teórica quanto as perspectivas práticas e as interações com a comunidade local. Essa combinação de elementos contribuirá para uma pesquisa significativa sobre as cavalgadas, integrando-as de maneira relevante ao contexto da história local, a história local e sua identidade cultural sertaneja.

Ao trabalhar a história local, é indispensável o uso da memória, fazer uma interlocução com seus agentes, para melhor compreender o lugar, suas vivências, experiências de vida e as transformações socioculturais e econômicas ao longo do tempo. Ela desempenha um papel fundamental na preservação das experiências e eventos que moldaram o passado, tornando-se a base sobre a qual a história é construída. “...a necessidade de memória é uma necessidade de história” (Nora, 1993, p. 14).

As cavalgadas são eventos que visam mostrar as características histórico-culturais e identidades de uma localidade, o uso do registro fotográfico é uma ferramenta imprescindível, e ela fará parte do trabalho, não só para documentar o evento, mas para se perpetuar na memória como arquivo vivo. “A fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida”. (Mauad, 1996, p. 8). História e Memória de Le Goff fazem referências significativas sobre o uso da fotografia, “A fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (Le Goff, 1990, p. 466).

O ensino de História, história local e as identidades estão intrínsecos à cultura, a pesquisa aborda a cultura como forma explícita na preservação das raízes culturais do lugar. Evidenciar a importância da cultura na formação das identidades recusando a hierarquização e a dependência de outras culturas. “Recusar a subalternidade da cultura popular, recuperar sua importância fundamental é concebê-la a ocupar um lugar privilegiado de onde se pode pensar

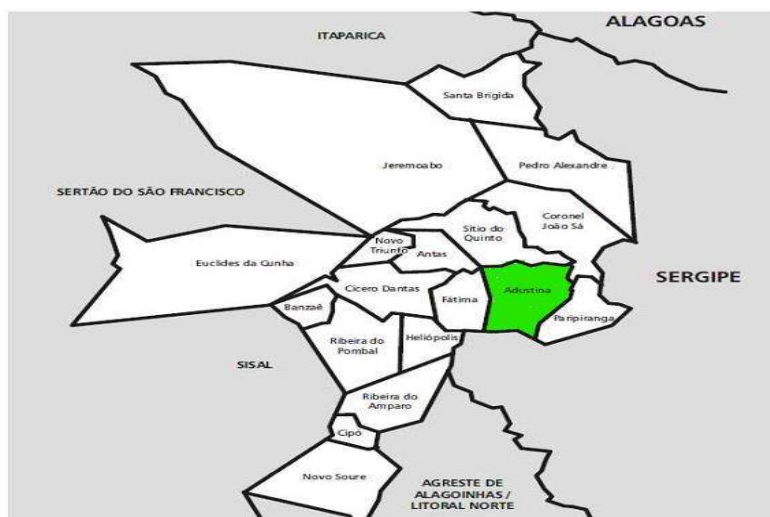
¹ Locutores da Rádio Nação FM, da cidade de Fátima/BA: do Sistema de Rádio Abrasom da cidade de Adustina-BA; da Rádio Regional FM da cidade de Ribeira do Pombal-BA.

e ver criticamente, perspectivas analíticas capazes de pensar em profundidade a história do Brasil e da cultura brasileira em geral” (Silva, 2008, p. 9).

Destarte, o produto deste trabalho resultará na elaboração de uma cartilha intitulada “Uma cartilha voltada ao Ensino da História Local de Adustina/BA”, direcionada aos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Municipal de Adustina/BA. A cartilha será construída com base em imagens, xilogravuras e conteúdos sobre as cavalgadas, abordando seu cenário, os locais onde ocorrem, os patrocinadores, o protagonismo do vaqueiro, além das dimensões sagradas e profanas que permeiam essas festividades. Artistas populares, como repentistas, aboiadores, cordelistas, poetas e poetisas, que participam das cavalgadas, também serão destacados, com foco em suas performances e expressões artísticas. A seguir, abordaremos Adustina, o lugar, contexto essencial para compreender a identidade e a importância dessas manifestações culturais no Município.

CAPÍTULO I – ADUSTINA/BA, O LUGAR.

Figura 1 - Mapa do semiárido baiano



FONTE: <https://conferenciadecultura.wordpress.com/2011/09/30/territorio-de-identidade-semiarido-ne-ii/>. Acessado em 24/05/2023.

O Município de Adustina/BA está inserido na região Nordeste do Estado da Bahia, especificamente na região do Semiárido Nordeste II. Em termos de limites geográficos, o município faz fronteira ao norte com os municípios de Coronel João Sá/BA e Sítio do Quinto-BA; a oeste, limita-se com os municípios de Antas-BA e Fátima/BA; a leste, faz divisa com o município de Paripiranga-BA; e ao sul, faz divisa com o Estado de Sergipe, mais precisamente com o município de Poço Verde.

Segundo dados retirados do *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)², o Município de Adustina/BA, está registrado no órgão com o código nº 2900355, seu gentílico é o adustinense e sua data de aniversário é 5 de abril. Está a 369 km de distância da Capital Salvador, tem uma área de 629,099 km², com uma população estimada de 14,200 habitantes (2022), sua densidade demográfica é 22,57 hab./km² (2022). Com relação aos dados socioeconômicos, o mesmo *site* mostra que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é 0,546, (2010) com uma renda *per capita* de R\$ 17.815,37 (2020).

No que se refere aos dados socioeducacionais o site do IBGE exibe uma taxa de escolarização de 98,1% dos jovens em idade entre 6 a 14 anos (2022). Com relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) – os anos iniciais do ensino fundamental (2021) –, o município obteve a nota 6,1 (2021). Nos anos finais do ensino fundamental, a nota foi 4,9 (2021).

Dados pesquisados da Secretaria Municipal de Educação (SEC)³ de Adustina/BA, possui nove escolas: o Colégio Municipal de Adustina, a Escola Municipal Professora Maria da Anunciação Rocha, a Escola Municipal Presidente Itamar Franco, Escola Municipal Nossa Senhora da Conceição, a Escola Municipal Clarival Dantas Trindade, a Escola Municipal Maria Esther Riberio Rosário, a Escola Municipal Manuel Ribeiro Neto, o Centro de Educação Infantil, Hilda Santana Ribeiro e a Escola Municipal Professor José Vinicius Gonçalves dos Santos.

A rede municipal de ensino em 2024 conta com 3.177 alunos. Distribuídos de acordo com a tabela abaixo:

Tabela 1 – Distribuição de Alunos matriculados na rede Municipal de Adustina/BA

ALUNOS MATRICULADOS NA REDE MUNICIPAL DE ADUSTINA EM 2024						
Creche	Pré-escola parcial	Pré-escola integral	Fundamental Anos iniciais	Fundamental Anos finais	EJA*	Fundamental anos iniciais (Integral)
240	293	27	899	723	952	43

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Adustina/BA - Cleidiane de Jesus Santana, Coordenadora de Gestão de Dados Educacionais.

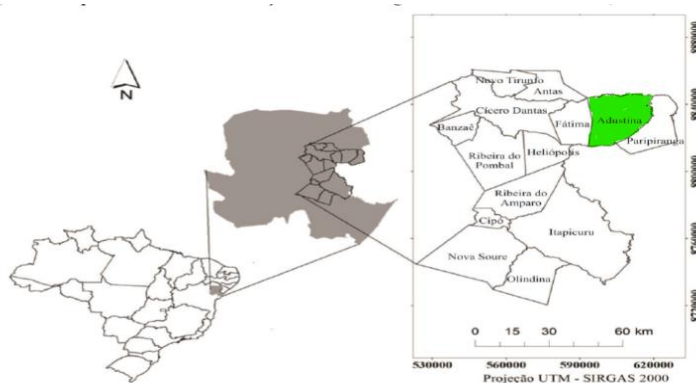
* Educação de Jovens e Adultos.

O Município faz parte da microrregião de Ribeira do Pombal/Ba, que além de Adustina, integra os municípios, Antas, Banzaê, Cícero Dantas, Cipó, Fátima, Heliópolis, Itapicuru, Nova Soure, Novo Triunfo, Olindina, Paripiranga, Ribeira do Amparo e a própria Ribeira do Pombal/BA.

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/adustina/panorama>, acessado em 10 de outubro de 2023

³ Secretaria Municipal de Educação de Adustina-BA

Figura 2 -Microregião de Ribeira do Pombal/BA



Organização: Autores

Figura 2: FONTE: Drauzio Correia Gama, Janisson Batista de Jesus. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/geoambiente/article/view/51034/26958> . Acessado em 24/05/2023.

CAPÍTULO II – UMA BREVE PÁGINA DA HISTÓRIA DE ADUSTINA/BA

A origem do Município de Adustina, Estado da Bahia, tem sua gênese como a tantos vilarejos que se espalharam pelo sertão do Nordeste brasileiro: em terras áridas cobertas pela vasta caatinga e inúmeras fazendas que foram constituídas através das sesmarias do sertão, distantes da engrenagem econômica da colônia movida, nos tempos áureos, pela mineração e posteriormente pelo cultivo da cana-de-açúcar. Como cita Caio Prado Júnior (2004), “O vaqueiro recebe assim, de uma só vez, um grande número de cabeças, que bastam para ir se estabelecer por conta própria. Fá-lo em terras que adquire, o mais comumente, arredando as dos grandes senhores de sesmarias no Sertão”.

O povoamento de praticamente todo o sertão nordestino se deu pela criação de gado, sem muitos custos e adaptado ao clima, o gado era deixado à lei da natureza dispensando poucas atenções, e o maior cuidado consiste em evitar o seu extravio e reuni-lo para ser utilizado, o povoamento do município de Adustina/BA nasce dentro desse contexto histórico. “A civilização que penetra pelo interior corta os campos de estradas, e semeia pelo vastíssimo deserto as casas, e mais tarde as povoações. Não era assim no fim do século passado, quando apenas se encontravam de longe em longe extensas fazendas” (Alencar, 1995, p. 8).

Seu primeiro nome, Queimadas, se dá justamente devido à prática das queimadas na caatinga para constituições de pasto. Caio Prado Júnior (2004), “Nos pastos (a designação até que soa mal) não se faz mais que queimá-los anualmente antes das chuvas para aquilo que brotar de fresco a vegetação forneça uma forragem, mas tenra e viçosa”. Queimadas essas, realizada pelos fazendeiros locais, deram o primeiro nome ao Município de Adustina: Queimadas.

Assim como grande parte dos povoados e cidades surgiu ao redor de uma capela, devido à forte influência da Igreja Católica, esta deveria ser construída. No entanto, as terras no local para a construção deveriam ser devidamente registradas e doadas à Igreja Católica, como explica Murilo Marx,

(...) não bastava, contudo, erguer uma ermida; não bastava construir, por melhor de fosse, uma capelinha; era necessário oficializá-las. Não era suficiente dotar o povoado de um abrigo para o exercício religioso em comum; era necessário sagrá-lo” (Marx, 1991, p.19).

Desse cenário surge o povoado, com influência do Padre Dr. João de Matos Freire de Carvalho⁴, da Paróquia Nossa Senhora do Patrocínio do Coité, no Município de Paripiranga, ao qual Adustina pertencia antes de sua emancipação política. Segundo Santana (2008), em 1905, o fazendeiro Justino Vieira constrói uma Capela (figura abaixo), com um cemitério ao lado. No entanto, após várias tentativas do Padre Dr. João de Matos de obter a escritura do terreno onde a capela foi construída, e diante das respostas negativas do Sr. Justino Vieira, o Padre decidiu construir outra capela nas terras doadas por José Antônio de Souza, conhecido como Antônio Barros, conforme mencionado pelo historiador local Roberto Santos Santana.

Figura 3 - Capela dos Vieira



Fonte: Acervo de Jailson Rodrigues do Nascimento (Pelezinho) disponível em:
http://3.bp.blogspot.com/MpNuuLkOWW0/VPhTcWKwhEI/AAAAAAAAAKhA/aycxhMVFPok/s1600/423142_277014742420031_1929235929_n.jpg

Depois de muita insistência do Padre Dr. João de Matos em haver a escritura de doação da Capela e cemitério para Matriz Nossa Senhora do Patrocínio do Coité, o mesmo se cansa de esperar, e passa a incentivar os moradores do lugar para que se construa uma nova capela que fosse franca ao Vigário e ao povo do lugar. Celebrada a primeira a primeira missa da capela de “Antônio Barros” a 4 de setembro de 1910, firma-se a verdadeira fundação do povoado Queimadas (Santana, 2008. p. 68)

⁴ Vigário da Matriz de Nossa Senhora do Patrocínio do Coité, da Paróquia de Bom Conselho de 1889/1946

Assim, entre o final do século XIX e o início do século XX, surge o povoado de Queimadas, ao redor de uma capela, em meio às desavenças entre a família do Sr. Justino Vieira e a Igreja Católica, e à doação de terras da família do Sr. Antônio Barros para a construção de outra capela (figura abaixo). Em 30 de novembro de 1938, o povoado é elevado à categoria de distrito, tendo seu nome mudado para Bonfim do Coité, nome que mais tarde seria alterado para Adustina, conforme citado por Santana:

Não perdurando este, foi criado o nome “Adustina”, que significa “terra fértil” em latim, Nome indicado pelo insigne professor Francisco de Paula Abreu, quando na sua estada na Vila, dia que estava a participar de comemoração religiosa, discutiu-se a mudança do nome e foi aceito por todos a indicação do nome dado e lá estava Abreu, a indicar o nome, “Adustina”, que de imediato foi aceito por todos, principalmente por João de Matos que era seu grande admirador (Santana, 2008, p. 75).

Com o passar do tempo devido à sua localização geográfica entre sertão e zona da mata, o Distrito de Adustina foi substituindo a cultura do gado, pela agricultura, que aos longos anos se tornaria um dos maiores produtores de feijão do Estado da Bahia e uma referência agrícola na região.

Figura 4- Igreja Nossa Senhora de Vitória, Adustina/BA



Fonte: Acervo de Jailson Rodrigues do Nascimento (Pelezinho) disponível em: http://3.bp.blogspot.com/-MpNuuLkOWW0/VPhTcWKwhEI/AAAAAAAAAKhA/aycxhMVFPOk/s1600/423142_277014742420031_1929235929_n.jpg

Com uma economia fortificada pela agricultura, a então Vila Adustina/BA passou a ganhar notoriedade na região devido à significativa produção de feijão. Esse cenário motivou agricultores, políticos, comerciantes locais, professores e estudantes universitários que estudavam na capital Salvador, apoiados pela maioria da população adustinense, a reivindicarem junto a representantes políticos na capital do Estado sua emancipação política.

Como resultado dessas manifestações, em 8 de janeiro de 1989, foi realizado um plebiscito em Adustina/BA para ratificar sua emancipação política. Com a apuração de 1.653

votos, um expressivo total de 1.628 votantes optou pelo "sim", enquanto apenas 7 votaram "não". Além disso, registraram-se 4 votos em branco e 14 votos nulos, conforme atestado na Ata da apuração do plebiscito do Distrito de Adestina/BA, realizado em 8 de janeiro de 1989. Como resultado desses desdobramentos, a Lei nº 4.851, datada de 5 de abril de 1989, instituiu o Município de Adestina/BA, separando-o do Município de Paripiranga.

CAPÍTULO III – AS CAVALGADAS COMO EXPRESSÕES DE IDENTIDADE CULTURAL SERTANEJA

Dentro do pulsante calendário festivo do Município de Adestina/BA, destaca-se a tradicional celebração em honra ao Senhor do Bonfim, que acontece entre os dias 4 e 16 de janeiro. Esta festividade compreende tanto aspectos religiosos quanto profanos, enriquecendo a cultura local.

A parte religiosa da festa é marcada pelo novenário dedicado ao Senhor do Bonfim, realizado com devoção e fervor entre os dias 4 e 13 de janeiro. Durante esse período, a comunidade se reúne para prestar homenagens e expressar sua fé por meio de celebrações de missas e novenas.

A festa profana, por sua vez, ganha vida nos dias 15 e 16 de janeiro, trazendo uma atmosfera de alegria e confraternização à cidade. Essa parte mais festiva inclui eventos com atrações musicais de artistas e bandas famosas, apresentações culturais e atividades que unem os moradores e turistas em uma celebração calorosa.

Além da celebração em honra ao Senhor do Bonfim, o município de Adestina/BA também destaca o Novenário de Maio, uma fervorosa homenagem a Nossa Senhora da Vitória, realizada ao longo do mês de maio, do dia primeiro ao dia trinta e um. Este evento é especialmente significativo, culminando em uma celebração especial dedicada aos tratoristas, devido à sua relevância no trabalho com os tratores no preparo da terra para o plantio de feijão e milho, as principais bases econômicas do município. A contribuição dos tratoristas para a comunidade é inestimável.

Anteriormente conhecida como a Festa dos Motoristas, a transição para a designação de Festa dos Tratoristas ocorreu nos anos 1990, em resposta ao notável aumento no número de tratores no município. Essa mudança de nome não apenas reconheceu a vital contribuição dos tratoristas, mas também prestou uma justa homenagem ao papel fundamental desempenhado por eles na produção de feijão e milho, solidificando a posição de destaque de Adestina/BA na região do semiárido baiano como um proeminente polo agrícola.

Outro evento que ganhou destaque na agenda cultural do município de Adustina/BA são as cavalgadas. Embora não haja um calendário específico para essas celebrações, elas geralmente ocorrem nos meses de outubro, novembro e dezembro. Esse período coincide com a comemoração da colheita do milho, proporcionando uma oportunidade para expressar gratidão pelas bênçãos divinas, especialmente por um inverno frutífero. Refletindo sobre a dinamicidade da prática cultural popular, (Machado, 2002, p.338) enfatiza, “as formas de expressão da cultura popular são impregnadas por suas formas de sobrevivência, de lutas e de experiências; refletem situações concretas, são práticas do mundo real”.

As cavalgadas enriquecem a tradição cultural local. “A prática de cavalgar, intrínseca às atividades pastoris do sertanejo, transcendeu o território cultural das vaquejadas e adquiriu atributo de festa com a denominação de cavalgada” (Silva, 2023, p. 492). A figura emblemática do sertanejo, o vaqueiro, unindo a comunidade em torno da celebração da abundância e do árduo trabalho na agricultura e pecuária.

Esses eventos proporcionam momentos de alegria e confraternização, fortalecendo os laços comunitários e enaltecendo a cultura diversificada representada pelos vaqueiros, lavradores, agricultores e pecuaristas de Adustina/BA. “Ao vaqueiro, sim. Deve a vida social que [no sertão] abrolhou intensamente. Deve a economia, que, sob a sua vista, à sua voz suja de poeira, se modelou, cresceu e auxiliou a combalida dos canaviais” (Boaventura, 1989, p.11). O vaqueiro, com sua destreza e conhecimento ímpar do campo, desempenha um papel vital nessa narrativa cultural, sendo um símbolo essencial da identidade e prosperidade da comunidade local.

1. Cavalgadas, suas origens e o protagonismo do vaqueiro

As cavalgadas, muito antes de se tornarem uma celebração festiva em diversos espaços do sertão, têm uma história marcante no sertão nordestino. “As cavalgadas há muito tempo existem nos sertões nordestinos, cujos grupos de montadores a cavalo, chamados de comboieiros, percorriam longos caminhos na condução de boiadas ou no transporte de alimentos e mercadorias” (Goveia, 2022, p. 88).

Essa herança funcional das cavalgadas, contudo, transformou-se ao longo do tempo em uma expressão cultural festiva. A transição gradual das práticas utilitárias para elementos de celebração evidencia não apenas a resiliência, mas também a adaptabilidade das tradições locais.

A pega de boi, as vaquejadas, a missa do vaqueiro, e posteriormente, as cavalgadas, fazem parte da cultura sertaneja com a chegada do gado à colônia portuguesa na América, ainda no

século XVI, “As primeiras levas de gado chegaram à então província para depois iniciar o palmilhar do chão sertanejo, há controvérsias entre os estudiosos. Certo é que isso já acontecia em 1550 como pode se ver em carta⁵ de 18 de junho de 1551, do governador Tomé de Souza ao rei” (Faria, 1969, p.12).

O vaqueiro, originalmente um condutor de boiadas, emergiu como uma figura central nesse processo de evolução de localidades interioranas, simbolizando a coragem e habilidade que são fundamentais para desbravar o sertão nordestino. “Em cima do cavalo arreado e assim vestido que o vaqueiro conquistou, palmo a palmo, sesmaria a sesmaria, a nova morada do gado e que se fez a fixação nos longínquos sertões” (Queiroz, 2010, p. 78). Essa conquista não se limitou apenas à morada do gado, mas estendeu-se ao povoamento do sertão. O vaqueiro, com sua heroica condução de boiadas e exploração incansável dos territórios, desempenhou um papel fundamental na ocupação e desenvolvimento dessas vastas regiões do sertão nordestino. “Fez-se, dessa maneira, portanto, o povoamento da hoje Feira de Santana, do estado da Bahia – e aqui, repito mais uma vez, imperativo se faz não o confundir com a cidade de São Salvador ou Cidade da Baía – e do Nordeste e de outras regiões do Brasil” (Queiroz, 2010, p. 78). Sua presença não apenas impulsionou povoações, o desenvolvimento econômico, mas também influenciou a diversidade cultural característica do interior da Região Nordeste.

Na árdua e incansável jornada diária, enfrentando o inclemente clima abrasivo do sertão e desbravando a vegetação espinhosa da caatinga, o vaqueiro não apenas se dedica ao trabalho, mas também reserva preciosos momentos para o lazer. “Estes momentos de descontração e comemoração, são importantes para estabelecer um descanso, bem como mudanças nas rotinas de trabalho do dia a dia sacrificante” (Goveia, 2022 p. 96). As vaquejadas, era o principal divertimento do vaqueiro.

Sobre vaquejadas Câmara Cascudo escreve:

Na literatura colonial não há registro das “vaquejadas”, conhecemos hoje no nordeste brasileiro. Viajantes, mercadores, naturalistas, aventureiros, traficantes de escravos, todos quanto deixaram impressões sobre o Brasil no século XVII e XVIII os princípios do XIX, assistiram festas inumeráveis, mas nenhuma parecia com as nossas “apartações” do e “derrubadas” de gado. Como em Portugal especialmente durante o século XVIII, as touradas dominaram, veio o costume para o Brasil, mas não se aclimatou no norte (Cascudo, 1984. p. 77-78).

⁵ “Este anno passado veo a esta cidade a caravela Galga de V. A. com gado vacuum que he a mayor noobreza e ffartura que pode aver nestas partes e eu a mandy tornar a caregar a Cabo verde do mesmo gado”. (FARIA, 1969, p. 12)

A origem das vaquejadas, portanto, parece ser uma evolução única e autêntica no contexto do Nordeste brasileiro, distinta das tradições importadas de Portugal. Essa prática, que hoje é uma expressão cultural e uma competição popular, revela a capacidade de adaptação e a criatividade do povo sertanejo ao transformar as atividades relacionadas à pecuária em eventos festivos e esportivos singulares. A ausência de referências na literatura colonial destaca a singularidade e a autenticidade das vaquejadas, enraizando-as de forma intensa no rico mosaico cultural da região Nordeste do Brasil.

Nos escritos de Euclides da Cunha, a vaquejada e o vaqueiro emergem como elementos marcantes do sertão. O vaqueiro, em particular, é descrito de maneira impressionante, sendo comparado a um gladiador: "A sua corpulência de atleta contrastava com os corpos mirrados que turbilhonavam em roda. Lembrava um gladiador possante entre boximanes irrequietos" (Cunha, 1982, p. 317).

A imponente figura do vaqueiro confere ao sertanejo uma presença singular, transformando-o em um indivíduo que enfrenta as dificuldades impostas pela natureza, como os labirintos da caatinga na lida com gado. Em seus momentos de descanso, esse sujeito narra suas aventuras: "Volvem os vaqueiros ao pouso e ali, nas redes bamboantes, relatando as peripécias da vaquejada ou famosas aventuras de feira, passam horas matando, na significação completo do termo, matando o tempo..." (Cunha, 1982, p. 101).

A origem da vaquejada remonta às festas de apartação e derrubada do gado, práticas arraigadas no cenário sertanejo. Nesse contexto histórico, a vaquejada, a pega de gado e a figura do sertanejo, especialmente a emblemática do vaqueiro, constituem os alicerces que deram origem às cavalgadas. Essas tradições, inicialmente presentes nos rincões do sertão, floresceram e se difundiram nas cidades, tornando-se não apenas eventos festivos, mas também uma tradição cultural indissociavelmente ligada à identidade sertaneja.

A trajetória histórica da vaquejada e da pega de gado, que darão origem as cavalgadas representam uma evolução cultural, refletindo não apenas as habilidades práticas dos vaqueiros, mas também a capacidade dessas tradições de se reinventarem, transcendendo o seu contexto inicial para se transformarem em manifestações culturais amplamente reconhecidas e apreciadas. "Ao observar a materialização da cavalgada no território e estudá-la através de suas sócio-espacialidades, é possível compreender o espaço indissociado das relações de diferentes dimensões, empreendidas na realização desta manifestação, que por sua vez faz em territórios" (Santos, 2023, p. 401).

2. As cavalgadas e a religiosidade do sertanejo

As cavalgadas também trazem em suas manifestações culturais a religiosidade do sertanejo, que, envolto em inúmeras dificuldades – sejam elas pelas desigualdades sociais, sejam pelas intempéries naturais, em especial a seca que sempre assolou o sertanejo –, encontra na fé um refúgio e uma forma de expressar sua devoção. Maria de Lourdes Soares, em “O sertanejo: entre Deus e o Diabo na terra do sol”, escreve:

Para suportar as dificuldades da existência e para enfrentar os problemas diários, foram imantados de religiosidade, recorrendo às forças espirituais, com um complexo de significações e de ações que envolviam rezas, ritos, novenas, promessas, pactos de salvação, de silêncios, de respeitos, de resignações e de sacrifícios (Soares, 2017. 148)

Nas cavalgadas, essa religiosidade se torna visível não apenas como um elemento simbólico, mas como uma força que impulsiona a comunidade sertaneja. As cavalgadas frequentemente incluem elementos religiosos, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida sendo carregada pelos vaqueiros. Destarte, as cavalgadas refletem a destreza prática dos sertanejos no lombo do cavalo, além de incorporarem a fé e a espiritualidade que desempenham um papel essencial na vida do sertanejo, proporcionando-lhes uma fonte de força e resistência diante das adversidades. Essa interconexão entre religiosidade e cavalgadas, caracteriza a vida no sertão nordestino.

Figura 5- Imagem Nossa Senhora de Fátima, Cavalgada do Assentamento Caimã, Adustina/BA.



Fonte: Robério da Silva de Andrade (2023).

As cavalgadas evidenciam as tradições do sertanejo e também refletem profundamente a fé que permeia a vida destes homens desde os primórdios do povoamento do Brasil. A relação intrínseca entre as cavalgadas e a devoção religiosa do homem do campo percorre desde a colonização, com o sertanejo buscando proteção divina e intercessão dos santos para assegurar dias melhores, um bom inverno, saúde necessária para prosseguir na árdua labuta diária e

proteção contra o “maligno”⁶. O sincretismo passava pelos messias singulares e evangelizadores da época do povoamento do Brasil, pois o Catolicismo popular sertanejo era marcado pela tradição dos beatos e beatas, com suas cantorias e rezas populares, além do medo do diabo” (Soares, 2017, p. 163).

Essa conexão espiritual está impregnada na devoção arraigada do homem do sertão, e nas manifestações das cavalgadas, esse sentimento de fé emerge como uma força resiliente que desafia todos os males⁷. Nas cavalgadas, a comunidade sertaneja expressa coletivamente sua confiança no Divino, transformando esses eventos não apenas em celebrações culturais, mas em expressões fervorosas de devoção e esperança. Assim, as cavalgadas se tornam uma demonstração de habilidade e tradição, um testemunho vivo da religiosidade que sustenta o coração do sertanejo ao longo das gerações.

É importante ressaltar a presença do profano no contexto das cavalgadas: "O profano, por outro lado, é tudo aquilo que é oposto ao sagrado e não está ligado à religiosidade" (Eliade, 1992, *apud*. Goveia, 2022, p. 52). Em meio à fé profundamente enraizada no sertanejo, as cavalgadas transcendem as fronteiras do sagrado ao oferecer também entretenimento profano. Os eventos incluem shows de música com bandas ao vivo, apresentações de aboiadores e repentistas, criando uma atmosfera festiva e animada. A presença de bebidas alcoólicas corrobora ainda mais a natureza secular dessas celebrações. Essa dualidade, onde o sagrado e o profano coexistem, destaca a riqueza e a complexidade das cavalgadas como manifestações culturais que abraçam tanto a espiritualidade quanto a alegria terrena.

3. O cenário das cavalgadas, a caatinga como palco

À medida que a caatinga serviu de cenário para eventos marcantes, como a pega de boi, as festas de apartação e as vaquejadas, testemunhamos, infelizmente, o declínio gradual dessas práticas e do próprio bioma ao longo do tempo.

Cavalcanti menciona,

A pega de boi no mato, uma prática intrínseca à caatinga nordestina, tem desempenhado um papel significativo desde meados do século XIX. No entanto, contemporaneamente, enfrenta uma ameaça de extinção em grande parte do sertão nordestino, assim como a própria vegetação nativa, a caatinga, que está sob risco iminente de desaparecimento (Cavalcanti, 2017, p. 01).

⁶ Expressão no interior do Nordeste para não pronunciar o nome do diabo.

⁷ Males como a seca, a violência e a exploração do trabalho e conflitos no campo são exemplos de desafios enfrentados pelas comunidades sertanejas.

Essa dualidade entre a tradição sertaneja e a crescente vulnerabilidade da caatinga destaca a urgência de preservar esses elementos intrínsecos à identidade cultural. Em contraponto a esse cenário, as cavalgadas ganham visibilidade e mais adeptos; no entanto, é perceptível a devastação da caatinga no município de Adustina/BA, principalmente em virtude do avanço da agricultura.

Os trajetos das cavalgadas desdobram-se em uma constante fusão entre a paisagem urbana e rural, imergindo nas paisagens agrícolas e na caatinga. Dentro dessa diversidade de cenários, as cavalgadas exploram uma variedade de caminhos distintos, conectando fazendas em percursos que se estendem para além dos limites rurais. Elas atravessam parte da zona urbana, percorrendo estradas vicinais ladeadas por roças, além dos terrenos áridos da caatinga. Nesse trajeto multifacetado, as cavalgadas celebram a tradição e a identidade sertaneja, que refletem a riqueza e a complexidade das paisagens do sertão.

Figura 6 - Cavalgada do Milho, Pov. Jurema - Adustina/BA.



Fonte: Robério da Silva de Andrade (2023)

4. As cavalgadas de Adustina/BA e sua diversidade cultural

As cavalgadas de Adustina/BA, transcendem as tradições e tornam-se um verdadeiro desdobramento da diversidade cultural e da expressão da identidade sertaneja, construindo sua cultura. “Cultura não são comportamentos concretos, mas sim significados permanentemente atribuídos pelos homens ao mundo. São fatos e processos que atravessam os limites entre as diferentes camadas sociais” (Cavalcanti, 2001, p.72). As cavalgadas dão visibilidade a diversidade de talentos locais, incluindo repentistas que encantam com suas rimas improvisadas, entoam canções que narram a vida e as aventuras do homem sertão, e aboiadores habilidosos que dão vida aos antigos cantos do gado.

No livro "A Serra dos Dois Meninos", de Aristides Faria Lima, cuja história se passa na fazenda Gravatá, no município de Adustina/BA, narra-se a figura do vaqueiro na caatinga, em sua lida com o gado, tendo o aboio como entretenimento,

Os vaqueiros entremeavam no canto palavras suas, nomes de reses do rebanho, expressões com que se dirigiam aos animais, e tudo aquilo num arranjo de melodia que, cheia de volteios, de altos e baixos, terminava num som plangente de uma nota só que se perdia nas caatingas. Era o "aboiado". (Lima, 1993, p.15)

Festas populares, como as cavalgadas, apresentam dinâmicas singulares, marcadas pelo encontro de numerosos representantes da cultura sertaneja. Esses eventos abrigam uma variada gama de artistas, cujas atuações nem sempre seguem um perfil homogêneo. Diferentes grupos de participantes revelam preferências diversas: enquanto alguns apreciam os repentes, os jovens inclinam-se mais para as bandas com cantores sertanejos durante as festividades noturnas. "É inegável que as modificações alteram as dinâmicas da festa; no entanto, o novo e o moderno não anulam a essência do que já existe. Ao contrário, proporcionam novos movimentos, práticas e interações" (Marques; Brandão, 2015, p. 17). Essa coexistência de diversas expressões artísticas enriquece a experiência festiva, respeitando a variedade de gostos e contribuindo para a constante renovação das práticas culturais sertanejas.

Figura 7- Apresentação do repentista e compositor João do Cedro



Fonte: Poeta João de Cedro (2023)

Nessas cavalgadas, a presença de poetas, poetisas e cordelistas é notável, pois, com seus poemas e rimas, eles conseguem animar e encantar os ouvintes. Suas criações frequentemente evocam toadas sobre a vida do gado, proporcionando uma narrativa poética que ressoa com a essência do sertão. Como destaca Câmara Cascudo, "Os motivos da poesia tradicional sertaneja só podiam ser, evidentemente, os emanados do ciclo social, do ciclo do gado, da memória velha

que guarda os romances primitivamente cantados nos primeiros copiares erguidos na solidão do Nordeste do Brasil” (Cascardo, 1984, p. 17).

Além disso, esses versadores do sertão enriquecem as cavalgadas ao oferecerem uma expressão autêntica da cultura local. Seus poemas capturam não apenas as tradições pecuárias, mas também servem como uma ponte para a memória coletiva, preservando romances e narrativas antigas que ecoam nas paisagens do Nordeste brasileiro. O papel desses poetas nas cavalgadas transcende o entretenimento, pois eles se tornam guardiões da tradição, conectando as gerações por meio de suas palavras que ecoam a história e a vida no sertão brasileiro.

A dinâmica da cultura popular, suas expressões e tradições, está impregnada por suas próprias formas de sobrevivência, lutas e experiências vividas. “As formas de expressão da cultura popular são impregnadas por suas formas de sobrevivência, de lutas e de experiências; refletem situações concretas, são práticas do mundo real” (Machado, 2002, p. 338). Dessa forma, as cavalgadas emergem como um palco onde a cultura popular se manifesta de maneira atuante e autêntica. Elas representam as tradições, histórias e vivências do sertanejo, proporcionando um espaço onde as raízes culturais não são apenas preservadas, mas também renovadas. Os elementos presentes nas cavalgadas, desde as músicas aos repentes, dos cantos aos poemas, são testemunhas da vitalidade e da adaptabilidade da cultura popular, que evolui em resposta às mudanças sociais e mantém sua ressonância nas experiências cotidianas.

CAPÍTULO IV – A ORIGEM DAS CAVALGADAS NO MUNICÍPIO DE ADUSTINA/BA

A origem das cavalgadas no Município de Adustina/BA remonta à Missa do Vaqueiro e à pega de boi no mato. A cavalgada não é apenas uma simples montaria ou passeio equestre; é uma manifestação que honra a herança e o espírito destemido dos vaqueiros e dos sertanejos, destacando a conexão intensa e visceral entre o homem, o animal e a terra. Ao entendermos melhor essa prática, mergulhamos nas raízes de uma tradição que não apenas preserva as habilidades do vaqueiro, mas também celebra a coragem e a determinação transmitidas de geração em geração.

As cavalgadas no Município de Adustina/BA tornaram-se parte viva da cultura local, tendo sua origem marcada pelo Sr. Pedro Correia de Andrade, conhecido popularmente como Correinha da Zabumba, no início da década de 1990, no século XX. Seu legado perdura como um elemento vital na tradição cultural de nossa localidade. Correinha, com sua paixão pela tradição vaqueira, plantou as sementes dessa manifestação, que floresceu ao longo dos anos. As

cavalgadas não são apenas eventos isolados; são elos que conectam as gerações, transmitindo valores, histórias e uma notória reverência pela vida no campo. Dessa forma, a essência das cavalgadas dialoga com as tradições passadas, com as raízes vivas que continuam a crescer, alimentando o espírito resiliente dessa cultura local.

Marlene Correia de Andrade, filha de Pedro Correia e guardiã do legado de seu pai, destaca que as cavalgadas no município de Fátima/BA, tiveram sua origem na Missa do Vaqueiro. Segundo ela, é fundamental esclarecer para as pessoas compreenderem melhor o que motivou a realização dessas cavalgadas. Seu pai, Pedro Correia, costumava participar da pega de boi no mato, e a inspiração para as cavalgadas surgiu de um grande amigo, Abel Borges. Pedro Correia foi convidado por Abel Borges a participar da missa do vaqueiro em sua fazenda, onde se encantou com a beleza da celebração. Assim, decidindo replicar a experiência, Pedro Correia organizou as cavalgadas na Fazenda Volta, no município de Fátima, reunindo vaqueiros e simpatizantes das regiões de Fátima/BA, Adustina/BA, Cícero Dantas/BA e Poço Verde/SE.

Figura 8- Pedro Correio (Correinha da Zabumba).



Fonte: Acervo da Família de Pedro Correia (1985).

As cavalgadas surgem e florescem como manifestação resiliente do vaqueiro e do sertanejo, que se recusam a permitir que sua essência seja esquecida, seus valores subtraídos ou sua identidade substituída por influências externas. Elas representam traços indelévels do sertanejo, como descrito na obra, *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, onde o homem do sertão é retratado como, “forte, de beleza sadia e agreste, tostado de sol, respirando energia e saúde” (Queiroz, 2012, p. 32).

A persistência dessas tradições não apenas preserva a memória e o modo de vida sertanejo, mas também fortalece a resistência contra as pressões homogeneizadoras de outras culturas. O vaqueiro, ao participar das cavalgadas, não apenas monta a cavalo; ele cavalga sobre

as ondas do tempo, mantendo viva a chama da cultura local. Essa resiliência é um tributo à durabilidade e à autenticidade de uma identidade forjada no calor do sol do sertão. Em um mundo em constante mudança, as cavalgadas emergem como um elo vital com as raízes, uma celebração contínua da beleza intrínseca e da força inabalável do sertanejo.

A memória, portanto, desempenha um papel fundamental na preservação dessa identidade sertaneja, garantindo que a cultura e o modo de vida dos vaqueiros não se percam nas demandas do presente. Como afirma Candau (2012), “sem memória o sujeito se esvazia, vive unicamente o momento presente, perde suas capacidades conceituais e cognitivas. Sua identidade desaparece” (Candau, 2012, pp. 59-60). Nesse contexto, as cavalgadas se tornam mais do que um evento: elas são a expressão viva da continuidade histórica e da autopercepção do sertanejo. Ao cavalgar, o vaqueiro afirma sua existência no tempo, mantendo-se conectado às suas origens e reforçando uma identidade construída pela resistência, pelo orgulho e pelo conhecimento de si.

Figura 9 - Imagem da primeira cavalgada da região, Fátima/BA



Fonte: Acervo da Família de Pedro Correia (1990)

Na expressão de Guimarães Rosa, “o sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte” (Rosa, 1994, p. 28). Dessa forma, a trajetória das cavalgadas na identidade sertaneja não é apenas um conjunto de eventos que acontecem na comunidade sertaneja; são expressões vivas do pensamento e da resistência que caracterizam o espírito do sertão. As cavalgadas tornam-se manifestações sensíveis desse pensamento intrépido, transcendendo as fronteiras físicas e conectando-se à essência da cultura sertaneja no Município de Adustina/BA. Assim, as cavalgadas não apenas honram as tradições passadas, mas também se tornam alicerces para o pensamento que fortalece a identidade sertaneja, resistindo ao tempo e celebrando a resiliente espiritualidade do sertão. “O sertão está em toda parte” (Rosa, 1994, p. 14).

De acordo com Hall (2003), “os sentidos e valores emergem entre classes e grupos sociais distintos, moldados por suas relações e condições históricas, nas quais lidam com suas existências e respondem a elas” (Hall, 2003, p. 142). O Ensino de História e as cavalgadas, enquanto expressões de identidade cultural sertaneja na história local de Adustina/BA, destacam a diversidade cultural das culturas populares, enaltecendo suas raízes e restaurando suas origens. Conforme Silva (2008) ressalta, “Somos no plural, temos várias culturas, um universo tão rico que, submetido ao globalizado que impõe uma cultura de massa, como uma colonização cultural, podemos observar que estamos vivendo um reviver de nossas raízes” (Silva, 2008, p. 78).

Assim, a pluralidade cultural presente na cultura local evidencia um universo rico e diversificado, contrapondo a homogeneização imposta pela cultura de massa globalizada. O reviver das raízes, exemplificado pelas cavalgadas, torna-se uma resistência ativa à colonização cultural, uma maneira de afirmar a singularidade da identidade sertaneja diante das influências externas. Através do resgate e da celebração de suas tradições, a comunidade de Adustina/BA fortalece sua conexão com o passado, preservando não apenas eventos históricos, mas também a essência cultural que define sua singularidade no contexto mais amplo da história local.

O cenário desses eventos, que ocorrem desde 1990, desenha-se na paisagem agrícola das plantações de milho e na caatinga. A cavalgada desenvolve-se nas estreitas estradas da zona rural de Adustina/BA, onde a transição visual entre as plantações de milho em fase de colheita, com suas palhas secas, harmoniza-se com o cenário característico da caatinga, conferindo uma singularidade marcante à paisagem local.

A coexistência da caatinga, do calor e da aridez do sertão revela a predominância das plantações de milho, que desempenham um papel central, ao mesmo tempo em que evidencia a gradual substituição da caatinga pela expansão da agricultura. Esse processo, ao longo das décadas abordadas, destaca a riqueza e a diversidade visual da região rural, mas também sinaliza as transformações na dinâmica ambiental, marcadas pela influência da atividade agrícola. A Caatinga que, segundo o Dicionário Ilustrado Tupi-guarani⁸, vem Tupi-Guarani: caá-t-enga = o mato ralo tipo de vegetação que vive no Nordeste. Estas plantas só conseguem se adaptar em lugares onde tem muita seca. Caatinga na língua dos índios significa “mata branca”, devido à falta de água as plantas da caatinga ficam quase brancas. Gouveia cita,

(...) chamavam de caatinga as espécies de vegetação, solo, clima, fauna que caracterizam boa parte do Nordeste Brasileiro, além de uma pequena parte do

⁸ Dicionário Ilustrado Tupi-guarani. Disponível em: <https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/caatinga/>. Acessado em 10 de novembro de 2023

Sudeste, e do no norte de Minas Gerais. Em suma, durante o período de estiagem ou secas, a maioria de suas árvores tem suas folhas caídas, prevalecendo uma paisagem esbranquiçada, com os trocos das árvores em uma tonalidade clara (Goveia, 2022, p.126)

O cortejo das cavalgadas não apenas perpassa, mas enraíza-se nesse cenário, onde a vaqueirama desfila em suas montarias, acompanhada pelo vibrante som dos aboiadores⁹ e repentistas¹⁰ que ecoa pelo ar. Cada participante busca destacar-se, seja por meio de sua montaria majestosa ou de vestimentas que refletem a tradição sertaneja. No entanto, o caráter inclusivo da cavalgada transcende as diferenças. Seja a imponência de um cavalo manga larga,¹¹ a simplicidade de um pangaré, a resistência de uma mula ou a peculiaridade de um jumento, todos têm espaço nesse evento. As gerações se misturam em uma celebração que abraça desde as crianças até os mais experientes vaqueiros. Citado nos versos do poeta repentista João do Cedro¹², “Adustina/BA é região, que tem vaqueiro de fama, cavalgada sertaneja, festa que o povo ama, um evento popular, que dar prazer de olhar, desfile da vaqueirama”.

Figura 10 - Cavalgada do Pov. São Francisco - Adustina/BA.



Fonte: Robério da Silva de Andrade (2023).

Nos versos inspirados do poeta repentista João do Cedro, Adustina/BA emerge em suas localidades marcada pela fama de seus vaqueiros, onde a cavalgada sertaneja se transforma em uma festa acolhida pelo povo. O desfile da vaqueirama não é apenas uma exibição de habilidades e tradições; é uma representação viva da identidade cultural e do orgulho da

⁹ Cantadores de aboio, uma antiga definição de Mario de Andrade em seu livro *As melodias do boi* é “um canto melancólico com que os sertanejos ajudam a marcha das boiadas. (Andrade, 1987, p. 54).

¹⁰ Pela Lei nº 12.198, de 14 de janeiro de 2010. Repentista são cantadores e violeiros improvisadores; os emboladores e cantadores de Coco; poetas repentistas e os contadores e declamadores de causos da cultura popular; escritores da literatura de cordel.

¹¹ A raça Mangalarga Marchador é tipicamente brasileira e surgiu há cerca de 200 anos na Comarca do Rio das Mortes, no Sul de Minas, através do cruzamento de cavalos da raça Alter – trazidos da Coudelaria de Alter do Chão, em Portugal – com outros cavalos selecionados pelos criadores daquela região mineira. Disponível em: <http://www.abccmm.org.br/araca>. Acessado em 25 de novembro de 2023.

¹² João Evangelista Santana Trindade, repentista e poeta de Adustina/BA.

comunidade em suas raízes. A cavalgada, portanto, transcende o simples desfile e se torna um elo vital nos traços da cultura de Adustina/BA, conectando passado e presente em uma celebração popular que traz prazer e orgulho a todos que participam e testemunham esse espetáculo único.

Além do fascinante cenário que se desenha entre a caatinga e a paisagem agrícola, o desfile das cavalgadas, repleto de vaqueiros e vaqueiras, também traça seu caminho pelas ruas da cidade de Adustina/BA, permeando a avenida principal. Esse trajeto, que atravessa o coração da comunidade, revela toda a exuberância do evento. À medida que a vaqueirama avança, as ruas se transformam em um palco de tradição e cultura sertaneja, cativando a atenção de espectadores que se aglomeram nas calçadas e esquinas. As cavalgadas, ao atravessarem a área urbana de Adustina/BA, estabelecem uma ponte entre a tradição rural e a vida cotidiana da cidade, conectando gerações em um envolvimento coletivo.

As cavalgadas em Adustina/BA não se vinculam a uma data específica no calendário anual, costumando ocorrer geralmente entre os meses de outubro e dezembro. Esse intervalo temporal é estrategicamente alinhado com a colheita do milho, o elemento central na base econômica do município. Durante esse intervalo, os organizadores optam por realizar as cavalgadas, aproveitando a oportunidade para celebrar não apenas o êxito da colheita, mas também para expressar gratidão a Deus pelas bênçãos concedidas durante o promissor período do bom inverno.

É importante salientar que a cavalgada tradicional de Adustina/BA é uma manifestação cultural já enraizada, que ocorre anualmente entre os meses de setembro e dezembro. Destaca-se, sobretudo, a relevância histórica e cultural da cavalgada do povoado São Francisco, localidade na zona rural do município, situada na fronteira com o Estado de Sergipe. Este evento, além de seu caráter festivo, carrega consigo uma carga simbólica que reflete a interseção entre práticas agrícolas, tradições culturais de identidade sertaneja e elementos religiosos, ressaltando, assim, a riqueza das cavalgadas em Adustina/BA.

A Cavalgada do São Francisco, no Município de Adustina/BA, além do já tradicional desfile da cavalgada com vaqueiros e vaqueiras, enriquece a experiência cultural com o desfile singular de carros de bois e de carros de carneiros. Essa adição peculiar transporta os participantes para um cenário de outrora, muitas vezes desconhecido pela geração mais jovem, resgatando e preservando elementos autênticos da história local, sob a liderança do Sr. Gilvânio Reis Rabelo, popularmente mais conhecido como Gil de Bié, e sua família. Essa cavalgada não apenas celebra as raízes culturais do município, mas também se torna um elo vivo entre o passado e o presente, proporcionando uma experiência rica e autêntica para toda a comunidade.

Figura 11 - Desfile de carros de bois e carneiros, Pov. São Francisco- Adustina/BA.



Fonte: <https://www.adustinaadsa.com.br/2015/10/adustina10-festa-do-vaqueiroe-5-desfile.html?m=1>.

1. Os documentos para legalidade das Cavalgadas no Município de Adustina-Ba

Em visita à Vigilância Sanitária, órgão ligado à Secretaria Municipal de Saúde, a agente de Vigilância Sanitária de Adustina/BA, Senhora Cássia Lima Virgens¹³, ponderou que as cavalgadas nesta localidade atraem considerável público, tanto local quanto das regiões circunvizinhas. Diante dessa expressiva participação, é imperativo que os organizadores estejam plenamente cientes de suas responsabilidades, a fim de viabilizar a obtenção da licença sanitária provisória necessária para a realização do evento. Tal licença, conforme as diretrizes estabelecidas pela legislação vigente, exige informações detalhadas, incluindo a localização precisa, horário de início e término, percurso, estimativa de público, atrações musicais, disposição de banheiros e áreas destinadas aos animais. Além disso, são destacadas exigências rigorosas em relação à higiene dos vendedores de alimentos e à comercialização de bebidas, bem como medidas essenciais para assegurar a segurança tanto dos participantes quanto dos transeuntes durante o transcorrer do evento.

A concessão desta licença provisória fundamenta-se nas disposições estabelecidas pela Lei Estadual de 3.982 de 1981¹⁴ e pela Lei Federal 8.080 de 1990¹⁵, as quais delineiam as normativas que regem a realização de eventos de grande porte, garantindo o atendimento aos padrões sanitários e de segurança. Nesse contexto, a atenção minuciosa aos requisitos

¹³ Cássia Lima Virgens. Coordenadora da Vigilância Sanitária/Saúde do Trabalhador; Decreto nº 102 de 23/03/2023.

¹⁴ BAHIA. Código Sanitário do Estado da Bahia. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/suvisa/vigilancia-em-saude-ambiental/legislacoes/#:~:text=Lei%20n%C2%BA%203.982%20de%201981,%C3%A1gua%20destinado%20ao%20consumo%20humano>. Acessado em 8 de novembro de 2023.

¹⁵ BRASIL. Lei nº 8.080 de 1990. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18080.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%208.080%2C%20DE%2019%20DE%20SETEMBRO%20DE%201990.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20as%20condi%C3%A7%C3%B5es%20para,correspondentes%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A Ancias. Acesso em 8 e novembro de 2023.

estabelecidos nestas legislações constitui um imperativo para a consecução exitosa da licença sanitária, reforçando a importância da colaboração entre os organizadores e as autoridades sanitárias para a realização de cavalgadas que promovam o lazer de maneira responsável e segura.

Figura 12- Alvará de Licença Sanitária provisório para Cavalgada do Milho, Adustina/BA

ESTADO DA BAHIA
PREFEITURA MUNICIPAL DE ADUSTINA
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
VIGILÂNCIA SANITÁRIA

**LSP – LICENÇA SANITÁRIA PROVISÓRIA
ATIVIDADE RECREACIONAL (I CAVALAGDA DO MILHO)**

A Vigilância Sanitária Municipal de Adustina, Bahia, por conduto do Agente da Vigilância Sanitária infra-assinado, no uso de suas atribuições legais e fundamentado em especial na **Lei Estadual nº 3.982 de 1981**, que dispõe sobre o Subsistema de Saúde do Estado da Bahia, aprova a legislação básica sobre promoção, proteção e recuperação da saúde e dá outras providências. **Lei Federal 8.080 de 1990**, que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. RDC nº 13 de 28 de março de 2014, que regulamenta a prestação de serviços de saúde em eventos de massa de interesse nacional e dá outras providências, **CONCEDE** ao Sr. **JOSE ARAUJO SANTIAGO**, portador(a) do RG nº **56.340.953-8**, Órgão Expedidor SSP/SP, CPF: (), residente e domiciliado(a) no(a), **Povoado Jurema, s/n, zona rural, Adustina/BA**; Telefone: **(11) 950477121**, **LICENÇA SANITÁRIA PROVISÓRIA - LSP, DA ATIVIDADE RECREATIVA (I CAVALAGDA DO MILHO)**, a ser realizada no dia **05 de novembro de 2023**, horário de início: **14:00h** (quatorze horas), horário de Término: **05:00h** (cinco horas) do dia 06 de novembro de 2023, localização do evento **Povoado Jurema, s/n, zona rural, Adustina/BA**, com público estimado: de **2.000 pessoas**, com apresentações artísticas: **Gil Mourão, Leandro da Pisadinha, 2 Vaqueiros, Nascer do Sol, Robeilton Top dos Paredões e Alain Brasil**. Tendo em vista que a **LICENÇA SANITÁRIA PROVISÓRIA** anexada ao **CONFORME TERMO DE COMPROMISSO nº 024/2023** processo administrativo, e demais documentos e informações prestadas pelo requerente, o estabelecimento irá atender às condicionantes exigidas pelo órgão local responsável e pelas legislações vigentes, constando ainda nos autos parecer técnico opinando ser favorável ao pleito.

Vigilância Sanitária Municipal de Adustina/Ba, em 05 de outubro de 2023.

Cássia Lima Virgens
COORD. VIGILANCIA SANITÁRIA/
SAÚDE DO TRABALHADOR
DECRETO Nº 102 de 23/03/2023
AGENTE DA VIGILÂNCIA SANITÁRIA

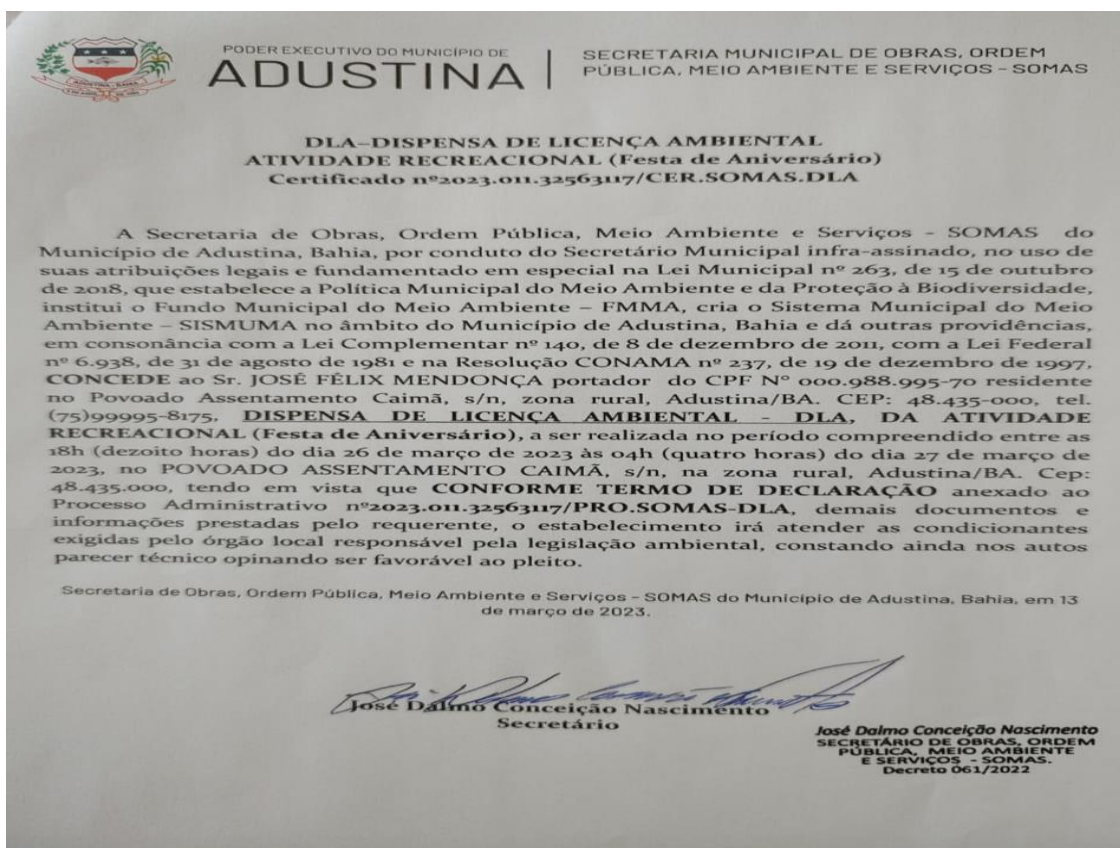
Jose Araujo Santiago
RESPONSÁVEL PELO EVENTO

Fonte: Secretaria de Tributos, Adustina/BA

Após a fase de vigilância sanitária, uma etapa subsequente relevante consiste na obtenção do Termo de Responsabilidade Ambiental (TRA), emitido pela Secretaria de Obras, Ordem Pública e Meio Ambiente (SOMAS) do Município de Adustina/BA. Este processo requer a conformidade com os requisitos mínimos estipulados pela Lei Municipal nº 264/2018¹⁶ para a realização de eventos em qualquer localidade do município. A integral observância destas normativas é essencial para garantir a condução dos eventos de forma responsável e em consonância com os princípios ambientais estabelecidos pelas legislações municipais pertinentes.

¹⁶ ADUSTINA. Lei Municipal nº 264/2018. Disponível em: <https://www.adustina.ba.gov.br/Site/LeisMunicipais>. Acessado em 08/11/2023

Figura 13 - Dispensa de Licença Ambiental para realização da cavalgada.



Fonte: Secretaria de Obras, Ordem Pública e Meio Ambiente (SOMAS) do Município de Adustina/BA. Para Cavalgada do Assentamento Caimã.

A atuação da Secretaria de Meio Ambiente do Município de Adustina/BA desempenha um papel de suma importância na avaliação e aprovação de eventos, notadamente no contexto das cavalgadas, visando garantir sua realização de maneira a mitigar o impacto ambiental na localidade em questão. Este papel abrange a salvaguarda da vegetação característica da caatinga e dos recursos naturais ao longo do percurso, com especial atenção aos riscos de incêndios e ao acúmulo de resíduos. Dessa forma, busca-se estabelecer um equilíbrio entre a celebração cultural e a preservação ambiental.

Por fim, o setor de Tributos da Prefeitura Municipal de Adustina desempenha uma função imprescindível no processo de obtenção do alvará, indispensável para a realização das cavalgadas no Município de Adustina/BA. Este procedimento engloba a regulação e o licenciamento do evento, visando assegurar a integral observância das obrigações fiscais. Durante a visita ao setor de tributos, em entrevista com o Sr. Renato Santos Cruz, Chefe de Divisão de Tributos do Município, ele destacou a importância da emissão do alvará, enfatizando a necessidade de alinhamento com as diretrizes da vigilância sanitária e da Secretaria Municipal

de Obras, Meio Ambiente e Serviços (SOMAS). Essa coordenação visa garantir que tanto o município quanto os organizadores estejam devidamente respaldados pela legislação aplicável.

O alvará de licença provisória de atividade recreativa e cultural, enquanto documento emitido, assegura que a condução das cavalgadas esteja em conformidade com as regulamentações locais, possibilitando que o evento transcorra de maneira legal e organizada. Adicionalmente, desempenha um papel significativo na arrecadação de receitas que podem ser direcionadas para benefícios à comunidade local. Estas etapas e regulamentações evidenciam o comprometimento do Município de Adestina/BA com a segurança, a preservação ambiental e a conformidade regulatória ao realizar suas tradicionais cavalgadas, destacando a integral integração entre os setores envolvidos e a busca pela coesão entre os aspectos fiscal, sanitário e ambiental.

2. As cavalgadas e a inclusão de poetas, aboiadores, artistas da terra e a fé do sertanejo

As cavalgadas representam um momento com sua singularidade para a comunidade de Adestina/BA ela também oferece um momento de inclusão para diversos artistas que, ao longo do ano, em sua maioria permanecem no anonimato do cenário cultural local. Entre esses notáveis artistas estão os repentistas, trovadores, poetas sertanejos e aboiadores¹⁷, cujo talento se destaca especialmente nestas ocasiões. É nos contornos desses eventos que a riqueza da cultura e identidade sertaneja transborda, seja no trio elétrico, no palco, ou na roda de amigos reunidos em torno de uma mesa. Cada um desses artistas atrai seu próprio público, criando um mosaico diversificado e rico em expressões culturais.

Além desses representantes da tradição oral, as cavalgadas também recebem músicos cujas composições ressoam com o gosto apreciado pela vaqueirama. Em sua maioria, se não exclusivamente, esses artistas dedicam suas criações à sonoridade do sertão, celebrando as figuras do vaqueiro, as cavalgadas e as vaquejadas. Assim, as cavalgadas se transformam em eventos que vão além da montaria, tornando-se uma celebração multifacetada da cultura sertaneja, onde a música desempenha um papel fundamental na construção, preservação e no legado de nossa identidade cultural.

Abaixo uma composição de João do Cedro¹⁸ poeta, violeiro e repentista, um autêntico representante da cultura popular nordestina.

¹⁷ Aboiadores – são vaqueiros que entoam o aboio, um canto característico do sertão. O aboio é entoado pelos vaqueiros durante o trabalho no campo, especialmente na condução do gado, e também em eventos culturais como vaquejadas, missas dos vaqueiros e cavalgadas.

¹⁸ João Evangelista Santana Trindade, poeta, violeiro, cantor e repentista de Adestina/BA.

01-Adustina na Bahia,
Semiárido do sertão,
A festa de cavalgada,
Já é uma tradição,
Vaqueiros aboiadores,
Repentistas cantadores,
Fazem apresentação

02-Adustina é região,
Que tem vaqueiro de fama,
Cavalgada Sertaneja,
Festa que o povo ama,
Um evento popular,
Que dar prazer de olhar,
O desfile da vaqueirama.

03-O vaqueiro se programa,
Com a namorada bela,
Bota perneira e gibão,
Chapéu de couro e barbela,
Vai desfilando cantando,
Com o seu amor dançando,
Rolando em cima da cela.

04-Adustina se revela,
Pelo município inteiro,
Tem festa de cavalgada,
Tem festa do padroeiro,
Tem pega de boi na lista,
E a festa do tratorista,
Que é irmão do vaqueiro.

05- O Sertanejo guerreiro,
Que luta incansavelmente,
Vive da agricultura,
Uma profissão decente,
Chega final de semana,
Forma uma caravana,
Na cavalgada da gente.

06- O Sertanejo é valente,
Nas suas opiniões,
Sua festa é cavalgada,
Pega de boi e leilões,
Nessa cultura raiz,
O sertanejo é feliz,
Em todas as estações.

Assinatura:

João Evangelista Santos-Trindade

Na entrevista com Marlene Correia de Andrade¹⁹, filha de Correinha da Zabumba, ambos citados anteriormente, ela fez uma toada, se mostrando uma poetisa sertaneja.

Se o final é só um, para que correr, se morrer é ruim, mas é comum, se o caixão vai levar de um em um, e o dinheiro não pode socorrer, eu só quero o bastante para comer, para viver para vestir e para calçar, mesmo sendo um pouquinho se não faltar, eu só quero esse tanto todo dia para que tanta ganância e correria se ninguém veio aqui para ficar (Andrade, 2023).

A toada de Marlene Correia de Andrade reflete, de maneira poética, aspectos essenciais da cultura e identidade sertaneja, capturando nuances da simplicidade e sabedoria popular, características dessa vivência cultural. A composição enfatiza a ponderação sobre a vida e a inevitabilidade da morte, elementos fundamentais na visão de mundo sertanejo, enraizada na conexão com a natureza e no enfrentamento dos desafios da vida no sertão.

¹⁹ Marlene Correia de Andrade, Conselheira da Secretaria de Cultura de Fátima/BA, artista popular e tocadora de berrante.

Figura 14- Marlene do Berrante se apresentando na Cavalgada do Pov. São Francisco - Adustina/BA



Fonte: Acerno de Marlene Correia (2019).

Outro aspecto marcante nas Cavalgadas de Adustina/BA é a manifestação evidente da religiosidade e da fé católica, que sempre foram pilares essenciais na vida do sertanejo. Nos desfiles, destaca-se a presença significativa da imagem de Nossa Senhora Aparecida, que é carregada com devoção por vaqueiros e vaqueiras. Essa representação simboliza a fé inabalável do sertanejo na Santa, tornando-se um elemento central na atmosfera espiritual do evento.

Indagado sobre a razão pela qual Nossa Senhora Aparecida é venerada como a padroeira das cavalgadas, o Padre da Paróquia Senhor do Bomfim, no Município de Adustina/BA, Pe. Evanilson Barbosa, explicou durante uma entrevista que os vaqueiros adotaram a Santa como padroeira em virtude de sua posição como Padroeira do Brasil. Essa escolha reflete não apenas a devoção religiosa, mas também a profunda conexão dos vaqueiros com a identidade nacional, unindo, assim, a espiritualidade local à fé que transcende as fronteiras da comunidade sertaneja. Na entrevista, o Pe. Evanilson Barbosa enfatizou a importância desse vínculo simbólico para a comunidade, destacando como a devoção a Nossa Senhora Aparecida se entrelaça com as tradições das cavalgadas.

Para além da devoção a Nossa Senhora Aparecida, o próprio nome de Deus ecoa nos versos entoados e nos aboios dos participantes das cavalgadas, constituindo uma súplica constante por bênçãos e proteção ao Altíssimo. Essa expressão de fé não se limita a um simples ato ritual, mas representa um profundo agradecimento, independentemente das adversidades que caracterizam a vida no sertão, desde a aridez das secas até os desafios cotidianos. A invocação divina nas Cavalgadas de Adustina/BA transcende as intempéries do ambiente sertanejo, evidenciando a espiritualidade arraigada na comunidade, que encontra na fé uma fonte inesgotável de esperança e resiliência.

Figura 15- Repentista Castrinho no desfile de muladeiros, Santa Cruz do Serrote- Sítio do Quinto/BA.



Fonte: José Adilson de Souza Santos (2022).

A religiosidade está presente nos cânticos do sertanejo, pedindo benção e força a Deus, como essa canção do sertanejo e repentista José Castro²⁰, conhecido como Castrinho,

Cuide de mim, me traga paz, devolvo amor, não deixo o ódio invadir meu coração. Meu Deus eu encontrei uma ladeira para subir, sem sua ajuda eu tenho medo de cair, e o Senhor pode segurar na minha mão. Não quero mais sofrer assim, peço que Deus olhe por mim. Deus te peço força para caminhar, nenhum amigo apareceu para me ajudar, então Lhe peço que me mostre uma saída, Deus a minha vida deve se reconstruir, ande comigo para que eu possa progredir, quem não tem Deus para caminhar não tem ninguém. Mas eu não abro mão da minha fé nem tô sozinho, quem sabe um dia encontre Deus no meu caminho, para dizer eu venci, tá tudo bem! Tchê! Tchê!” (CASTRO, 2020).

3. Divulgação das Cavalgadas nos povoados de Adustina/BA

Com a chegada da era digital e o advento da internet²¹ nos anos 2000, a promoção das Cavalgadas de Adustina/BA adotou estratégias modernas de divulgação. As redes sociais, como Instagram, blogs e Facebook, tornaram-se plataformas cruciais para alcançar um público mais amplo, permitindo que os organizadores compartilhem informações, fotos e vídeos, gerando engajamento e despertando o interesse de potenciais participantes.

Além das plataformas online, a divulgação estende-se por meio de meios tradicionais, como carros de som que percorrem as ruas da cidade, povoados e localidades rurais, cartazes estrategicamente posicionados em locais de grande circulação e a mobilização do sistema de rádio local e de cidades vizinhas. Essa abordagem multimídia visa atingir diversos públicos,

²⁰ CASTRO, José. Repentista e poeta popular da cidade de Adustina/BA.

²¹ BRASIL, Evolução da Internet no Brasil e no Mundo. Ministério da Ciência e Tecnologia. Secretaria de Política de Informática e Automação. Assessoria SEPIN. Abril de 2000.

tanto os que estão conectados digitalmente quanto aqueles que preferem meios de comunicação mais convencionais.

Essa integração de estratégias de divulgação, que incorpora tanto os meios digitais quanto os tradicionais, reflete a adaptação das Cavalgadas de Adustina/BA às dinâmicas contemporâneas de comunicação, garantindo que a tradição cultural sertaneja seja celebrada e compartilhada de maneira abrangente e inclusiva.

Durante uma visita à rádio Nação FM na cidade de Fátima/BA, no mês de setembro de 2023, o locutor e professor Carlos César, conterrâneo da cidade de Adustina/BA, em diálogo sobre as cavalgadas, destacou a abordagem dinâmica na divulgação das Cavalgadas, ressaltando a eficácia das vinhetas específicas do evento. O espaço dedicado à promoção ao vivo oferece uma plataforma interativa, possibilitando entrevistas com os organizadores, proporcionando *insights* valiosos sobre a preparação e expectativas relacionadas à cavalgada. Entrevistas com vaqueiros também integram essa cobertura, explorando as perspectivas desses participantes essenciais.

Carlos César sublinhou a extraordinária magnitude que os eventos ganharam ao longo do tempo. As cavalgadas, não apenas em Fátima/BA, mas também em municípios vizinhos, como Adustina/Ba, adquiriram uma importância tal que chegam a interferir nas atividades cotidianas. Surpreendentemente, até partidas de futebol, anteriormente consideradas a principal atração em suas coberturas, algumas delas foram canceladas quando coincidiram com o evento, em virtude da crescente popularidade das cavalgadas. Esse fenômeno ilustra a transformação desses eventos em verdadeiras celebrações culturais que transcendem fronteiras municipais, unindo comunidades em torno de uma tradição profundamente enraizada na identidade sertaneja.

Durante um diálogo com o locutor Webber Ribeiro, diretor do Sistema de Rádio Abrasom na cidade de Adustina/BA, foi ressaltado que a divulgação das Cavalgadas ocorre por meio de vinhetas cuidadosamente programadas para serem veiculadas ao longo da programação diária da rádio, até o dia do evento. Webber Ribeiro enfatizou a relevância das entrevistas com os organizadores, que proporcionam *insights* detalhados sobre a preparação e os aspectos fundamentais do evento. Além disso, como parte das ações promocionais, os organizadores disponibilizam brindes, como camisas, chaveiros e canecas, todos adornados com o slogan das cavalgadas, para sorteios entre os ouvintes.

Webber Ribeiro destacou que, além de sua função promotora direta das Cavalgadas, o Sistema de Rádio Abrasom possui uma presença online significativa, mantendo um canal na internet. Essa plataforma virtual amplia consideravelmente o alcance da divulgação, recebendo numerosas mensagens de conterrâneos adustinenses que, mesmo distantes geograficamente,

manifestam interesse em participar ativamente na promoção do evento. Essa interação online reforça a conexão sensível e a relevância cultural das Cavalgadas de Adustina/BA, transcendendo as barreiras geográficas e estabelecendo uma participação mais global na celebração dessas tradições sertanejas.

Outro veículo importante na divulgação das cavalgadas de Adustina/BA é o blog da ADSA (Associação Desportiva Social de Adustina) através do site www.adustinaadsa.com.br, sob a responsabilidade do Sr. Jailson do Nascimento, mais conhecido na cidade de Adustina/BA, como Pelezinho.

Figura 16 - Cartazes de divulgação das Cavalgadas no Município de Adustina/BA.



Fonte: Reprodução do Instagram (2023).

As divulgações também contam com o apoio de entusiastas e repentistas, que gravam vídeos para compartilhar nas redes sociais, como Instagram, Facebook, blogs e outras plataformas. Além disso, produzem áudios para rádios, promovendo e divulgando as emocionantes cavalgadas.

Durante minha visita à localidade rural na Fazenda Gravata, em setembro de 2023, tive a oportunidade de acompanhar Marcelo José de Matos²², mais conhecido entre os vaqueiros como Xeba, um habilidoso aboiador e catador de toadas em cavalgadas. Nessa ocasião, pude testemunhar e descrever de maneira viva e autêntica o incrível improviso preparado por Xeba para a Cavalcada do São Francisco, realizada no município de Adustina/BA.

²² José Marcelo de Matos, vaqueiro, repentista e poeta popular, da Fazenda Gravata Município de Adustina/BA.

Figura 17 - Repentista José Marcelo de Matos, o Xeba.



Fonte: de José Marcelo de Matos (2020).

Êêê, Robério meu velho amigo, preserve a tradição, a cultura Brasileira e o festival de gibão, cavalgada afamada, tem aqui em nosso Sertão, eaô, eaô.... e vai ter no São Francisco a cavalgada animada, que me falou foi de Gil de Zé de Bié, que é o meu camarada, domingo eu vou pra lá beber e cantar toada, ohô, ohô. ...Tenho a mente sarada meu pensamento adivinha, cavalgada na Bahia e não é mentira minha, eu vou fazer o repente para toda a galera que é minha, eaô, desculpe os meus repentes, se os “veusos” não prestô, eu improviso na hora, eu não sou bom cantadô, mas faço parte da cultura da terra, tô mostrando o meu valor hoô, hoô... (Matos, 2023).

Os impactos das cavalgadas no município de Adustina/BA vão além do aspecto cultural, estendendo-se de forma significativa ao cenário econômico local. De acordo com os organizadores, as cavalgadas atraem milhares de pessoas, o que não só contribui para a valorização da identidade sertaneja entre os adustinenses, mas também gera empregos indiretos. Os vendedores ambulantes, as barracas de comidas típicas, os espetinhos e bebidas, assim como a produção de camisas e bonés personalizados, são alguns exemplos desses empregos que movimentam a economia durante as cavalgadas.

O Ensino de História e as cavalgadas como expressões de identidade cultural sertaneja na história local de Adustina/BA, para alunos da EJA – Educação de Jovens e Adultos – do CMA (Colégio Municipal de Adustina/BA), poderão proporcionar novos olhares sobre a cultura sertaneja local, bem como uma dinâmica mais lúdica ao ensino de História, através de fotos, vídeos, documentários e cartilhas – sendo esta última o produto final para os alunos da referida escola.

CAPÍTULO V – O ENSINO DE HISTÓRIA E AS CAVALGADAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS DE ADULTOS – EJA.

O ensino de história e as cavalgadas como expressões de identidade cultural sertaneja na história local de Adustina/BA, têm como foco os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Municipal de Adustina, na cidade de Adustina/BA. A abordagem parte da premissa de que esses estudantes são oriundos da zona rural do município, trazendo consigo a sua cultura, sua identidade sertaneja e as práticas do campo no cultivo da terra.

A V Conferência Internacional de Educação de Adultos, realizada em julho de 1997 em Hamburgo, Alemanha, e organizada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), enfatizou abordagens essenciais relacionadas à aprendizagem de Jovens e Adultos. Conforme declarado nesta conferência, é fundamental que tais abordagens "estejam baseadas no patrimônio das pessoas, na cultura, em valores e em suas experiências anteriores, e que as diversas formas pelas quais essas abordagens são implementadas permitam e encorajem todos os cidadãos a estar ativamente envolvidos e participantes" (UNESCO, 1998, p. 3). Dessa forma, o incentivo ao ensino de História na história local, a partir de sua própria experiência é essencial no processo ensino-aprendizagem.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96 estabelece que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) destina-se àqueles que não tiveram acesso ou não deram continuidade aos estudos no Ensino Fundamental e Médio, especialmente na faixa etária de 7 a 17 anos. Essa modalidade educacional deve ser oferecida em sistemas gratuitos de ensino, proporcionando oportunidades educacionais adequadas que levem em consideração as características, interesses, condições de vida e de trabalho do cidadão. O inciso primeiro do Artigo 37 da lei explicita a importância de considerar as características individuais, interesses e condições de vida dos alunos. Fomentar o ensino de história com foco na história local emerge como uma estratégia fundamental para posicionar o aluno como protagonista ativo de seu próprio contexto. Esse enfoque, além de atender às diretrizes legais, também valoriza o processo educacional, promovendo uma compreensão mais representativa do ensino de história, enquanto ensina e os envolve de maneira ativa na escola.

O estudo da história local não é algo recente nos currículos escolares; "o estudo local faz parte da cultura escolar brasileira desde o Império". (Oliveira, 2010, p. 25). Por isso, é imperativo explorá-lo como uma forma de autoidentificação, permitindo que o indivíduo atue e aprenda em sintonia com o seu próprio ambiente. "A História local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência e, igualmente, situar os problemas

significativos da história do presente" (Bittencourt, 2009, p. 68). Essa abordagem enriquece o aprendizado, evidencia a importância de conectar o passado com o presente, proporcionando aos alunos uma compreensão mais significativa de sua realidade.

O ensino de História, sob uma perspectiva local, visa integrar o indivíduo em uma relação vivencial com o seu entorno. Paulo Freire (1979), em sua obra *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação*, já destacava essa conexão intrínseca entre o ser e o meio, afirmando que, “A educação não é um instrumento válido se não estabelece uma relação dialética com o contexto da sociedade à qual o homem está radicado”. (Freire, 1979, p. 19). Isso implica a importância de transmitir conhecimento histórico, de cultivar uma interação dinâmica entre a educação e o ambiente social em que o indivíduo se encontra. Dessa forma, a história local não é apenas um conjunto de fatos passados, mas um instrumento vital para que o aprendizado se torne significativo e contextualizado, permitindo que o estudante compreenda e participe ativamente do meio que o cerca.

Ao reconhecer as experiências e desafios específicos enfrentados pelos educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), “Os alunos/educandos jovens e adultos, em sua maioria desempregados, trabalhadores que tiveram pouco ou nenhum tempo de permanência na escola, carregam marcas profundas dessa história de não acesso ou de frustrações numa escolarização interrompida”. (Soares, 2006, p. 68). O ensino de História, especialmente com uma perspectiva local, torna-se um componente essencial desse processo.

Ao incorporar a história local no currículo, a abordagem educacional não apenas possibilita que esses alunos compreendam ativamente o meio em que vivem, mas também lhes oferece a oportunidade de se apropriarem de sua própria história educacional. Ao explorar narrativas locais, os estudantes podem reconhecer a importância de suas comunidades, conectando-se com um passado compartilhado e compreendendo como as experiências históricas moldaram seu presente.

O ensino de história pode promover a inserção do aluno na comunidade da qual faz parte, criar sua historicidade e identidade, assim como estabelecer bases no seu cotidiano, além de ajudá-lo a refletir acerca do sentido da realidade social.

O ensino de história, alicerçado nas particularidades da história local, desempenha um papel imprescindível na construção da identidade cultural dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), especialmente no contexto de Adustina/BA, município com base econômica oriunda da agropecuária. As cavalgadas emergem como expressões da identidade sertaneja, desempenhando um papel histórico significativo para a comunidade.

Conforme afirmado por Arroyo (2006), “é preciso estreitar o diálogo entre os saberes e significados acumulados na trajetória de vida dos jovens e adultos e os conhecimentos científicos sociais, alargando-os” (Arroyo, 2006, p. 34). Este processo implica na ampliação desses conhecimentos, buscando compreender e valorizar as vivências culturais dos alunos. Dialogar sobre seus modos de vida, as formas de socialização presentes em suas comunidades, assim como suas visões de mundo e expectativas de futuro torna-se, portanto, imperativo. É fundamental integrar essas práticas culturais ao ambiente escolar, transformando-as em ferramentas de aprendizado em sala de aula.

Considerando o contexto específico da Educação de Jovens e Adultos (EJA), é essencial adaptar essas práticas para atender às características e necessidades desse público. Os alunos da EJA muitas vezes retornam à escola após um período afastados do ambiente educacional formal, trazendo consigo uma bagagem de experiências e aprendizados adquiridos na prática.

Abordar o ensino de História na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como expressões da identidade cultural sertaneja é fundamental para interligar essas vivências e práticas culturais dos alunos como parte integrante do processo educacional. Criar ambientes de aprendizado acolhedores envolve estabelecer uma ponte entre os conhecimentos científicos e os saberes acumulados ao longo das trajetórias de vida desses adultos, especialmente quando se trata da construção da identidade sertaneja.

De acordo com Rüsen (2007), “O ensino de história é uma ciência de orientação para a vida prática, destinada a sujeitos possuidores de consciência histórica, e esta ciência auxiliará na estruturação dos níveis de racionalização da história: Essas qualidades racionais dos conteúdos podem ser descobertas” (Rüsen, 2007, p. 124). Destarte, a história local além de fornecer um conhecimento para validar e celebrar as experiências individuais, também se converte em uma ferramenta essencial na construção de uma narrativa coletiva que entrelaça passado, presente e futuro. Esse enfoque confere maior relevância e significado à educação dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e também exerce uma função primordial na preservação e promoção da rica identidade cultural sertaneja em Adustina/BA.

Ao integrar as práticas culturais locais à proposta pedagógica no ensino de História, os alunos não apenas aprendem sobre eventos passados, mas também percebem suas próprias experiências refletidas no conteúdo curricular. Ao explorar a história local, como as tradicionais cavalgadas em Adustina/BA, os alunos compartilham suas próprias vivências, histórias de família e memórias do passado que deram origem a esses eventos.

Ensino de história, com alunos da EJA, o diálogo é uma constante para o aprendizado. Paulo Freire (1983) explicita que:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (Freire, 1983, p. 91).

Adotar uma abordagem que valoriza o diálogo possibilita a criação de espaços em sala de aula nos quais os alunos se sintam encorajados a compartilhar suas vivências, enriquecendo a compreensão coletiva sobre a história da comunidade. A troca de ideias e a valorização das práticas culturais sertanejas aprimoram o aprendizado histórico, fortalecendo simultaneamente o senso de identidade e pertencimento dos alunos.

O ensino de História e da História local torna-se um instrumento para validar e celebrar as experiências individuais, construindo uma narrativa coletiva que une passado, presente e futuro. Esse enfoque torna a educação mais relevante e significativa para os alunos da EJA, contribuindo, ao mesmo tempo, para a preservação e promoção da rica identidade cultural sertaneja em Adustina/BA.

A história não é meramente um relato distante, mas um reflexo intrínseco da vivência humana ao longo do tempo “A história faz parte da vida do ser humano por representar no tempo sua vivência, por imortalizar fatos e acontecimentos que são passados de gerações para gerações, por meio das lembranças e dos registros que se perpetuam pelo tempo no próprio conceito que temos de história” (Fonseca, 2003, p. 10). Essa perspectiva reforça a importância da história local como um elo entre as vivências individuais dos alunos e o entendimento mais amplo de suas identidades culturais, contribuindo para a construção de uma educação historicamente significativa

A imortalização de fatos e eventos, transmitidos de uma geração para outra por meio de lembranças e registros, cria um tecido que compõe o conceito essencial de história. Essa compreensão fortalece a importância da história local como uma corrente vital entre as experiências individuais dos alunos e uma apreciação mais abrangente de suas identidades culturais. Ao enraizar-se nas memórias compartilhadas e nos registros que se perpetuam, a história local emerge como uma ferramenta valiosa na construção de uma educação historicamente significativa, conectando o passado ao presente e moldando a visão de futuro dos alunos. Essa abordagem enriquece a aprendizagem e contribui para uma compreensão mais profunda e contextualizada do patrimônio cultural em Adustina/BA, alimentando o sentido de pertencimento e a preservação das tradições locais.

Esta compreensão consolida a relevância da história local como um elo vital entre as experiências individuais dos alunos e uma apreciação mais abrangente de suas identidades

culturais. Ao ancorar-se nas memórias compartilhadas e nos registros que perduram, a história local se revela como uma ferramenta valiosa na construção de uma educação historicamente significativa, estabelecendo uma ponte entre o passado, presente e moldando a visão de futuro dos alunos.

Nesse cenário, os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) assumem um papel fundamental. Suas vivências, marcadas por uma trajetória muitas vezes distante do ambiente educacional formal, trazem uma riqueza única à compreensão do passado local. A história, assim, não é apenas um conteúdo abstrato, mas um reflexo tangível de suas próprias jornadas. A participação ativa desses alunos na preservação das tradições locais não apenas enriquece o aprendizado, mas também fortalece o sentido de pertencimento à comunidade, tornando-os guardiões ativos da herança cultural de Ajustina/BA. Esse envolvimento direto, ancorado nas histórias vivas desses alunos, potencializa ainda mais o impacto transformador da educação histórica na construção de identidades e na perpetuação das raízes culturais locais.

Cabrini (2005) ressalta a importância de iniciar o ensino de história a partir da realidade mais próxima do aluno, “que um objeto de estudo parta da realidade mais próxima do aluno, não somente porque ele tem dificuldade em lidar com o tempo, mas sobretudo porque queremos aproveitar o seu conhecimento, sua experiência de vida” (Cabrini, 2005, p. 54).

Ao propor as cavalgadas como objeto de estudo, reconhece-se e valoriza-se a tradição cultural tanto local quanto regional e nacional. Essa abordagem também proporciona aos alunos um elemento importante no ensino de história: as narrativas históricas e suas próprias experiências. Dessa forma, o ensino de história local, ao incluir as cavalgadas como parte dos estudos, traz em sua essência o aprendizado e o fortalecimento da identidade cultural sertaneja, transformando eventos tradicionais em elementos fundamentais na construção do conhecimento histórico dos alunos.

Fonseca (2018) destaca a importância da valorização do ensino de história, colocando professores e alunos como sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento. A autora defende propostas de metodologias que priorizam a problematização e a análise crítica, concebendo tanto os alunos quanto os professores como agentes ativos na produção de história e conhecimento: “defendo propostas de metodologias de ensino de história que valorizam a problematização, a análise crítica; que concebem alunos e professores como sujeitos produtores de história e conhecimento” (Guimarães, 2018, p. 118). Essa perspectiva pedagógica enfatiza a reciprocidade do conhecimento, a promoção do pensamento crítico e a participação ativa dos envolvidos no processo educacional, proporcionando uma experiência mais dinâmica e significativa no aprendizado da história.

Como todos os estudantes, os alunos da Educação de Jovens e Adultos frequentemente trazem consigo uma bagagem de experiências de vida, o que torna fundamental a integração de suas vivências no ensino de história. Ao pesquisar a história local, especialmente as cavalgadas como expressões da identidade cultural sertaneja na história local de Adustina/BA, os alunos da EJA criam vínculos com as tradições locais e se veem como agentes ativos na preservação e promoção do legado cultural. Essa abertura nutre o aprendizado histórico, fortalece o senso de pertencimento, fomentando uma educação que respeita e valoriza a diversidade de experiências e perspectivas dos alunos.

Em síntese, o presente capítulo enfatiza a relevância do ensino de história, especialmente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sob a perspectiva do ensino de história e das cavalgadas como expressões da identidade cultural sertaneja na história local de Adustina/BA. O conteúdo centrado nas vivências dos alunos, respeitando suas experiências, práticas culturais e memórias, torna-se fundamental para um aprendizado mais significativo e envolvente.

A integração desses elementos no currículo valoriza a compreensão histórica, potencializa o sentido de pertencimento, motivando os alunos a se tornarem protagonistas ativos na preservação e no impulso ao legado cultural de Adustina/BA. Ao reconhecer a importância do diálogo, “pelo diálogo com o passado e o presente, identificam as possibilidades de intervenção e participação na realidade em que vivem”. (Schmidt; Cainelli, 2009, p. 161-162). A valorização das experiências individuais e da contextualização do ensino, de maneira inclusiva e participativa, contribuem para a construção de uma educação historicamente significativa na EJA, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua identidade cultural.

CAPÍTULO VI – AS CAVALGADAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA), os conteúdos curriculares são cuidadosamente selecionados para atender às necessidades específicas dos estudantes, diferenciando-se dos abordados no Ensino Fundamental regular. Essa seleção prioriza a relevância social e cultural, promovendo uma aplicação prática e reflexiva do conhecimento. O Organizador Curricular na Educação de Jovens e Adultos da Bahia (2022) enfatiza a importância de conectar os conteúdos ao cotidiano e às vivências dos alunos. Segundo o documento, é essencial “associar as ações cotidianas dos diferentes atores sociais, percebendo a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas, econômicas e culturais presentes na sociedade” (Bahia, 2022, p. 56).

O objetivo é identificar conteúdos não apenas como informações a serem transmitidas, mas como elementos integrativos de uma ampla gama de saberes culturais e práticas sociais. Segundo o MEC,

Os conteúdos a serem trabalhados podem ser selecionados em uma perspectiva mais ampla, procurando identificá-los como formas e saberes culturais cuja assimilação é essencial para a produção de novos conhecimentos. Dessa forma, pode-se considerar que devem envolver explicações, formas de raciocínio, linguagens, valores, sentimentos, interesses e condutas (Brasil, 2007, p. 120).

A utilização da Cartilha Sertaneja na EJA surge como uma estratégia pedagógica inovadora e alinhada às necessidades e realidades dos alunos, sobretudo adultos. Projetada para refletir e valorizar a rica herança cultural e histórica do sertão, a cartilha proporciona aos estudantes um elo direto com o seu próprio contexto social e ambiental. Por meio da incorporação de temas e narrativas locais, busca-se não apenas enriquecer o processo educativo, mas também promover o resgate e a valorização da identidade cultural e do sentimento de pertencimento.

Nesse sentido, a Cartilha Sertaneja representa um recurso pedagógico transformador, permitindo que os estudantes explorem e compreendam a história e a cultura sertanejas com base em suas próprias experiências de vida e saberes acumulados. Essa abordagem fortalece a conexão entre educação e cultura local, garantindo um aprendizado significativo que equipa os alunos com o conhecimento necessário para atuar de forma crítica e consciente em suas comunidades.

A cartilha está apresentada em dez capítulos, cada um acompanhado de fotos ilustrativas que complementam os conteúdos abordados. O sequenciamento dos capítulos é o seguinte: Capítulo I: A origem das cavalgadas no contexto histórico do sertão; Capítulo II: O vaqueiro e o gado, o início; Capítulo III: A Caatinga: história, resistência e conscientização ambiental; Capítulo IV: Preservação de cultura e memória; Capítulo V: Trajes de Cavalgadas: Uma viagem no tempo entre gibões e estilizações modernas; Capítulo VI: Diversidades de montarias: para cada vaqueiro e vaqueira, um companheiro; Capítulo VII: Cavalgadas de Adustina/BA: Palco da diversidade cultural sertaneja; Capítulo VIII: O sagrado e o profano: uma celebração de fé e tradição; Capítulo IX: Adustina/BA: um breve histórico.

1. A escola, os alunos e o nascimento de uma ideia

Ao idealizar um trabalho pedagógico direcionado aos discentes e docentes da EJA do Colégio Municipal de Adustina (CMA) – escola localizada na zona urbana da cidade de Adustina/BA e que concentra o maior número de alunos do município –, propus reunir ambas

as turmas do segmento da EJA: a EJA 1, correspondente aos 6º e 7º anos, e a EJA 2, correspondente aos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Os alunos estão na faixa etária de 16 a 30 anos, sendo alguns residentes na própria cidade de Adustina/BA, mas a maioria oriunda da zona rural do município.

Em conversas com esses alunos sobre seus gostos e atividades de entretenimento fora da escola, a maioria, quase unanimemente, afirmou que gosta de aproveitar as cavalgadas. Questionados sobre onde ocorrem essas cavalgadas, responderam que frequentam eventos em diversos lugares, como Caimã, São Francisco e Rio Velho – estes dentro do município de Adustina/BA –, além de municípios vizinhos como Sítio do Quinto/BA, Paripiranga/BA, Fátima/BA e Coronel João Sá/BA. Ou seja, onde quer que estejam nas redondezas, "nós estamos lá". Ao perguntar sobre os eventos festivos do município de Adustina/BA, como as festas dos tratoristas, o novenário de maio e o Adustina Fest, novamente foi quase unânime que não perderiam uma cavalgada por nada.

Em interações com colegas que lecionam nas mesmas turmas, sobre qual o principal assunto nas segundas-feiras, praticamente só se fala em cavalgada, às vezes em vaquejada, e nas cervejinhas do final de semana. Assim, cheguei à conclusão de que minha pesquisa seria fundamentada na origem das cavalgadas e na construção de uma cartilha sertaneja para o ensino de História e História local no CMA, com o objetivo de apresentá-la na escola como uma ferramenta pedagógica para os alunos da EJA.

2. Identificação da escola

Figura 18 - Colégio Municipal de Adustina - Adustina/BA.



Fonte: Acervo do Colégio Municipal de Adustina- Adustina/BA (2017).

O Colégio Municipal de Adustina, localizado na Rua João Gonzaga de Menezes, s/n Centro na cidade de Adustina/BA, tem como endereço eletrônico cmaadustina@yahoo.com.br. A instituição funciona em três turnos: matutino, vespertino e noturno. Sua unidade executora é o caixa escolar do Colégio Municipal de Adustina.

Escola de médio porte, oferece duas modalidades de ensino, Ensino Fundamental – anos finais –, Educação de Jovens e Adultos – EJA. Tem como entidade mantenedora, a Prefeitura Municipal de Adustina, localizada na Avenida José Joaquim de Santana s/n – Centro – Adustina/BA.

Seu horário de funcionamento apresenta-se da seguinte forma: Período matutino, das 7:30 às 12:00 horas; período vespertino, das 13:00 às 17:20 horas; período noturno, das 18:00 às 22:00 horas.

A distribuição das etapas e modalidades de ensino está dividida da seguinte forma: Período Matutino, Ensino Fundamental – Anos finais – do 6º ao 9º ano. No período vespertino – Anos finais – do 6º ao 9º ano, Ensino Fundamental – 2º seguimento – anos finais, modalidade Educação de Jovens e Adultos-EJA, estágio 4 – 6º e 7º ano/8º e 9º ano, estágio 5. No período noturno, Ensino Fundamental – 2º seguimento – anos finais, modalidade Educação de Jovens e Adultos-EJA, estágio 4 – 6º e 7º ano/8º e 9º ano, estágio 5.

Suas dependências físicas e instalações estão estruturadas das seguintes formas: Uma diretoria, uma secretaria, treze salas de aula; uma sala de professores; uma sala de leitura; dez sanitário dos estudantes; dois sanitários acessível dos estudantes; um almoxarifado; uma cozinha; despensa; um pátio descoberto; uma biblioteca; um auditório, uma quadra poliesportiva coberta.

O Colégio Municipal de Adustina foi fundado em 24 de março de 1984. Em 1983, funcionava em um espaço adaptado na Rua João Correia Neto, s/n, na cidade de Adustina/BA, tendo em seu corpo docente apenas quatro professores e com um quadro discente de quarenta e três alunos. Funcionou temporariamente em um prédio cedido pela Escola Municipal Senhor do Bonfim. Em abril de 1985, foi inaugurado o atual prédio e em 6 de dezembro de 1993 foi instituído o seu ato de criação por meio da Lei Municipal nº 35/1993.

A escola funciona em três turnos, distribuídos da seguinte forma: nos turnos matutino e vespertino, oferece os anos finais do Ensino Fundamental e o Curso de Formação de Professores na Modalidade Normal em Nível Médio. A partir do ano letivo de 2021, a escola passou a oferecer a Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Ensino Fundamental – no turno noturno.

Em 2024, o Colégio Municipal de Adustina abrigava 513 alunos matriculados no Ensino Fundamental – anos finais, dos quais 65 são estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), predominantemente provenientes da zona rural do município e oriundos de famílias ligadas à atividade agrícola e de baixa renda. Esses alunos frequentam as aulas no período vespertino e dependem do transporte escolar para acessar a instituição. Além disso, a escola oferece serviço de merenda escolar para todos os seus discentes.

O corpo docente responsável pela EJA é composto pelos mesmos professores que atuam no Ensino Fundamental regular. Todos os professores possuem licenciatura nas respectivas disciplinas que ministram, com boa parte deles também detendo pós-graduação lato sensu. A tabela a seguir apresenta o quadro de professores e suas respectivas habilitações.

Tabela 2 – Lista do corpo docente do Colégio Municipal de Adustina – Adustina/Ba 2024

NOME	HABILITAÇÃO
Ana Maria do Carmo Castro	Licenciatura em Matemática
Deceles da Silva de Andrade	Licenciatura Normal Superior e Educação Física; Especialização em Administração escolar e Educação especial
Diana Esteves da Silva	Licenciatura em Letras inglês; Pedagogia; Especialização em Coordenação e planejamento
Eliézio Vieira dos Santos	Licenciatura em Pedagogia e Ciências biológicas
Evandro Batista de Jesus	Licenciatura em Matemática e Pedagogia Especialização em Matemática
Fabiana Reis de Andrade	Licenciatura em Pedagogia e Arte; Especialização em História e cultura afro-brasileira
Fábio Batista do Nascimento	Licenciatura Pedagogia e Ciências Biológicas; Especialização em Ciências biológicas e Coordenação pedagógica
Gilberto Vieira de Andrade	Licenciatura em Pedagogia e Matemática; Especialização em História e Sociologia
Gildete Jesus do Nascimento	Licenciatura em Ciências biológicas; Especialização em Ensino da biologia
Hamilton Sérgio de Castro	Licenciatura em Matemática; Especialização em Matemática financeira e estatística
Idney Luiz dos Santos	Licenciatura em Pedagogia e Geografia; Especialização em Geografia em meio ambiente
José Anilton Souza Silva	Licenciatura em Pedagogia, Letras Inglês; Especialização em Língua Inglesa
José Batista Neto	Licenciatura em letras; Especialização em Língua Portuguesa e Literatura, Gestão em educação
José Marcos Souza Silva	Licenciatura em Pedagogia e História; Especialização em História e cultura afro-brasileira
José Solon Leles	Licenciatura em História; Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira

Josefa Marinez Menezes	Licenciatura em Pedagogia
Josefa Romania Santana de Souza	Licenciatura em Pedagogia; Especialização em Docência na Educação Infantil, e Libras
Lindinalva da Silva Santos	Licenciatura em Matemática e Química
Maria Auxiliadora de Moraes	Licenciatura em Normal Superior; Especialização em Alfabetização e Letramento
Maria Auxiliadora Santa Rosa Andrade Oliveira	Licenciatura em Pedagogia; Especialização em Psicopedagogia
Maria Docarmo Santana de Jesus	Licenciatura em Geografia; Especialização Ensino da Geografia
Maria Giuvan dos Santos	Licenciatura em História; Especialização em Educação Infantil
Maria José Menezes Souza	Licenciatura em Pedagogia
Michel Ronaldo Sousa Reis	Licenciatura em Matemática; Especialização em Matemática
Núbia Batista dos Santos	Licenciatura em História; Especialização em História da cultura afro-brasileira
Patrícia Pereira de Matos	Licenciatura em Normal Superior
Robério da Silva de Andrade	Licenciatura em Pedagogia e História; Especialização em Geografia, História, Educação em Direitos Humanos.
Rojane Vasconcelos Pereira	Licenciatura em Pedagogia; Licenciatura em Ciências Biológicas; Especialização em Ciências Biológicas
Rosivânia dos Santos	Licenciatura em Letras; Especialização em Língua Portuguesa
Sheila Cruz Ribeiro	Licenciatura em Pedagogia; Especialização em Arte em Educação
Vagner de Oliveira Juviano	Licenciatura em geografia; Especialização em Geografia

Fonte: Colégio Municipal de Adestina – 2023

De acordo com seu Projeto Político Pedagógico, as diretrizes estratégicas da escola são, VISÃO – Ser reconhecida na comunidade como uma instituição que oferece educação de qualidade; MISSÃO – Promover ensino de qualidade de modo que o estudante aproprie-se do conhecimento científico numa perspectiva crítica e transformadora; FINALIDADE – Socializar o conhecimento científico e promover a formação integral dos estudantes; VALORES – proatividade; altruísmo; responsabilidade; disciplina; cordialidade; integridade; solidariedade; respeito; justiça.

A escola atende adolescentes a partir de 15 (quinze) anos de idade, jovens e adultos nos turnos vespertino e noturno. Por isso, é oferecido o Ensino Fundamental na modalidade

Educação de Jovens e Adultos (EJA), conforme previsto nos artigos 37 e 38 da LDB, que asseguram o direito de estudar ao aluno que não teve acesso ao Ensino Fundamental e Médio na idade própria, considerando suas características, seus interesses, condições de vida e de trabalho.

Sobre as esfericidades voltada pra EJA, importa ressaltar que 15 (quinze) anos completos é considerada a idade mínima para ingresso nos cursos de EJA, conforme preconizado na Resolução CNE/CEB nº 3/2010, que instituiu as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos à duração dos cursos e idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; idade mínima e certificação nos exames de EJA; e Educação de Jovens e Adultos desenvolvida por meio da Educação a Distância. O trabalho pedagógico realizado com os adolescentes, jovens e adultos está fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, instituídas pela Resolução CNE/CEB nº 1/2000, nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Segundo estes dispositivos legais, a organização do trabalho pedagógico na modalidade EJA considerará os seguintes princípios: flexibilização do currículo, do espaço e do tempo pedagógico; b) distribuição dos componentes curriculares de modo a proporcionar um patamar igualitário de formação; c) organização curricular baseada nos conteúdos de ensino essenciais à formação dos adolescentes, jovens e adultos; d) identificação e reconhecimento das formas de aprender dos estudantes e a valorização de seus conhecimentos e experiências; e) suporte e atenção individuais às diferentes necessidades dos estudantes no processo de ensino e de aprendizagem, mediante atividades diversificadas; f) realização de atividades culturais, artísticas, recreativas e esportivas, geradoras de enriquecimento do percurso formativo dos estudantes; g) desenvolvimento de ações pedagógicas voltadas para o trabalho; e, h) motivação e orientação permanente, visando maior participação dos estudantes nas aulas e melhor aproveitamento e desempenho.

3. A Cartilha: As cavalgadas no Ensino de História

O trabalho pedagógico na Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa um desafio ininterrupto para os docentes, notadamente no que tange às especificidades inerentes a esses discentes, como a distorção idade-série e a exaustiva jornada entre as esferas escolar e social. Além disso, o enfrentamento de conteúdos considerados enfadonhos, muitas vezes recorrentes e destituídos de significado para os alunos, é uma constante no contexto da EJA. Soma-se a isso

o desafio do professor de História, incumbido de transmitir datas, eventos e figuras históricas que frequentemente escapam ao interesse dos educandos.

Destarte, o educador se vê diante de uma árdua empreitada, na qual a adaptação e a criação de materiais pedagógicos se tornam urgentes para satisfazer as necessidades e peculiaridades de seus discentes. A carência de um referencial curricular definido adiciona uma camada adicional de complexidade no trabalho de ensino-aprendizagem, demandando do professor uma habilidade aprimorada para engajar e estimular o interesse dos estudantes em suas aulas.

Diante desse quadro, é mister que se crie um produto que, ao menos, situe os discentes em sua realidade socioeconômica, cultural e histórica, de modo que se sintam parte do próprio contexto. Daí a ideia de criar uma cartilha a partir das Cavalgadas, evento que faz parte de sua cultura e historicidade.

O organizador curricular da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação do Estado da Bahia – SEC-BA, explicita em seu documento:

São elementos constitutivos do currículo da EJA: Eixo Temático - próprios da prática social; Tema Gerador - temáticas inerentes ao cotidiano dos estudantes; Aspectos Cognitivos, Socioformativos e Socioemocionais – conhecimentos, comportamentos e emoções relevantes para a formação dos estudantes, ao seu tempo humano de aprendizagem (BAHIA, p. 13, 2022).

Diante disso, a inserção de uma cartilha no ensino da EJA torna-se não apenas uma opção pedagógica, mas uma necessidade imperativa. Ao abordar temas diretamente relacionados à realidade dos estudantes, como as Cavalgadas, essa cartilha enriquecerá o processo de ensino-aprendizagem e promoverá uma maior identificação e engajamento por parte dos alunos. Além disso, ao alinhar-se aos princípios e diretrizes do currículo da SEC-BA, ela contribui para o desenvolvimento contínuo dos estudantes no aspecto cognitivo, capacitando-os a compreender e valorizar sua própria história e identidade.

Considerando as demandas do contexto educacional da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a criação e implementação de uma cartilha emerge como uma estratégia essencial. Esta iniciativa não apenas visa suprir a carência de materiais pedagógicos que dialoguem de forma significativa com a realidade dos alunos, mas também se alinha diretamente aos princípios fundamentais do currículo da SEC-BA. Ao adotar temas como as Cavalgadas, intrínsecos à vivência cotidiana dos estudantes, essa cartilha poderá enriquecer o processo de ensino-aprendizagem e fomentar uma maior conexão e identificação dos alunos com os conteúdos abordados. Assim, a inserção desta ferramenta no ensino da EJA não se restringe a uma mera

alternativa pedagógica, mas configura-se como uma necessidade premente para promover uma educação mais inclusiva e contextualizada.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), assim como no ensino de história local, a cartilha tem como pretensão desempenhar um papel crucial na facilitação do processo de aprendizagem. Ao serem apresentadas de forma leve e dinâmica, essas ferramentas educativas têm o potencial de tornar o conteúdo mais acessível e compreensível para os alunos, especialmente quando se trata da história específica de sua região. Além disso, a utilização de cartilhas contribui significativamente para a retenção de informações, auxiliando os estudantes na memorização dos conceitos abordados, seja sobre os acontecimentos históricos locais ou sobre os temas pertinentes à EJA. Dessa forma, as cartilhas aumentam o entendimento do público-alvo, propiciam uma maior adesão dos alunos ao processo de aprendizado, tornando-o mais eficaz e significativo para seu desenvolvimento educacional e para a compreensão de sua própria história e identidade local.

A utilização de imagens é destacada por Bittencourt (2009), que afirma: “As gravuras têm sido utilizadas com frequência como recurso pedagógico no ensino de História” (Bittencourt, 2009, p. 360). Ao incorporar gravuras e imagens na composição de uma cartilha, proporciona-se uma oportunidade para uma nova dinâmica no ensino de História. Isso visa romper com as formas tradicionais de aprendizagem presentes nos livros didáticos, muitas vezes já saturados pelos alunos, que buscam novas abordagens além das salas de aula.

Além de proporcionar uma abordagem alternativa ao ensino de História, o uso de gravuras e imagens em cartilhas oferece uma maneira visualmente estimulante de explorar os eventos históricos, incluindo as particularidades da história local, como as cavalgadas. Ao incorporar elementos visuais relacionados às cavalgadas e a outros aspectos culturais locais, os alunos são incentivados a desenvolver habilidades de análise crítica, interpretação e contextualização específicas de sua região. Isso proporciona uma compreensão mais aprofundada e significativa dos temas estudados, ao mesmo tempo em que enriquece a experiência de aprendizado, tornando-a mais envolvente e acessível para os alunos.

A construção de uma cartilha como "As Cavalgadas e o Ensino de História" busca instigar os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) a adotarem uma nova dinâmica e metodologia no aprendizado da História. Algumas vezes já entediados com a disciplina, como mencionado por Elza Nadai:

Nossos adolescentes também detestam a História. Votam-lhe ódio entranhado e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimentos que o “ponto” exige ou se valendo levemente da “cola” para

passar nos exames. Demos ampla absolvição à juventude. A História como lhes é ensinada é, realmente, odiosa (Nadai, 1992/1993, p. 143).

Uma abordagem diferenciada e contextualizada por meio da cartilha visa romper com a percepção negativa da História, especialmente ao destacar aspectos da história local, como as cavalgadas, que possuem significativa relevância cultural e histórica para os estudantes da região. Dessa forma, ao fornecer um material educativo mais atrativo e significativo, a cartilha pretende incentivar o engajamento dos alunos no estudo da História, levando-os a valorizar e compreender melhor sua própria identidade e contexto histórico.

Diante da importância cultural e social das cavalgadas em Adustina/BA, surge a necessidade de incorporá-las como parte integrante do ensino de História, especialmente em uma abordagem que ressoe com a realidade dos alunos. As cavalgadas são eventos festivos e reflexos vivos da história local, enraizados na identidade e nas tradições da comunidade sertaneja. Ao explorar as cavalgadas como tema de estudo, os alunos têm a oportunidade não só de se conectar com sua própria cultura e herança, mas também de compreender profundamente as dinâmicas históricas que moldaram sua região. Esta cartilha sertaneja propõe uma metodologia educativa mais significativa, onde os alunos podem abraçar as narrativas, os símbolos e os significados das cavalgadas, destacando sua relevância como forma de preservação da memória, expressão da resistência cultural e pertencimento.

Goveia (2022), explicita;

Conforme o que está estabelecido na legislação educacional brasileira, a parte diversificada do currículo escolar deve ser organizada por estados e municípios, de maneira que deve contemplar aspectos históricos, econômicos, sociais, ambientais, estando em consonância com o que estabelece a BNCC. (Goveia, 2022, p. 149).

A construção de uma cartilha para os alunos da EJA, poderá possibilitar um vislumbre melhor sobre o ensino de História e da História local, além de suas características históricas, sócio geográficas e ambientais.

3.1. A Caatinga: História, resistência e conscientização Ambiental

A construção de uma cartilha para os alunos da EJA, poderá possibilitar um vislumbre melhor sobre o ensino de História e da História local, além de suas características históricas, sócio geográficas e ambientais.

Figura 19- Mandacaru, planta símbolo da Caatinga, Serra do Capitão - Adustina/BA.



Fonte: Robério da Silva de Andrade (2020).

Desafios ambientais e a preservação da Caatinga. É crucial abordar os desafios enfrentados pela Caatinga, especialmente diante da expansão das plantações, que pode levar à degradação do bioma. A preservação é fundamental para manter o equilíbrio entre a natureza e as atividades agrícolas, garantindo a sustentabilidade desse ecossistema único.

As cavalgadas em Adustina/BA não se limitam a ser apenas eventos culturais; são também oportunidades de conscientização ambiental. Ao apreciar a beleza da Caatinga e dos campos de milho durante esses eventos, os alunos são convidados a refletir sobre a importância de preservar o ambiente e a biodiversidade local.

Ao integrar o conceito da Caatinga neste texto e adicionar imagens relacionadas, proporcionamos uma compreensão mais abrangente e visualmente rica para os alunos do Fundamental II da EJA. Essa abordagem torna o tema ainda mais acessível e envolvente, incentivando a conexão dos alunos com a natureza, a história e a cultura local.

3.2. Um espaço de união, preservação de cultura e memória

As cavalgadas em Adustina/BA representam uma tradição coletiva enraizada na comunidade local, configurando-se como um fenômeno sociocultural que envolve diversos setores da sociedade. Esses eventos não apenas reforçam laços comunitários, mas também se tornam uma expressão viva da história regional, proporcionando uma oportunidade para compreendermos o passado e suas influências sobre o presente.

Os vaqueiros, com sua expertise na lida com o gado, assumem um papel de destaque nessas festividades, relembrando a importância histórica da pecuária para o desenvolvimento econômico e social da região. Ao longo dos séculos, o vaqueiro foi essencial na ocupação e

exploração do território nordestino, sendo um personagem fundamental na construção da identidade sertaneja.

Os agricultores, por sua vez, contribuem ativamente ao patrocinar as cavalgadas em agradecimento às colheitas e à fertilidade da terra. Essa prática remonta a costumes tradicionais de celebrações agrárias que, historicamente, marcaram a relação entre o homem e a natureza. Ao estudarmos a história, percebemos como rituais de gratidão à terra foram fundamentais para diversas civilizações ao longo do tempo, sendo ressignificados em contextos locais como as cavalgadas.

Não menos importante, os comerciantes também têm sua parcela de contribuição, viabilizando economicamente os eventos e reafirmando o papel do comércio na organização da sociedade. Historicamente, feiras e eventos comunitários sempre desempenharam funções de intercâmbio econômico e cultural, sendo espaços essenciais de socialização e desenvolvimento local.

Figura 20 - Vaqueiro com seu tradicional carro de boi, Cavalgada do Pov. São Francisco - Adustina/BA.



Fonte: Robério da Silva de Andrade (2023)

A presença de políticos nesses eventos também merece destaque, pois demonstra a intersecção entre cultura, tradição e esfera política. Desde a Antiguidade, governantes utilizam celebrações populares como estratégia para se aproximar da população e fortalecer seu prestígio. No contexto de Adustina/BA, prefeitos, vereadores e representantes de associações compreendem a relevância histórica das cavalgadas e as utilizam como meio de interação com a comunidade.

No âmbito educacional, a participação dos alunos da EJA do Ensino Fundamental II nesses eventos oferece uma experiência pedagógica significativa, permitindo que compreendam a importância da História na construção das identidades locais. Ao relacionar

esses eventos com os conteúdos históricos, como a formação econômica do sertão, os processos de ocupação territorial e a cultura popular nordestina, os estudantes conseguem visualizar, na prática, o impacto da história em seu cotidiano.

Dessa forma, as cavalgadas tornam-se não apenas momentos de confraternização, mas também espaços de aprendizado, onde o Ensino de História pode ser vivenciado de maneira contextualizada, valorizando as tradições e promovendo a reflexão crítica sobre os processos históricos que moldaram a região de Adustina/BA.

3.3. Trajes de cavalgadas, uma viagem no tempo entre gibões e estilizações modernas

As cavalgadas em Adustina/BA representam um encontro entre tradição e contemporaneidade, refletido nos trajes variados usados pelos participantes. O contraste entre os gibões de couro – que eram e ainda são usados pelos vaqueiros como proteção contra a vegetação espinhosa da caatinga – e as estilizações modernas, como bonés e camisetas, celebra o evento de maneira única. Essa fusão entre o passado e o presente não apenas preserva a memória histórica, mas também atualiza e fortalece a identidade cultural da comunidade.

Os gibões de couro, memória viva dos vaqueiros do passado. Em meio à poeira das cavalgadas, alguns participantes escolhem vestir os clássicos gibões de couro, remetendo à época dos vaqueiros que desbravaram o sertão. Essa vestimenta tradicional é mais do que uma roupa; é um elo com a história, uma homenagem aos bravos vaqueiros que moldaram a cultura local.

Essa cultura, entretanto, vem caindo em desuso devido à diminuição da caatinga espinhosa, um ambiente desafiador para o qual os gibões de couro foram originalmente criados. A vestimenta era essencial para proteger os vaqueiros dos espinhos e da vegetação áspera enquanto desbravavam o sertão. Em alguns casos, os gibões de couro foram substituídos por materiais sintéticos que, embora mais acessíveis e práticos, não carregam a mesma carga histórica e simbólica dos originais, enfraquecendo essa rica herança dos vaqueiros do passado.

Completando o visual, os participantes muitas vezes adornam suas cabeças com chapéus de couro, símbolo da tradição sertaneja. Esses acessórios protegem do sol escaldante e transmitem a autenticidade e a rusticidade que definem as cavalgadas em Adustina/BA.

O contraste moderno: bonés e camisetas estilizadas. Enquanto alguns optam pela tradição, outros participantes escolhem expressar seu espírito moderno. Bonés estilizados e camisetas temáticas exibem cores vibrantes e estampas que capturam a energia contemporânea das cavalgadas. Essas peças adicionam uma atmosfera dinâmica e festiva ao evento.

Figura 21 - Mãe e Filha (Claudiana e Maria Sophia), Cavalgada do Pov. São Francisco - Adustina/BA.



Fonte: Robério da Silva de Andrade (2023).

Essa diversidade de trajes cria um diálogo visual significativo entre o passado e o presente durante as cavalgadas. Enquanto alguns se transportam para os dias históricos dos vaqueiros, outros celebram a atualidade, unindo-se em uma celebração coletiva que abraça as múltiplas facetas da identidade local.

Os trajes nas cavalgadas vão além da estética; eles são expressões vivas da identidade cultural de Adustina/BA. Ao explorar as vestimentas, os alunos da EJA do Fundamental II têm a oportunidade de compreender como o passado e o presente se entrelaçam, moldando a narrativa única das cavalgadas.

3.4. Diversidades de montarias, para cada vaqueiro, um companheiro

A diversidade nas montarias das cavalgadas: a montaria é mais do que um meio de percorrer os caminhos sertanejos; é uma extensão da identidade de cada participante. Aqui, a diversidade impera, proporcionando espaço para todos os tipos de montarias. Desde os majestosos cavalos puro sangue até os humildes pangarés e jumentos, todos têm seu lugar nessa celebração.

A exuberância dos cavalos puro sangue, conhecidos por sua elegância e resistência, encantam os espectadores com sua postura imponente durante as cavalgadas. Suas crinas ao vento e passos graciosos contribuem para uma atmosfera de majestade, adicionando um toque de requinte ao evento. Ao mesmo tempo, pangarés e jumentos demonstram a simplicidade e a autenticidade que caracterizam o sertão. Símbolos de resistência e adaptabilidade, essas

montarias ressaltam que a verdadeira beleza reside na diversidade e na singularidade de cada animal.

Nas cavalgadas de Adustina/BA, as montarias refletem a verdadeira diversidade: não importa a origem ou a linhagem do cavalo, mas sim a paixão e a união que eles trazem à comunidade. Cada montaria tem seu próprio papel na construção dessa tradição, contribuindo para a riqueza cultural que define Adustina/BA.

Para os alunos da EJA do Ensino Fundamental II, as montarias nas cavalgadas oferecem uma oportunidade diferenciada de aprendizado. Ao observar a diversidade de cavalos e suas características distintas, os alunos podem adquirir maior conhecimento sobre a importância de valorizar cada indivíduo, independentemente de suas origens. Essa experiência prática permite que eles compreendam melhor a riqueza da diversidade e a relevância de reconhecer e respeitar as diferenças, promovendo uma sensibilidade social que contribui para uma visão mais inclusiva e abrangente da sociedade. Infelizmente, nesses eventos, muitas vezes não se observam as disparidades sociais presentes, o que ressalta a necessidade de um olhar crítico e consciente sobre as desigualdades existentes.

3.5. Cavalgadas de Adustina/BA, palco da diversidade cultural sertaneja

As cavalgadas são mais do que um simples evento pelos caminhos da zona rural: são verdadeiros palcos que ecoam a polifonia sertaneja. Cantores sertanejos entoam melodias que reverberam pelas trilhas, enquanto forrozeiros fazem todos dançarem ao ritmo pulsante do forró, enchendo o ar com alegria e energia contagiante.

No coração das cavalgadas, os repentistas tomam a dianteira, entoando versos que contam as sagas dos vaqueiros, suas jornadas embrenhadas na caatinga e nas lidas com o gado. A tradição oral ganha vida, transformando a paisagem e reafirmando a identidade cultural que molda o sertanejo de Adustina/BA. Essas narrativas são também um recurso fundamental para o Ensino de História, pois permitem aos alunos compreender como os relatos orais preservam e difundem acontecimentos e valores culturais ao longo do tempo.

Entre as trilhas poeirentas, poetas e poetisas enaltecem a cultura sertaneja com suas rimas e versos. Cordializando as emoções, eles capturam a essência da vida no sertão, transmitindo sabedoria, paixão e tradição para as gerações presentes e futuras. Além disso, as cavalgadas oferecem uma oportunidade valiosa para artistas locais mostrarem seus talentos. Sejam músicos, poetas, repentistas ou outros artistas, esses eventos são uma plataforma para exibirem sua arte e contribuírem para a riqueza cultural da região.

No contexto do Ensino de História, as cavalgadas permitem que os alunos reflitam sobre o papel da tradição oral na construção e preservação da memória histórica. Ao compreenderem a história dos vaqueiros e das comunidades sertanejas, os estudantes podem analisar as transformações sociais e econômicas ao longo dos séculos, observando como os processos históricos influenciaram a formação do sertão e suas práticas culturais.

Ademais, a influência da Igreja Católica na ocupação sertaneja do Brasil também se faz presente. Desde o período colonial, as missões religiosas desempenharam um papel fundamental na organização das comunidades rurais, estabelecendo povoados e contribuindo para a disseminação de valores culturais e práticas sociais. As festas religiosas e as bênçãos durante as cavalgadas são heranças dessa influência, reforçando os laços entre fé, cultura e identidade sertaneja.

Para os alunos da EJA do Fundamental II, as cavalgadas se transformam em espaços educativos, onde a diversidade cultural é uma lição viva. Ao observar e participar desses momentos, os alunos têm a oportunidade de compreender a riqueza da tradição oral, a importância da música e da poesia na preservação da cultura local, além de relacionar tais manifestações às influências históricas que moldaram o sertão.

3.6. A devoção de fé na história do sertanejo

A fé e a devoção do sertanejo são elementos centrais de sua identidade, refletindo uma profunda conexão entre espiritualidade, cultura e cotidiano. No sertão, a religiosidade transcende os rituais formais, manifestando-se em tradições como as cavalgadas, que são especialmente marcantes em comunidades como Ajustina/BA. No contexto do Ensino de História na EJA, compreender essas manifestações religiosas e culturais permite trabalhar temas como a influência da Igreja Católica na ocupação do sertão, o sincretismo religioso e a importância das tradições orais na transmissão do conhecimento histórico.

A devoção a Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, é uma expressão emblemática dessa fé. Durante as cavalgadas, os vaqueiros exibem imagens da santa, além de crucifixos e rosários que adornam seus pescoços, simbolizando proteção e conexão espiritual. Esses elementos religiosos, transmitidos desde o período colonial, quando a Igreja Católica consolidou práticas cristãs no Brasil, continuam a guiar e inspirar as vivências do homem do campo. No ensino da História, tais aspectos podem ser abordados por meio de debates e análises sobre o papel da religião na formação das identidades culturais, promovendo reflexões sobre como os elementos sagrados se entrelaçam com o cotidiano sertanejo.

Por outro lado, a celebração das cavalgadas vai além do sagrado, integrando o profano em uma rica mistura cultural. A música, a dança, o consumo de bebidas alcoólicas e a presença

de paredões e trios elétricos criam uma atmosfera de alegria e comunhão. Essa dualidade, onde o sagrado e o profano coexistem, reflete a complexidade e o dinamismo das tradições sertanejas, mostrando como elas se adaptam ao longo do tempo sem perder sua essência. No Ensino de História, essa temática pode ser abordada por meio de análises comparativas entre diferentes festividades culturais e religiosas, promovendo discussões sobre as transformações das tradições ao longo do tempo.

No cenário da religiosidade sertaneja, as benzedeiras ocupam um lugar de destaque como guardiãs de saberes espirituais e terapêuticos. Essas mulheres, vistas como intermediárias entre o homem e o sagrado, praticam o benzimento por meio de orações e rituais transmitidos oralmente ao longo de gerações. Laplantine e Rabeyron (1989) descrevem as benzedeiras como indivíduos que “tratam, benzem, curam e esconjuram, recorrendo essencialmente a um segredo que lhes foi legado por um parente, amigo, por meio de leitura ou aparição espiritual”. (Laplantine e Rabeyron, 1989, p.52).

O ritual de benzimento geralmente começa com o sinal da cruz, seguido de orações realizadas sobre a pessoa ou animal a ser benzido. Muitas vezes, o ato envolve o uso de ramos de plantas como vassourinha-de-botão, pinhão-roxo e carrapateira, que carregam simbolismos próprios. Essas práticas refletem a espiritualidade popular do sertão, onde o cuidado com o corpo e a alma é uma expressão da fé comunitária. A relação entre a cura espiritual e o saber popular pode ser trabalhada no Ensino de História por meio do estudo das práticas médico-religiosas ao longo da história e suas influências na medicina tradicional.

Contudo, o papel das benzedeiras pode variar, como aponta Loyola (1984), “a benzedeira se limita a rezar sobre a cabeça do enfermo, não receita medicamentos e reza fazendo o sinal da cruz. Já o curandeiro penetra no sobrenatural, ou seja, consegue se conectar com forças superiores”. (Loyola, 1984, p. 94). Essa distinção evidencia diferentes níveis de atuação e conexão com o sagrado, mostrando como as práticas espirituais no sertão são heterogêneas e ricas em significados.

Além do ritual em si, aspectos como a remuneração ou a gratuidade do trabalho também ajudam a compreender as diversas formas como as benzedeiras constroem sua visão de mundo e exercem sua vocação. Como observa Oliveira (1985, p. 31), “essas variações são fundamentais para entender o lugar que ocupam na cultura sertaneja e sua importância como figuras de cuidado e fé”. (Oliveira, 1985, p. 31). A temática das benzedeiras pode ser trabalhada na EJA por meio de relatos orais dos alunos, incentivando a pesquisa sobre figuras semelhantes em suas comunidades e promovendo o reconhecimento da história vivida.

A coexistência entre o sagrado e o profano, presente nas cavalgadas e nas práticas das benzedeiras, reflete a riqueza cultural do sertão e a profunda relação do sertanejo com sua fé e identidade. No Ensino de História, essa discussão pode ser aprofundada através de análises sobre os processos de formação das identidades regionais e o impacto das tradições na memória coletiva.

3.7. Cavalgadas: guardiãs de memórias e símbolos de resistência sertaneja

As cavalgadas transcendem sua natureza de simples evento cultural; são narrativas vivas da história do sertão. Originárias da pega de gado, da vaquejada e da missa do vaqueiro, esses eventos trazem consigo a essência da lida com o gado, representando não apenas o povoamento do sertão, mas também a coragem e a determinação do vaqueiro diante dos desafios.

Ao longo dos anos, o sertanejo tem sido testemunha de mudanças avassaladoras em seu ambiente, causadas pela influência dos meios de comunicação, da cultura urbana de outras regiões do país e até mesmo do exterior, no contexto da globalização. No entanto, as cavalgadas permanecem como testemunhas resilientes dessas transformações. Esses eventos resistem ao tempo, preservando a tradição do homem sertanejo que, mesmo diante das adversidades e das mudanças socioeconômicas, mantém sua identidade e amor pela terra. As cavalgadas celebram a cultura local e tornam-se símbolos de resistência, unindo a comunidade em torno de suas raízes e fortalecendo os laços que a ligam à sua história e à sua terra, enfrentando os desafios da modernidade e da globalização.

O ensino de História na Educação de Jovens e Adultos, seguimento II, que corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental. O ensino de História no Ensino Fundamental, em seus anos finais, segundo a BNCC, afirma: “Pelo reconhecimento e pela interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias”. (Brasil, 2018, p. 418). Isso mostra a importância de envolver outras disciplinas no contexto do currículo de História. A BNCC expressa que, “Na elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas, devem ser enfatizadas as articulações das habilidades com as de outras áreas do conhecimento, entre as unidades temáticas e no interior de cada uma delas” (Brasil, 2018, p. 275). Serão trabalhados nessa cartilha os eixos temáticos: Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social; Registros da história: linguagens e culturas; Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade.

As habilidades a serem trabalhadas, conforme a BNCC, incluem: (EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas,

mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas; (EF09HI27) Relacionar aspectos das mudanças econômicas, culturais e sociais ocorridas no Brasil a partir da década de 1990 ao papel do País no cenário internacional na era da globalização; (EF05HI05) Associar o conceito de cidadania à conquista de direitos dos povos e das sociedades, compreendendo-o como conquista histórica. Ao trabalhar essas habilidades, o Ensino de História tende a fortalecer a análise crítica dos estudantes sobre o mundo contemporâneo, destacando a relação entre passado e presente na tentativa de construir uma sociedade mais justa, democrática e humana. (EF08HI22) Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX; (EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive; (EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo; (EF06HI06) Identificar geograficamente as rotas de povoamento no território americano. Ao trabalhar essas habilidades, o Ensino de História sugere uma análise crítica das transformações sociais e culturais, ajudando os estudantes a compreenderem como os processos históricos influenciam o presente. Por meio do estudo das identidades, da urbanização, do patrimônio cultural e das rotas de povoamento, o Ensino de História possibilita a valorização da diversidade e da memória histórica, fundamentais para a construção da sociedade contemporânea e para a almejar a formação de cidadãos mais participativos na sociedade. (EF09HI36) Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência; (EF06HI05) Descrever modificações da natureza e da paisagem realizadas por diferentes tipos de sociedade, com destaque para os povos indígenas originários e povos africanos, e discutir a natureza e a lógica das transformações ocorridas.

Destarte, a apresentação da cartilha como uma ferramenta para promover o ensino de História local de forma acessível contextualizando com o Ensino de História, explorando as riquezas da cultura sertaneja, com foco especial nas cavalgadas. A presente cartilha será representada em nove capítulos, os quais abordarão diferentes aspectos, desde suas origens históricas até sua relevância contemporânea na preservação da identidade e memória sertanejas.

No Capítulo I, "A Origem das Cavalgadas no Contexto Histórico do Sertão", apresentaremos as origens das cavalgadas dentro do contexto histórico do sertão, explorando as raízes culturais e históricas dessa prática tradicional que desempenha um papel significativo na identidade e na vida das comunidades sertanejas. Nesse capítulo, atenderemos à habilidade

(EF05HI10) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC): inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo, investigando como as cavalgadas, enquanto patrimônio cultural, se mantiveram e se transformaram ao longo dos séculos, refletindo as dinâmicas sociais, econômicas e históricas do sertão.

No segundo capítulo, “O Vaqueiro e o Gado: O Início”, trabalharemos o papel primordial do vaqueiro e sua relação com o gado no contexto do surgimento das cavalgadas, bem como no processo de povoamento da Região Nordeste. Serão incluídas fotos, imagens e/ou xilogravuras representativas do vaqueiro e do gado, destacando sua relevância na tradição sertaneja e sua contribuição para a economia e cultura do Nordeste brasileiro. Atenderemos à habilidade (EF05HI01) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que consiste em identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado, e inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade. Analisaremos como a figura do vaqueiro e sua relação com o gado moldaram a identidade cultural do sertão e contribuíram para a formação histórica da comunidade de Adustina/BA.

No terceiro capítulo, “As Cavalgadas na Caatinga: Cores, Resistência e Conscientização Ambiental”, descreveremos as características da caatinga e sua importância ambiental. Exploraremos as cores e paisagens presentes durante as cavalgadas e abordaremos a resistência dos sertanejos diante das adversidades climáticas. Também destacaremos a conscientização ambiental, enfatizando a preservação do bioma. Para ilustrar as características únicas da caatinga e sua importância ambiental, inseriremos imagens e xilogravuras que retratam a diversidade de flora e fauna encontradas neste bioma. Atenderemos à habilidade (EF05HI01) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que consiste em identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado, e inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade. Analisaremos como a caatinga, com sua flora e fauna distintas, influenciou a formação cultural das comunidades sertanejas e como as cavalgadas, enquanto patrimônio imaterial, refletem a adaptação e a resistência dos sertanejos ao ambiente desafiador da caatinga.

No quarto capítulo, “Cavalgadas: União, Preservação de Cultura e Memória”, abordaremos o papel das cavalgadas como um espaço de união entre os sertanejos, com destaque para a importância das cavalgadas na preservação da cultura e da memória sertaneja, exemplificando tradições e práticas culturais mantidas ao longo do tempo. Serão inseridas imagens e xilogravuras que retratam momentos significativos das cavalgadas, enfatizando a união entre os participantes, as manifestações culturais e as tradições preservadas ao longo do

tempo. Atenderemos à habilidade (EF09HI05) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que consiste em identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vivemos. Analisaremos como as cavalgadas têm se adaptado às mudanças trazidas pela urbanização e modernização e como, apesar dessas transformações, elas continuam a ser um símbolo de resistência e preservação cultural no sertão. Além disso, discutiremos os impactos dessas mudanças na vida comunitária e nas tradições culturais, mostrando como a urbanização e a modernização influenciam, mas não apagam, as práticas culturais enraizadas no sertão.

No capítulo cinco, “Trajes de Cavalgadas: Uma Viagem no Tempo entre Gibões e Estilizações Modernas”, apresentaremos os trajes tradicionais utilizados nas cavalgadas, como os gibões e chapéus de couro. Explorarei as influências modernas nos trajes, como a estilização e personalização das vestimentas. Utilizaremos imagens para ilustrar os diferentes estilos de trajes ao longo da história. Além disso, atende à habilidade (EF09HI05) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que exige identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vivemos. Analisará como os trajes de cavalgada têm evoluído em resposta à urbanização e modernização, mostrando as contradições e impactos dessas mudanças. Discutirá como, apesar das influências modernas, os trajes tradicionais continuam a desempenhar um papel importante na preservação da identidade histórica e cultural sertaneja.

O capítulo seis, “Diversidades de Montarias: Para Cada Vaqueiro e Vaqueira, um Companheiro”, descreveremos as diversas montarias utilizadas nas cavalgadas, como cavalos, mulas e jegues. Abordaremos a importância da escolha da montaria adequada para cada vaqueiro, levando em consideração suas habilidades e necessidades. Incluiremos imagens e xilogravuras representando as diferentes montarias e suas características. Atenderemos à habilidade (EF09HI27) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que consiste em relacionar aspectos das mudanças econômicas, culturais e sociais ocorridas no Brasil a partir da década de 1990 ao papel do país no cenário internacional na era da globalização. Discutiremos o impacto da globalização na acessibilidade a diferentes raças de animais e equipamentos de montaria, bem como as novas exigências e expectativas dos vaqueiros e vaqueiras em seu trabalho.

Com certeza, Robério! Vamos revisar este trecho que descreve o conteúdo do Capítulo VII da cartilha e sua relação com a habilidade da BNCC (EF09HI36):

No capítulo sete, “Cavalgadas de Adustina/BA: Palco da Diversidade Cultural Sertaneja”, apresentaremos as características específicas das cavalgadas realizadas em Adustina/BA. Destacaremos a diversidade cultural, como repentistas, cordelistas, aboiadores, poetas e poetisas populares presentes nessas cavalgadas, reunindo essas tradições. Utilizaremos imagens e xilogravuras, além de exemplos de repentis, aboios e poesias de artistas populares, para retratar as particularidades das cavalgadas de Adustina/BA. Atenderemos à habilidade (EF09HI36) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que consiste em identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência. Analisaremos como as cavalgadas de Adustina/BA refletem a diversidade cultural sertaneja e como essas tradições contribuem para a construção da identidade local. Destacaremos a importância de valorizar e respeitar as diversas manifestações culturais presentes nessas cavalgadas, promovendo a inclusão e o combate ao preconceito e à violência.

No capítulo oito, “Cavalgadas de Adustina/BA: Entre o Sagrado e Profano, uma Celebração de Fé e Tradição”, explicaremos a dimensão religiosa das cavalgadas em Adustina/BA, com ênfase nas celebrações e rituais realizados durante os eventos. Analisaremos a interação entre elementos sagrados e profanos nas cavalgadas, refletindo a cultura e tradições locais. Inseriremos imagens e xilogravuras representativas das manifestações religiosas nas cavalgadas. Atenderemos à habilidade (EF09HI26) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que consiste em discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas. Analisaremos como as cavalgadas de Adustina/BA, ao celebrarem a fé e as tradições locais, promovem a união e a integração da comunidade, contribuindo para a construção de uma cultura de paz e respeito mútuo.

No capítulo nove, “Cavalgadas: Guardiãs de Memórias e Símbolos de Resistência Sertaneja”, refletiremos sobre o papel das cavalgadas como guardiãs de memórias e símbolos de resistência sertaneja. Abordaremos a importância de preservar e valorizar as tradições das cavalgadas como parte da identidade cultural sertaneja. Utilizaremos imagens e xilogravuras para ilustrar momentos significativos das cavalgadas como forma de preservar sua memória. Atenderemos à habilidade (EF08HI22) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que consiste em discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX. Analisaremos como as cavalgadas, além da expressão

cultural letrada e não letrada, desempenham um papel fundamental na construção e preservação da identidade histórica sertaneja ao longo do tempo. Apresentaremos uma breve visão da história de Adustina/BA, destacando eventos e aspectos relevantes que contribuíram para a formação da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa destacou a relevância das cavalgadas como expressão da identidade cultural sertaneja e sua importância para o Ensino de História local em Adustina/BA. Ao longo do estudo, constatou-se que essas manifestações culturais vão além de eventos festivos, configurando-se como elementos históricos e pedagógicos fundamentais para compreender a trajetória e as tradições da região.

O estudo evidenciou que as cavalgadas desempenham um papel essencial na preservação das tradições e na construção da identidade coletiva dos sertanejos. A investigação sobre suas origens revelou como essa prática se consolidou ao longo do tempo, perpassando diferentes períodos históricos e refletindo aspectos sociais, econômicos e culturais da região. Nesse contexto, a elaboração da cartilha, “As cavalgadas no Ensino de História”, visa oferecer um recurso didático acessível e contextualizado para professores e alunos das turmas A (6º e 7º anos) e B (8º e 9º anos) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Municipal de Adustina. A proposta busca fortalecer o Ensino de História ao associá-lo às vivências culturais dos estudantes, tornando o aprendizado mais significativo e próximo da realidade local.

Os desafios enfrentados na execução da pesquisa sobre as cavalgadas no Município de Adustina/BA foram diversos e exigiram uma abordagem abrangente. A necessidade de comparecer a eventos, registrar momentos por meio de fotografias, interagir com vaqueiros e vaqueiras, bem como entrevistar organizadores e simpatizantes dessas manifestações culturais, demandou planejamento e disponibilidade. Além disso, investigar os meios de divulgação, como rádios locais, redes sociais e carros de som, representou um esforço para compreender a forma como essas festividades são promovidas e recebidas pela comunidade. Um dos maiores desafios foi a construção do referencial teórico, dado o ineditismo do tema, exigindo um diálogo constante com autores como Hüsen, Bittencourt, Milton Santos e Mar Bloch. Apesar das dificuldades, esse processo revelou-se não apenas desafiador, mas também uma experiência enriquecedora, proporcionando uma imersão na História, na Geografia e na cultura de Adustina/BA e região.

Sempre acreditei que a educação é e sempre será o alicerce para o desenvolvimento e a ascensão do indivíduo e da sociedade como um todo. E, quando falamos em educação, referimo-nos a um espaço que deve incluir todos e todas, respeitando suas particularidades, histórias e culturas. Por sermos uma sociedade diversa, encontramos uma grande heterogeneidade cultural. No entanto, evidenciar e divulgar determinadas expressões culturais, especialmente as da cultura popular, torna-se um desafio. Alguns a desconsideram por não a considerarem significativa; outros a veem como algo obsoleto, e há aqueles que não a enxergam como esteticamente admirável ou apresentável. Infelizmente, esse pensamento retrógrado e conservador ainda está presente entre alguns gestores escolares, dificultando o reconhecimento e a valorização da cultura popular no ambiente educacional.

O Ensino de História desempenha um papel essencial na construção da identidade cultural e no fortalecimento do sentimento de pertencimento. Ao valorizar a história local e a cultura popular, a disciplina permite que os estudantes compreendam suas origens, reconheçam a diversidade de saberes e tradições e se percebam como sujeitos históricos ativos. Além disso, a História dialoga com outras áreas do conhecimento, favorecendo uma abordagem interdisciplinar que amplia a compreensão de fenômenos sociais, políticos e econômicos. Em um contexto de crescente polarização política, extremismo e conservadorismo, que muitas vezes resultam na opressão e exclusão de minorias, o ensino histórico torna-se ainda mais indispensável. A escola, como espaço de construção do conhecimento, tem o compromisso de promover o pensamento crítico e a valorização da diversidade cultural, combatendo discursos de ódio e exclusão, assim, promovendo o respeito às múltiplas identidades.

Além disso, a pesquisa reforça a necessidade de ampliar o debate sobre a valorização das manifestações culturais no currículo escolar, reconhecendo-as como ferramentas pedagógicas essenciais para o ensino-aprendizagem. A abordagem de temas locais no Ensino de História fortalece o sentimento de pertencimento dos estudantes e contribui para o resgate da memória coletiva da comunidade. Dessa forma, a escola assume um papel fundamental na preservação do patrimônio cultural imaterial, promovendo uma educação mais contextualizada e conectada com as realidades socioculturais dos alunos.

Por fim, espera-se que esta pesquisa sirva de incentivo para futuras iniciativas que valorizem a história e a cultura local no ambiente escolar. Acredita-se que o fortalecimento da identidade cultural sertaneja no ensino contribua não apenas para o aprendizado dos alunos, mas também para sua formação cidadã, garantindo que as novas gerações reconheçam e preservem suas raízes históricas.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **O sertanejo**. Ática, 1995.
- ANDRADE, Mário de. **As melodias do boi e outras peças**. São Paulo: Duas Cidades, 1987.
- ARROYO, Miguel. **Educação de Jovens e Adultos: um campo de direito e responsabilidade pública**. In: SOARES, Leôncio José Gomes; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino. (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. 4. ed. São Paulo: Autêntica, 2011.
- BAHIA. **Educação de Jovens e Adultos, Aprendizagem ao longo da vida**. Organizador curricular na Educação de Jovens e Adultos. Salvador, 2022.
- BARBOSA, V. de L. **Ensino de História local: redescobrimos sentidos**. Saeculum, [S. l.], n. 15, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11357>. Acesso em: 6 dez. 2023.
- BARROS, José d'Assunção. **O campo da história**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos** – 3. ed. Coleção docência em formação. Série ensino fundamental – coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta). São Paulo: Cortez, 2009.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. **Fidalgos e vaqueiros**. Salvador, UFBA / Centro Editorial e Didático, 1989.1
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou, O ofício do historiador**. Prefácio, Jacques Le Goff; apresentação à edição brasileira, Lilia Moritz Schwarcz; tradução, André Tales, - Rio de Janeiro; Zahar, 2001.
- BRASIL.. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL, **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1 Acessado em 31/08/2023
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- CABRINI, Conceição.; CIAMPI, Helenice.; VIEIRA, Maria do Pilar de Araujo.; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha.; BORGES, Vany Pacheco. **Ensino de história Revisão Urgente**. São Paulo, Editora PUC-SP, 2005.
- CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARVALHO. João do Prado Ferraz de. **Ensino de História e cultura escolar: resistências no contexto de uma tradição inventada**. *Nova Escola*, edição 275, 01 de setembro de 2014. p. 1-5. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/548/ensino-de-historiae-cultura-escolar-resistencias-no-contexto-de-umatradicao-inventada>. Acesso em: 02 de dezembro de 2023.

CASCUDO, Luis Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

CATELLI JUNIOR, Roberto. **Temas e Linguagens da História: ferramentas para a sala de aula no ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAVALCANTI, Maria Luíza Coelho et al.. **Cultura nordestina: tradição do vaqueiro e pega de boi no mato resiste no semiárido**. Anais II CONIDIS... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em:

<<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/33344>>. Acesso em: 28/08/2023.

CUNHA NETO, J. H.; CASTRO, A. E. **Pesquisa em educação: discussões iniciais para a construção de uma investigação científica**. Cadernos da Fucamp, v. 16, n. 27, p. 80-88, 2017.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: Campanha de Canudos. São Paulo: Abril Cultural: 1982.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó**. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Um lugar na escola para história local**. Ensino em Revista. Uberlândia, n. 1. v. 4. p. 43-51., 1995. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/7809/5165>. Acessado em 23 de outubro de 2023.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo, 1921. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 9. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. (Coleção Educação e mudança, v.1).

GOUVEIA, José Abraão Rezende. **A festa de Porto da Folha: cordializando vamos ensinando a história e estudando o alto sertão sergipano**. (Dissertação de Mestrado). ProfHistória. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE: 2022.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

GUIMARÃES, Selva. **Ensinar História: Formar Cidadãos no Brasil Democrático**. In: GUIMARÃES, S. (org) **Ensino de História e Cidadania**, Papirus, Ebook, 2018.

HALL, S. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JÚNIOR, Caio Prado. **Formação do Brasil contemporâneo: colônia**. 7ª reimpr. Da 23ª ed. de 1994. – São Paulo: Brasiliense: 2004.

KERSTEN, Márcia. **Os rituais do tombamento e a escrita da história**. Curitiba: UFPR, 2000.

LAPLANTINE, F.; RABEYRON, P. **Medicinas paralelas**. São Paulo: Brasiliense. 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP:

UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). Disponível em:

LIMA, Aristides Faria. **A serra dos dois meninos**. 3 ed. Série vagalume. São Paulo: Ática, 1993.

LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde**. São Paulo: DIFEL, 1984.

MACHADO, M. C. T. **Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações**. (335-345). In: PATRIOTA, R.; RAMOS, A. F. (Orgs.). **História e cultura: espaços plurais**. Uberlândia: Aspectos/NEHAC, 2002.

MARQUES, Luana Moreira; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar**. In: **Ateliê Geográfico**. Goiânia, v. 9, n. 3, p. 7 – 26, dez/ 2015.

MARX, Murilo. **Cidade no Brasil, terra de quem?** São Paulo: Edusp / Nobel, 1991.

MAUAD, Ana Maria. **Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces**. Tempo: Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 73-98. Disponível em: https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf. Acessado em 19/10/2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p.7-28, dez./1993.

NEVES, J. **História local e construção da identidade social**. Saeculum, [S. l.], n. 3, 1997. P. 13-27. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11226>. Acesso em: 6 dez. 2023.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Maria Dias de Oliveira. **História; Ensino Fundamental**. Coleção explorando o ensino. Vol. 21. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2010.

PEREIRA, Nilton Mullet. **Ensino de História e resistência: notas sobre uma história menor**. Revista @rquivo Brasileiro de Educação, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, jan./abr. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/rober/Downloads/admin,+Gerente+da+revista,+006.pdf>. Acesso em: 23 mai 2024.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos histórico. Rio de Janeiro vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 93. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

QUEIROZ, Washington. **Bahia e vaqueiros: um débito**. R. Faced, Salvador, n.17, p.71-84, jan./jun. 2010.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: Editora UNB, 2007, p. 85-133.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da História: uma teoria da história com ciências**. Tradução Estevão C. de Rezende Martins – Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SANTANA, Roberto Santos de. **Adustina: sua história**. J. Andrade: Aracaju-SE 2008.

SANTOS, Daniele Luciano. **Cavalcadas: sócio-espacialidades e ressignificações**. In: VARGAS, Maria Augusta Mundim; SILVA, Cicero Bezerra da (Org.). **Vivências e Experiências com a Geografia Cultural: territórios, territorialidades, paisagens e ruralidades**. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2023. p. 399-440.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção** – 4ª ed. 2 reimpr. – São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2006.

SCHIMITD, Maria Auxiliadora e CAINELE, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009. (coleção Pensamento e ação em sala de aula).

SILVA, José Natan Gonçalves da. **"Celebrar, brincar e rezar: dinâmicas sociais, culturais e simbólicas nas festas do município de Porto da Folha/SE"**. In: VARGAS, Maria Augusta Mundim; SILVA, Cicero Bezerra da (Org.). *Vivências e Experiências com a Geografia Cultural: territórios, territorialidades, paisagens e ruralidades*. 1. ed. Aracaju, SE: Criação Editora, 2023. p. 483-520.

SILVA, Marco Antônio. **Nas trilhas do ensino de história: teoria e prática**. Belo Horizonte: Roma, 2012.

SILVA, René Mare da Costa. **Cultura Popular e Educação: Salto para o futuro**. Secretária de Educação a Distância (SEED)/Ministério da Educação (MEC). Brasília: TV Escola, 2008.

SOARES, Leôncio. (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica/ SECAD-MEC/UNESCO, 2006.

SOARES, Maria de Lourdes. **O sertanejo, entre Deus e o Diabo, na terra do sol**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

UNESCO. Representação da UNESCO no Brasil. **Educação de Adultos: Declaração de Hamburgo, Agenda para o Futuro**. V Conferência Internacional de Educação de Adultos – Confintea. V. Hamburgo, Alemanha, 14-18 de julho de 1997. Brasília, 1998. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000116114_por. Acessado em 29-11-2023

As cavaladas no Ensino de História



Robério da Silva de Andrade

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I - A ORIGEM DA DAS CAVALGADAS NO CONTEXTO	
HISTÓRICO DO SERTÃO	7
A pega de boi.....	8
A Missa do Vaqueiro	9
A Vaquejada	10
Por dentro da História	11
CAPÍTULO II - O GADO E O VAQUEIRO.....	12
O Gado	13
O Vaqueiro	14
Sugestões de atividades para o professor propor para o aluno.....	15
CAPÍTULO III - AS CAVALGADAS E CAATINGA	17
Por dentro da História e da Geografia.....	18
A Caatinga: nosso tesouro natural.....	19
Sugestões de atividades para o professor propor para o aluno.....	20
CAPÍTULO IV - CAVALGADAS: UNIÃO, PRESERVAÇÃO DE CULTURA E	
MEMÓRIA	21
Sugestões de atividades para o professor propor para o aluno.....	22
CAPÍTULO V - TRAJES DE CAVALGADAS: UMA VIAGEM NO TEMPO	
ENTRE GIBÕES E ESTILIZAÇÕES MODERNAS	23
O moderno e o tradicional se encontrando nas cavalgadas	24
Sugestões de atividades para o professor propor para o aluno.....	25
CAPÍTULO VI - DIVERSIDADES DE MONTARIAS: PARA CADA	
VAQUEIRO E VAQUEIRA, UM COMPANHEIRO	26
Diversidades de montarias	27
Sugestões de atividades para o professor propor para o aluno.....	28
Capítulo VII - Cavalgadas de Adustina/BA: Palco da diversidade cultural	
sertaneja	29
Um encontro de cultura e tradição no sertão nordestino	30
Sugestões de atividades para o professor propor para o aluno.....	31
Capítulo VIII - Cavalgadas de Adustina/BA: Entre o sagrado e profano, uma	
celebração de fé e tradição.....	32
Além do sagrado, o profano com músicas e danças.....	33
Sugestões de atividades para o professor propor para o aluno.....	34
Capítulo IX - Adustina/BA, um breve histórico	35
Sugestões de atividades para o professor propor para o aluno.....	39
Lista de ilustrações.....	41
Referências.....	43

APRESENTAÇÃO

A cartilha "As cavalgadas e o ensino de História" surge como uma ferramenta educacional de suma importância para o ensino de História, enraizada nos princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos elementos constitutivos do currículo da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA).

Como enfatizado pela BNCC, "O ensino de História se justifica na relação do presente com o passado, valorizando o tempo vivido pelo estudante e seu protagonismo, para que ele possa participar ativamente da construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva" (Brasil, p. 416, 2018). Nesse contexto, a cartilha se propõe a trazer os alunos à sua realidade, conectando-os com as raízes culturais e históricas de sua região.

O organizador curricular da Educação de Jovens e Adultos da Secretaria de Educação do Estado da Bahia – SEC-BA, explicita em seu documento: "São elementos constitutivos do currículo da EJA: Eixo Temático - próprios da prática social; Tema Gerador - temáticas inerentes ao cotidiano dos estudantes; Aspectos Cognitivos, Socioformativos e Socioemocionais – conhecimentos, comportamentos e emoções relevantes para a formação dos estudantes, ao seu tempo humano de aprendizagem" (BAHIA, p. 13, 2022). Nesse contexto, a elaboração de uma cartilha para o ensino de história para os discentes da EJA é de extrema importância. A cartilha pode fornecer diretrizes claras e exemplos práticos de como integrar esses elementos ao ensino da história, tornando o conhecimento histórico mais acessível e relevante para os discentes. Ao oferecer orientações específicas sobre como abordar os diferentes períodos históricos, eventos e conceitos.

Dividida em nove capítulos elaborados, a cartilha aborda diversos aspectos essenciais do universo das cavalgadas no sertão baiano. Desde a origem histórica desses eventos até a importância cultural e simbólica do vaqueiro como figura emblemática, cada capítulo mergulha em temas que refletem a riqueza e a diversidade do contexto sertanejo.

A estrutura da cartilha, alinhada aos princípios da SEC-BA para a EJA, contempla os elementos constitutivos do currículo, tais como os Eixos Temáticos próprios da prática social, os Temas Geradores relacionados ao cotidiano dos estudantes e os aspectos cognitivos, socioformativos e socioemocionais, fundamentais para a formação integral dos alunos.

Assim, a cartilha, "As Cavalgadas no Ensino de História" não apenas buscam transmitir conhecimentos históricos, mas também promover a reflexão crítica, o resgate da identidade cultural local e o fortalecimento do vínculo com as tradições e valores do sertão baiano.

Em uma região marcada pelo bioma da caatinga, onde a escassez de água e as condições climáticas desafiadoras moldam a vida das comunidades, a cartilha assume uma relevância ainda maior. Considerando a importância da preservação do bioma da caatinga, não apenas como um patrimônio natural único, mas também como um recurso vital para a sustentabilidade e o bem-estar das comunidades locais, reforça-se a importância da conscientização ambiental e de práticas de conservação.

Levando em consideração a diversidade de práticas agrícolas, que vão desde a agricultura familiar até o agronegócio, ela se torna um suporte essencial para compreender não apenas o passado histórico, mas também os desafios contemporâneos enfrentados pelos habitantes do sertão. Ao incorporar esses elementos geográficos e sociais em suas narrativas históricas, a cartilha proporciona uma educação interdisciplinar, contextualizada, significativa e inclusiva.

INTRODUÇÃO

O Município de Adustina/BA, situado semiárido baiano, é cenário de uma tradição singular que permeia não apenas sua história, mas também a identidade cultural e social de seus habitantes. As cavalgadas, eventos anuais que congregam moradores e visitantes, destacam-se como celebrações marcantes, repletas de simbolismos e significados profundos que remontam às raízes históricas da região.

Nessas cavalgadas, que ecoam nas vastas extensões do sertão baiano, emerge a figura emblemática do vaqueiro, protagonista indiscutível das narrativas que se entrelaçam entre os espinhos e os horizontes sem fim da caatinga. O vaqueiro, além de símbolo de resistência e bravura, representa uma ponte entre o passado e o presente do sertão, personificando os valores e tradições que há séculos moldam a identidade cultural dessa região árida e desafiadora.

Ao desbravar os áridos territórios da caatinga, o vaqueiro conduziu o gado em suas jornadas, foi responsável pela fundação de povoados e cidades, deixando um legado indelével na paisagem e na história do sertão. Sua presença é imbuída de características marcantes, como a aguerrida determinação, a destemida coragem diante dos desafios e, sobretudo, uma fé inabalável em Deus e na proteção de Nossa Senhora Aparecida, escolhida como padroeira dos vaqueiros e guardiã de suas jornadas.

Destarte, a trajetória do vaqueiro transcende as fronteiras temporais, projetando-se como um elo entre o passado lutas contra um avassalador clima, em grande parte do ano e o presente vivaz do sertão. Sua história, repleta de episódios épicos e lições de vida, merece ser não apenas recordada, mas também celebrada e transmitida às gerações futuras, como um testemunho vivo da riqueza cultural e da resiliência do povo sertanejo. Neste contexto, o ensino de história em uma cartilha revela-se como uma ferramenta preciosa para preservar e disseminar os valores e tradições que permeiam o universo do vaqueiro, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva forte e consciente de suas raízes.

Esta cartilha é direcionada aos professores e alunos do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do CMA (Colégio Municipal de Adustina), uma instituição localizada na cidade de Adustina/BA. Além disso, busca atender aos profissionais da educação, especialmente aqueles que atuam no Ensino de História, ao buscar promover reflexões e práticas pedagógicas que valorizem a sertanidade – um elemento essencial que permeia as vivências, os saberes e a identidade cultural da região.

A elaboração da cartilha foi guiada por três perguntas fundamentais, sendo a primeira delas: “Por que?”. Essa indagação reflete a premissa estabelecida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que ressalta a importância de “conceber e implementar estratégias pedagógicas que estimulem e envolvam os alunos em seus processos de aprendizagem” (Brasil, 2018, p. 19).

Esse enfoque fundamenta-se na ideia de que a motivação e o engajamento são elementos essenciais para o sucesso educacional. No caso da EJA, esses aspectos tornam-se ainda mais cruciais, considerando os desafios enfrentados pelos estudantes, como a reconciliação entre os estudos e a vida adulta, muitas vezes marcada por responsabilidades familiares e profissionais.

Além disso, a sertanidade desempenha um papel central neste material, uma vez que representa a valorização do sertão, suas histórias e tradições. Por meio da aproximação do conteúdo escolar com as realidades locais, busca-se tornar o aprendizado mais significativo e relevante, não apenas como uma ferramenta para o desenvolvimento educacional, mas também como um instrumento de resgate e fortalecimento das identidades culturais dos alunos e professores da região. Assim, a cartilha assume o compromisso de promover o diálogo entre o conhecimento acadêmico e os saberes do sertão, reconhecendo a riqueza e a profundidade das experiências sertanejas.

A segunda indagação, "Para que?", direciona-se à finalidade primordial do uso desta cartilha. Seguindo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o propósito é claro: selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos que sirvam de suporte ao processo de ensino e aprendizagem (Brasil, p. 19, 2018). Este enfoque destaca a necessidade de oferecer ferramentas pedagógicas adequadas e eficazes, capazes de atender às demandas específicas dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, promovendo assim uma educação inclusiva, significativa e de qualidade.

A terceira indagação, "Para quem?", delimita o público-alvo desta cartilha: os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do segmento II, correspondente ao Ensino Fundamental II. Contudo, vale ressaltar que os benefícios deste recurso não se restringem apenas a esse grupo específico. Seguindo os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), cabe aos sistemas e redes de ensino, bem como às escolas, dentro de suas respectivas esferas de autonomia e competência, a inclusão nos currículos e propostas pedagógicas da abordagem de temas contemporâneos que impactam a vida humana em diferentes escalas, sejam elas local, regional ou global, preferencialmente de maneira transversal e integradora (Brasil, p. 19, 2018). Assim, a utilidade desta cartilha se estende não apenas aos alunos da EJA, mas também aos estudantes do Ensino Fundamental II, proporcionando uma abordagem pedagógica que promove a compreensão crítica e contextualizada sobre história local, regional e nacional.

Em suma, a presente cartilha, desenvolvida com base nos princípios da BNCC e direcionada aos alunos da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental II, representa não apenas um recurso educacional, mas também uma ferramenta essencial para o enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem. Ao promover uma abordagem pedagógica que ultrapassa as fronteiras do tempo e do espaço, abraçando temas contemporâneos e relevantes que conectam o presente ao passado histórico local, regional e nacional, esta cartilha se apresenta como um instrumento capaz de fomentar o pensamento crítico, a reflexão e o debate entre os estudantes. Além disso, é importante ressaltar que a valorização da história e da cultura local desempenha um papel fundamental no processo educacional. Ao incorporar elementos da história e das tradições da comunidade de Adustina/BA, assim como aspectos regionais e nacionais, esta cartilha enriquece o conhecimento dos alunos sobre sua própria identidade cultural, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o respeito pela diversidade. Dessa forma, ao reconhecer e celebrar as raízes históricas e culturais do local, a cartilha contribui para uma educação mais contextualizada, significativa e inclusiva.

Capítulo I - A origem das cavalgadas no contexto histórico do sertão.

Eixo temático

Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social.

Habilidades (EF05HI10) Inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade e analisar mudanças e permanências desses patrimônios ao longo do tempo.



Figura 1 – Cavalcada do Assentamento Caimã, Adustina/BA (2023).

Fonte: Robério da Silva de Andrade.

As cavalgadas, muito antes de se tornarem uma celebração festiva em diversos espaços do sertão, têm uma história marcante no sertão nordestino. “As cavalgadas há muito tempo existem nos sertões nordestinos, cujos grupos de montadores a cavalo, chamados de comboieiros, percorriam longos caminhos na condução de boiadas ou no transporte de alimentos e mercadorias” (Goveia, 2022, p. 88).

A origem das cavalgadas no nosso sertão vem desde o processo de colonização do Brasil por Portugal no século XVI, não como é hoje, claro, ela está associada a três acontecimentos histórico ao longo de nossa história, são eles

- A pega de boi no mato;
- A vaquejada;
- A missa do vaqueiro.

A pega de boi

No sertão do Nordeste brasileiro, onde a criação de gado era vital, surgiu a prática da "Pega de Boi no Mato". Vaqueiros, vestidos com gibões de couro, montavam a cavalo para capturar o gado solto embreados na caatinga. Essa tradição tem suas raízes na necessidade de manejar o gado em um ambiente desafiador, destacando a coragem e habilidade dos vaqueiros nordestinos.



Figura 2 – Pega de boi, sertão da Paraíba (fevereiro de 2024).

Fonte: Instagram @pegadeboiraiz.

A pega de boi, as vaquejadas, a missa do vaqueiro, e, posteriormente as cavalgadas, fazem parte da cultura sertaneja com a chegada do gado na colônia portuguesa na América, ainda no século XVI, "As primeiras levas de gado chegaram à então província para depois iniciar o palmilhar do chão sertanejo, há controvérsias entre os estudiosos. Certo é que isso já acontecia em 1550 como pode se ver em carta de d18 de junho de 1551. Do governador Tomé de Souza ao rei. (Faria, 1969, p. 12).

A MISSA DO VAQUEIRO



Figura 3 – Foto: Brasil de Fato-Recife-PE (agosto de 2022).
Fonte: Rodolfo Rodrigo.

A Missa do Vaqueiro é um evento cultural e religioso que honra a figura do vaqueiro no Nordeste do Brasil, tendo sua origem em 1970 na cidade de Serrita, Pernambuco. Essa celebração destaca a fé, coragem e tradições dos vaqueiros, também serve como ponto de partida para a origem das cavalgadas. Reforçando a conexão entre a devoção religiosa e as tradições sertanejas, e transformando as cavalgadas em uma expressão cultural essencial da identidade sertaneja.



Vamos viajar na História, como tudo começou? O vaqueiro conta!

POR DENTRO DA HISTÓRIA



Figura 4 – Representação da Primeira Missa no Brasil. Obra de Victor Meirelles (1860).
Fonte: Domínio público.

Os portugueses chegaram ao Brasil em 22 de abril de 1500, nas 13 caravelas lideradas por Pedro Álvares Cabral, o qual, avistando do mar um monte, chamou-o de Monte Pascoal, por ser período pascal. Àquela terra, inicialmente, colocou o nome Terra de Vera Cruz.

A primeira Missa no Brasil aconteceu no dia 26 de abril de 1500, que foi um domingo, no lugar chamado Santa Cruz Cabralia, na costa sul da Bahia, em uma pequena ilha chamada Coroa Vermelha. Rezada pelo Frei Henrique Soares de Coimbra. Quatro dias depois que Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil.

Até hoje, a maioria dos brasileiros segue a religião católica. Isso acontece porque a Igreja Católica teve muita influência desde que o Brasil foi descoberto, lá atrás. As tradições e ensinamentos da Igreja foram passados de geração em geração, e muitas pessoas continuam seguindo essa religião até hoje.

Você já participou de uma missa em uma cavalgada ou em outro evento? Se sim, onde foi? Se não, você já foi a alguma missa em outro lugar?

A VAQUEJADA

A vaquejada é uma evolução única e autêntica no contexto do nordeste brasileiro, distinta das tradições importadas de Portugal. Essa prática, que hoje é uma expressão cultural e uma competição popular, revela a capacidade de adaptação. A criatividade do povo sertanejo, ao transformar as atividades relacionadas à pecuária em eventos festivos e esportivos singulares. A ausência de referências na literatura colonial destaca a singularidade e autenticidade das vaquejadas, enraizando-as de forma intensa no rico mosaico cultural da região Nordeste do Brasil.



Figura 5 – Vaquejada de Adustina/BA (2023).
Fonte: Carlos Miguel da Cruz (2023).

Na literatura colonial não há registro das “vaquejadas”, como conhecemos hoje no nordeste brasileiro. Viajantes, mercadores, naturalistas, aventureiros, traficantes de escravos, todos quanto deixaram impressões sobre o Brasil no século XVII e XVIII os princípios do XIX, assistiram festas inumeráveis, mas nenhuma parecia com as nossas “apartações” do e “derrubadas” de gado. Como em Portugal especialmente durante o século XVIII, as touradas dominaram, veio o costume para o Brasil, mas não se aclimatou no Nordeste. (Cascudo, 1984. p. 77-78).

Capítulo II – O gado e o vaqueiro

Eixo temático:

Povos e culturas: meu lugar no mundo e meu grupo social.

Habilidades (EF05HI01) Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado. Os patrimônios materiais e imateriais da humanidade.



Figura 6 – Vaqueiro da lida do gado na caatinga (setembro 2023).

Fonte: Anderson dos Anjos (2022).

No árido e desafiador ambiente da caatinga do sertão, onde a falta de chuva e a aridez tornam a vida difícil, o gado desempenhou um papel crucial no povoamento e na sobrevivência das pessoas. Adaptáveis ao ambiente seco e às condições adversas da caatinga, esses animais forneceram comida, meio de troca e transporte, além de impulsionar a economia local. Os vaqueiros, habilidosos criadores de gado da região, desempenharam um papel fundamental na domesticação e na condução dos rebanhos através do terreno difícil da caatinga. O gado não só alimentou as pessoas, mas também serviu como fonte de renda e emprego, desempenhando um papel essencial na história e na vida cotidiana do sertão nordestino.

O povoamento de praticamente todo o sertão nordestino se deu pela criação de gado, sem muitos custos e adaptado ao clima, o gado era deixado a lei da natureza dispensando poucas atenções, e o maior cuidado consiste em evitar o seu extravio e reuni-lo para ser utilizado. O povoamento do município de Adustina nasce dentro desse contexto histórico.

“A civilização que penetra pelo interior corta os campos de estradas, e semeia pelo vastíssimo deserto as casas e mais tarde as povoações. Não era assim no fim do século passado, quando apenas se encontravam de longe em longe extensas fazendas” (Alencar, 1995, p, 8).

O gado

(...) os portugueses transportaram animais para o Brasil após a sua descoberta por Pedro Álvares Cabral. Os primeiros bovinos chegaram ao nosso país, juntamente com outros animais domésticos, apenas em 1533, na Expedição de Martin Alfonso de Souza, que resultou na fundação da primeira Capitania portuguesa na Ilha de São Vicente. (Silva, p. 34. 2012).



Figura 7 – Gado cruzando estradas vicinais de Adustina/BA (maio de 2023).
Fonte: Robério da Silva de Andrade.

Os portugueses trouxeram o gado para o Brasil. Com o tempo, especialmente devido ao plantio de cana-de-açúcar no litoral, os animais foram levados para o sertão. Isso aconteceu porque, sem cercas para proteger as plantações, o gado invadia as áreas de cultivo. Por conta desse problema, eles foram levados para o sertão, onde tinham mais espaço para pastar livremente, principalmente nas proximidades dos rios, onde havia água.

A criação de gado no sertão foi superimportante por vários motivos. Entre eles, fornecimento de carne, leite e couro. Sua expansão contribuiu para os surgimentos de povoados e vilas ao redor das áreas onde os animais eram criados. Com o tempo, esses povoados e vilas cresceram e se tornaram cidades. Então, a criação de gado não só teve a importância econômica, mas também ajudou a construir comunidades que continuam a existir até hoje.

O vaqueiro

O vaqueiro, originalmente um condutor de boiadas, emergiu como uma figura central nesse processo de evolução do interior, simbolizando a coragem e habilidade que são fundamentais para desbravar o sertão nordestino.

“Em cima do cavalo arreado e assim vestido que o vaqueiro conquistou, palmo a palmo, **sesmaria** a sesmaria, a nova morada do gado e que se fez a fixação nos longínquos sertões”. (Queiroz, 2010, p. 78).



Figura 8 – Vaqueiros na pega de boi na Fazenda setembro 2023 Caritá, Sítio do Quinto-BA.
Fonte: Anderson dos Anjos (2023).

Nos escritos de Euclides da Cunha, a vaquejada e o vaqueiro emergem como elementos marcantes do sertão. O vaqueiro, em particular, é descrito de maneira impressionante, sendo comparado a um gladiador: "A sua corpulência de atleta contrastava com os corpos mirrados que turbilhonavam em roda. Lembrava um gladiador possante entre boximanes irrequietos" (Cunha, 1982, p. 317).

Sesmaria era um lote de terras distribuído a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar terras virgens.

Sugestões de atividades para o professor propor aos alunos

1. Investigação histórica: as cavalgadas no Sertão

- Proponha que os alunos analisem o conteúdo dos primeiros capítulos do material, buscando identificar e explicar os fatores históricos, culturais e econômicos relacionados à origem das cavalgadas no Sertão.

2. Linha do tempo dos eventos históricos associados às cavalgadas

- Sugira que os alunos pesquisem e construam uma linha do tempo destacando os principais acontecimentos históricos que influenciaram ou estão ligados à tradição das cavalgadas.

3. Vaquejadas: expressão cultural brasileira

- Recomende que os estudantes explorem as razões pelas quais as vaquejadas são consideradas eventos exclusivamente brasileiros, conectando esses elementos às características históricas e culturais do país.

4. A Missa do Vaqueiro e sua relevância cultural

- Incentive os alunos a investigar a origem da Missa do Vaqueiro, refletindo sobre sua importância. Proponha que eles analisem se o evento transcende a dimensão religiosa para representar um marco cultural e identitário do Sertão.

5. O papel do gado na história do Sertão

- Peça aos estudantes que investiguem e expliquem como o gado contribuiu para a formação econômica, social e cultural do Sertão, destacando por que ele é um elemento central na história da região.

6. A simbologia da figura do vaqueiro

- Proponha uma atividade reflexiva em que os alunos discutam a importância do vaqueiro na história e identidade cultural do Sertão, analisando como essa figura é representada e percebida ao longo do tempo.

7. Comparação histórica: o vaqueiro e o gladiador

- Sugira que os alunos realizem uma pesquisa sobre os gladiadores da História Antiga e comparem suas características com as do vaqueiro nordestino, conforme descrito por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. Eles podem elaborar uma redação ou um painel explicativo para explorar os paralelos traçados pelo autor.
Essas atividades podem ser desenvolvidas de forma dinâmica com o uso de imagens, apresentações verbais e recursos visuais como fotos e cartazes elaborados pelos alunos com o auxílio do professor. Por exemplo:
- Os alunos podem criar cartazes ilustrativos sobre a figura do vaqueiro e seu cotidiano.
- Grupos podem montar painéis temáticos com fotos que representem a cultura sertaneja, como as cavalgadas, vaquejadas, e a Missa do Vaqueiro.
- Durante as apresentações, cada grupo pode expor verbalmente o resultado de suas pesquisas, promovendo debates e reflexões.

Essas atividades visam estimular a criatividade, o trabalho em grupo e o aprofundamento no tema de forma participativa.

Sugestões extra para o professor:

- Produção de textos: Propor aos alunos a escrita de uma redação ou relato em que eles descrevam o cotidiano do vaqueiro, utilizando informações obtidas nas pesquisas.
- Dramatização: Sugerir que os alunos encenem, em grupos, situações que representem os desafios enfrentados pelos vaqueiros ou a celebração de eventos como a Missa do Vaqueiro e as vaquejadas.
- Linha do tempo histórica: sugerir aos alunos que criem uma linha do tempo mostrando a evolução das cavalgadas e vaquejadas, destacando os principais eventos e figuras históricas.
- Incentivar a pesquisa de músicas e poesias sertanejas: Solicitar que os alunos pesquisem músicas ou poesias que enalteçam o sertão e o vaqueiro, e compartilhem suas análises em sala.
- Recomendar um mapeamento geográfico: Trabalhar com mapas para localizar as regiões de maior incidência das cavalgadas e vaquejadas no Brasil, analisando sua relação com o território e o meio ambiente.

Essas propostas ajudam a enriquecer o aprendizado e a contextualizar os conteúdos de forma interdisciplinar, envolvendo história, geografia, literatura e arte.

CAPÍTULO – III AS CAVALGADAS E A CAATINGA

Habilidades (EF05HI01) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Identificar os processos de formação das culturas e dos povos, relacionando-os com o espaço geográfico ocupado, e inventariar os patrimônios materiais e imateriais da humanidade. Analisar a caatinga, com sua flora e fauna distintas, influenciou a formação cultural das comunidades sertanejas e como as cavalgadas, enquanto patrimônio imaterial, refletem a adaptação e a resistência dos sertanejos ao ambiente desafiador da caatinga.



Figura 9 – Cavalgada do São Francisco, Adustina/BA (2023). Fonte: Robério da Silva de Andrade.

A palavra “caatinga” tem origem no tupi-guarani e significa “mata branca”. O nome foi dado pelos índios que habitavam a região para descrever a aparência da vegetação durante a estação seca, quando as folhas caem e os troncos das árvores ficam mais visíveis. Esse bioma singular não é apenas um elemento natural da paisagem nordestina, mas também o cenário de tradições culturais, como as cavalgadas, que refletem a ligação profunda entre o homem sertanejo e o ambiente árido e resistente da Caatinga.



Figura 10 – Trilha Santa Cruz da Ponta Serra. Um encontro com a Caatinga. (2022). Fonte: Robério da Silva de Andrade.



Figura 11 – Umbuzeiro, planta símbolo da Caatinga. Serra do Capitão (2022). Fonte: Robério da Silva de Andrade.

Por dentro da História e da Geografia

Se liga!

Mesmo antes da chegada dos portugueses ao Brasil, no século XVI, a Caatinga e o sertão já eram habitados pelos nativos do Brasil. Veja a ilustração ao lado de 1515.

A caatinga é um bioma exclusivamente brasileiro, ocupando uma área de cerca de 860 mil quilômetros quadrados, o equivalente a 11% do território nacional. Engloba os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe e o norte de Minas Gerais. Rico em biodiversidade, o bioma abriga 178 espécies de mamíferos, 591 espécies de aves, 177 espécies de répteis, 79 espécies de anfíbios, 241 espécies de peixes e 221 espécies de abelhas. Cerca de 27 milhões de pessoas vivem na região, a maioria em condições de carência e dependente dos recursos da caatinga para sua sobrevivência.



Figura 12 – Terra Brasilis (Tabula Hec Regioni Magni Brasilis). Autor: Lopo Homem. Mapa manuscrito, desenhado e iluminado sobre pergaminho. Período: c. 1515-1519. Fonte: Acervo: Biblioteca Nacional da França (BNF).



Figura 13 – Mapa da Caatinga.
Fonte: www.wwf.org.br.

A CAATINGA: NOSSO TESOURO NATURAL

A caatinga é o coração do sertão, nosso bioma único no mundo. É nela que encontramos plantas fortes como o mandacaru e o juazeiro, e animais como a asa-branca e o tatu. Cada um deles tem sua importância para o equilíbrio da natureza.

Quando cuidamos da caatinga, garantimos sombra, água e vida. Mas, ao desmatar ou queimar, prejudicamos o solo, os rios e até o clima. A terra fica seca, e todos sofremos com isso.

Preservar a caatinga é pensar no futuro. Evitar queimadas, plantar árvores e proteger os animais são atitudes simples que fazem toda a diferença. A caatinga é nossa casa, e cuidar dela é cuidar de nós mesmos.



Figura 14 – Trabalho de campo (2022). Serra do Capitão, Adustina/BA. vegetação da caatinga, se recuperando depois de um período de queimadas.

Fonte: Robério da Silva de Andrade.



Figura 15 – Trabalho de Campo (2022), Serra do Capitão, Adustina/BA. Discentes do CMA de Adustina/BA visitando a Caatinga.

Fonte: Robério da Silva de Andrade.

Sugestões de atividades para o professor propor aos alunos

1. Conhecendo os animais da caatinga

- **Atividade 1A:** sugira aos alunos que listem 10 espécies de animais que ainda habitam a caatinga.
- **Atividade 1B:** Solicite que escolham 2 animais da lista e escrevam uma curiosidade ou informação importante sobre cada um.

2. Explorando as plantas da caatinga

- **Atividade 2A:** Oriente os alunos a listar 10 espécies de plantas encontradas na caatinga.
- **Atividade 2B:** Proponha que pesquisem ou conversem com familiares e conhecidos para descobrir quais plantas da caatinga são usadas como remédios e quais são seus usos medicinais.

3. Construindo um painel cultural

- **Atividade 3A:** Requisite a divisão dos alunos em grupos e incentive-os a construir um mural na sala de aula com imagens e informações das espécies listadas (animais e plantas).
- **Atividade 3B:** Recomende que cada aluno ou grupo traga imagens das espécies citadas, identifique cada uma com o nome e escreva uma curiosidade sobre elas.

4. Reflexão final sobre a preservação da caatinga

- **Atividade 4A:** Provoque a reflexão coletiva com a pergunta: "Por que é importante conhecer e preservar os animais e plantas da caatinga?". Registre as respostas e promova uma discussão em sala.
- **Atividade 4B:** Estimule os alunos a pensar em ações práticas e possíveis para proteger a caatinga, elaborando juntos uma lista de atitudes que podem ser aplicadas no dia a dia.

Sugestão extra para o professor:

- **Interdisciplinaridade:** Inclua aspectos de artes (desenho das espécies), geografia (mapa da caatinga e sua distribuição), ciências (ecossistemas e biodiversidade), e história (relações entre as comunidades locais e o bioma).
- **Exposição escolar:** Organize uma exposição aberta com o mural produzido pelos alunos, incluindo as curiosidades e as reflexões finais.

Capítulo IV - Cavalgadas: União, Preservação de Cultura e Memória

Habilidades (EF09HI05) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vivemos. Analisar como as cavalgadas têm se adaptado às mudanças trazidas pela urbanização e modernização, e como, apesar dessas transformações, elas continuam a ser um símbolo de resistência e preservação cultural no sertão.



Figura 16 – Apresentação de repentista em praça pública (2021).
Fonte: João Evangelista Santana Trindade (Poeta Joao de Cedro).

O repente, também conhecido como cantoria, é uma arte poético-musical tradicional no Nordeste do Brasil, caracterizada pela improvisação de estrofes compostas espontaneamente durante a apresentação. Nessa prática, os repentistas ou trovadores, sempre cantando em duplas, improvisam versos em um diálogo que envolve tanto o parceiro de canto quanto o público. Nas cavalgadas e na lida do gado, esses trovadores acompanham os vaqueiros e os grupos, compondo versos que expressam as paisagens, as tradições e os sentimentos do sertão, fortalecendo a ligação entre cultura e natureza no cenário da Caatinga.

Se liga na História

Os trovadores e repentistas do sertão nordestino, presentes nas cavalgadas, têm sua origem nos poetas populares portugueses dos séculos XIII e XIV e, hoje, fazem parte da nossa tradição e cultura.

Sugestões de atividades para o professor propor aos alunos

1. Pesquisando artistas locais

- **Atividade 1A:** Oriente os alunos a conversar com colegas, amigos, familiares e vizinhos sobre artistas locais que cantam ou escrevem sobre temas como cavalgadas, gado, sertão e caatinga.
- **Atividade 1B:** Requisite que listem os nomes dos artistas mencionados durante a pesquisa.

2. Versos e toadas

- **Atividade 2A:** Solicite que os alunos escolham dois artistas mencionados na lista e procurem versos ou toadas criados por eles. Depois, devem transcrever os versos selecionados.
- **Atividade 2B:** Provoque uma análise perguntando: Qual é a mensagem ou o tema principal dos versos que você escolheu?

3. Convidando artistas para a sala de aula

- Incentive os alunos a organizar um convite para que um dos artistas locais participe de uma aula especial. O artista pode cantar, declamar ou compartilhar histórias sobre a cultura sertaneja. Combine com antecedência para alinhar os detalhes do encontro e engajar os alunos no planejamento do evento.

4. Construindo um painel cultural

- **Atividade 4A:** Reúna com os alunos versos, toadas e cordéis coletados por eles e construa um painel cultural da turma.
- **Sugestão de elementos do painel:**
 - Criação de um título coletivo para o painel, que resuma a ideia do trabalho.
 - Ilustrações feitas pelos alunos (desenhos, recortes ou imagens impressas) que representem a cultura sertaneja.
 - Inclusão dos nomes dos autores das obras e as datas de criação.

5. Reflexão final

- **Atividade 5A:** Proponha uma discussão reflexiva com a turma sobre a importância de preservar a cultura e a memória das cavalgadas e da vida no sertão. Pergunte: Por que é importante manter viva essa cultura?
- **Atividade 5B:** Estimule os alunos a compartilhar o que aprenderam com a atividade, com a pergunta: O que você descobriu sobre a nossa cultura sertaneja ao realizar essas tarefas?

Capítulo V - Trajes de Cavalgadas: Uma Viagem no Tempo entre Gibões e Estilizações Modernas

Habilidades (EF09HI05). Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vivemos. Analisará como os trajes de cavalgada têm evoluído em resposta à urbanização e modernização, mostrando as contradições e impactos dessas mudanças. Discutir, apesar das influências modernas, os trajes tradicionais continuam a desempenhar um papel importante na preservação da identidade histórica e cultural sertaneja.

No Nordeste, a razão de vestir couro é proteger-se das defesas da Caatinga. Se há quem se traje em couro é porque ainda existe floresta, portanto, preservar o vaqueiro e sua tradição é preservar a Caatinga. Entretanto, a tarefa de proteger o vaqueiro é do artesão, por isso, em matéria de produzir indumentária para os vaqueiros, em cada região surge algum notório “mestre do couro”.



Figura 17 – Vaqueiro seu gibão couro. Cavalgada do Caimã-Adustina/BA (2024).
Fonte: Robério da Silva de Andrade



Figura 18 – Agenor da Lage. Cavalgada de Correinha da Zabumba 1990.
Fonte: Instagram Cavalgadas três irmãos. @cavalgada_3_irmaos.

SE LIGA NA HISTÓRIA

Os "vaqueiros-artesãos" do sertão nordestino, conhecidos também como "cavaleiros-cantadores", preservam a tradição de trabalhar o couro com entalhes que celebram a cultura local e a vida sertaneja. Essas peças, usadas nas cavalgadas, não apenas representam a resistência e identidade do vaqueiro, mas também são formas de divulgar o vestuário típico em couro, como gibões, chapéus e alforjes. Esse trabalho está ligado com a tradição portuguesa do couro lavrado, herança islâmica que marca a cultura de cavalgar e artística de Portugal.

O moderno e o tradicional se encontrando nas cavalgadas



Figura 19 – Mãe e filha (Claudiana e Maria Sophia). Cavalgada do São Francisco (10/2023).
Fonte: Robério da Silva de Andrade.



Figura 20 – Correinha da Zabumba. Símbolo das Cavalgadas no semiárido baiano (1990).
Fonte: Acervo de Marlene do Berrante.

CURIOSIDADE

No século XXI, as cavalgadas continuam sendo grandes festas no sertão nordestino, onde vaqueiros e vaqueiras usam gibões de couro, roupas tradicionais que representam a força e a identidade da região. Esses gibões se misturam com roupas modernas, coloridas, bonés e tênis, criando um visual que une tradição e atualidade. Mesmo com a moda atual, o couro ainda é um elemento essencial, sendo usado em desfiles, competições e festas populares, mantendo viva a cultura e a história dos vaqueiros de forma contemporânea.

Sugestões de atividades para o professor propor aos alunos

Pesquisando o Passado

- **Atividade 1A:** Oriente os alunos a procurar fotos antigas que retratem vaqueiros na lida com o gado, em eventos como vaquejadas e cavalgadas. Caso não tenham acesso a fotos, incentive-os a conversar com familiares ou vizinhos sobre como eram os trajes utilizados nesses eventos no passado.
- **Atividade 1B:** Proponha que respondam às seguintes perguntas:
 1. Como eram os trajes usados pelos vaqueiros antigos?
 2. Qual era o material mais utilizado na confecção dos gibões e outros acessórios?
 3. Por que esses trajes eram essenciais na lida com o gado?

2 – Explorando o Presente

- **Atividade 2A:** Requisite que os alunos tragam fotos pessoais, de familiares ou amigos participando de cavalgadas, vaquejadas ou festas sertanejas recentes. Caso tragam fotos, incentive que incluam informações como:
 - Nome do evento;
 - Estilo de roupa;
 - Data e local do evento.
- **Atividade 2B:** Provoque uma análise do presente com as perguntas tipo:
 1. Como você descreveria o estilo atual dos trajes usados nesses eventos?
 2. Qual é, na sua opinião, a maior diferença entre os trajes antigos e os modernos?

3 – Montando um Quadro Cultural

Atividade 3A: Provoque um trabalho com os alunos para construir um quadro comparativo em sala de aula com dois lados:

- **Lado 1:** Trajes antigos de vaqueiros (com fotos e descrições).
- **Lado 2:** Trajes modernos usados em cavalgadas e festas sertanejas (com fotos e informações).

Atividade 3B: Oriente os alunos a escreverem legendas para cada foto, contendo:

- O evento representado;
- A data (ou década) da foto;
- Detalhes sobre o traje mostrado.

4 – Reflexão e Debate

- **Atividade 4A:** Promova um debate em sala com as seguintes perguntas como guia:
 1. Por que os trajes de vaqueiros antigos eram tão diferentes dos trajes modernos?
 2. O que os trajes de hoje preservam ou inovam em relação à tradição sertaneja?
 3. Como os trajes usados em cavalgadas e vaquejadas refletem a cultura do sertão?
- **Atividade 4B:** Conclua o debate estimulando os alunos a refletirem: Qual é a importância de preservar os elementos tradicionais e históricos da cultura sertaneja enquanto se adapta às mudanças dos tempos modernos?

Sugestões extras para o professor:

- **Exposição visual:** Organize o quadro cultural como parte de uma exposição, permitindo que outras turmas ou familiares possam conhecer o trabalho.
- **Interdisciplinaridade:** Envolver áreas como história (tradições do sertão), geografia (o bioma e suas influências culturais) e artes (ilustrações ou apresentações criativas sobre os trajes).

Capítulo VI - Diversidades de Montarias: Para Cada Vaqueiro e Vaqueira, um Companheiro

Habilidades (EF09HI27) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), relacionar aspectos das mudanças econômicas, culturais e sociais ocorridas no Brasil a partir da década de 1990 ao papel do país no cenário internacional na era da globalização. Discutir o impacto da globalização na acessibilidade a diferentes raças de animais e equipamentos de montaria, bem como as novas exigências e expectativas dos vaqueiros e vaqueiras em seu trabalho.

A festa das cavalgadas é uma grande celebração no sertão nordestino, onde vaqueiros e vaqueiras se reúnem para mostrar suas habilidades na montaria. Independentemente do tipo de montaria, das mais simples às mais chamativas, os cavalos, éguas, mulas e jumentos são os grandes protagonistas, exibindo sua imponência e destreza. Com desfiles pelas estradas de terra, seguidos de trio elétrico e música, as montarias acontecem em um clima de muita alegria, com os animais treinados para impressionar pela sua elegância e agilidade. É uma festa que mistura tradição, cultura e amor à montaria, com a participação de todos nas celebrações populares.



Figura 21 – Marlene do Berrante (2022)
Fonte: Acervo Marlene do Berrante.

SE LIGA NA HISTÓRIA

Em 1535, Duarte Coelho trouxe os primeiros cavalos europeus para Pernambuco, dando início à criação de cavalos no Brasil. As raças Andaluz e Árabe foram importantes na formação dos cavalos brasileiros, que se adaptaram às diversas regiões do país, como o pampa gaúcho, o pantanal e o Nordeste.

DIVERSIDADES DE MONTARIAS

CURIOSIDADE

No Brasil, temos uma diversidade de tipos de animais de montaria adaptados às necessidades regionais e culturais. Entre os cavalos, destacam-se raças como o Mangalarga Marchador, Campolina, Crioulo, Brasileiro de Hipismo, Lusitano, Mangalarga Paulista e Piquira, cada uma com qualidades específicas para cavalgada, esportes e trabalho rural. Nos jumentos, as principais raças são o Jumento Nordestino, Pêga, Jumento Paulista e Jumento Brasileiro, valorizados por sua resistência e uso na vida rural. Já entre as mulas, muito utilizadas para carga, cavalgada e transporte, temos a Mula de Pêga, Mula Nordestina e Mula Paulista, reconhecidas pela força e adaptação ao trabalho em diferentes terrenos.



Figura 22 – Rainhas das Cavalgadas (2022), Fátima/BA.
Fonte: Acervo Marlene do Berrante.

Sugestões de atividades para o professor propor aos alunos

Identificando as Raças de Cavalos, Mulas e Jumentos

- **Atividade 1A:** Requisite que os alunos listem os nomes de raças de cavalos, mulas ou jumentos que já ouviram falar:
 - Cavalos:
 - Mulas:
 - Jumentos:
- **Atividade 1B:** Solicite que eles escolham uma raça que já viram de perto ou conhecem mais de perto e respondam:
 - **Nome da raça:**
 - **Descrição breve:**

2 – Pesquisa sobre Raças

- **Atividade 2A:** Oriente os alunos a pesquisarem os nomes de raças de cavalos, mulas e jumentos e organizarem as informações nos espaços abaixo:
 - **Cavalos:**
 - **Mulas:**
 - **Jumentos:**

3 – Apresentação Verbal e Construção de um Quadro Visual

- **Atividade 3A:** Solicite que os alunos tragam imagens impressas, desenhos ou ilustrações das raças que pesquisaram.
- **Atividade 3B:** Trabalhem juntos para montar um quadro visual em sala de aula com as imagens coletadas. Oriente que cada aluno inclua uma legenda contendo:
 - O nome da raça;
 - Uma curiosidade ou característica principal da raça.
- **Atividade 3C:** Proponha uma apresentação oral em que cada aluno escolha uma das imagens e descreva para a turma o que aprendeu sobre a raça selecionada.

4 – Reflexão Final e Debate

- **Atividade 4A:** Finalize a atividade com um momento de reflexão e debate em sala de aula. Use as perguntas abaixo como guia:
 1. Por que é importante conhecer as raças de animais típicos do sertão e seu papel na vida das pessoas?
 2. Qual a relação entre as raças de cavalos, mulas e jumentos e a cultura sertaneja?
 3. Como podemos valorizar e preservar o conhecimento sobre essas raças na cultura do sertão?

Sugestões extras para o professor:

- **Convidar especialistas:** Proponha a convidar alguém da comunidade que tenha conhecimento sobre criação de cavalos, mulas ou jumentos para compartilhar histórias e curiosidades.
- **Atividade interdisciplinar:** Estimule a relacionar a pesquisa com outras disciplinas, como geografia (as áreas onde essas raças são mais comuns), história (como foram utilizadas no desenvolvimento do sertão) e biologia (adaptações físicas para o ambiente).

Exposição cultural: Procure transformar o quadro visual em uma exposição aberta para outras turmas ou para os pais, valorizando o trabalho dos alunos e promovendo a cultura local.

CAPÍTULO VII – Cavalgadas de Adustina/BA: Palco da Diversidade Cultural Sertaneja

Habilidades (EF09HI36) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Identificar e discutir as diversidades identitárias e seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceito e violência. Analisará como as cavalgadas de Adustina/BA refletem a diversidade cultural sertaneja e como essas tradições contribuem para a construção da identidade local. Destacar a importância de valorizar e respeitar as diversas manifestações culturais presentes nessas cavalgadas, promovendo a inclusão e o combate ao preconceito e à violência.



Figura 23 – Desfile de carros de boi, Cavalgada do São Francisco (2023), Adustina/BA.
Fonte: Robério da Silva de Andrade.

SE LIGA NA HISTÓRIA

O carro de boi foi meio de transporte de pessoas e mercadorias. Foi uma das invenções mais simples e primitivas do ser humano. No Brasil, especialmente no sertão nordestino, desde a época colonial, esse veículo de tração animal, trazido pelos portugueses, foi fundamental para o desenvolvimento estrutural e econômico das famílias, das comunidades e do país. No árido e vasto sertão, onde as distâncias são grandes e as condições geográficas desafiadoras, o carro de boi desempenhou um papel crucial no transporte de alimentos, produtos agrícolas e no deslocamento de pessoas, sendo um símbolo de resistência e adaptação à dureza da região.

UM ENCONTRO DE CULTURA E TRADIÇÃO NO SERTÃO NORDESTINO

CURIOSIDADE

Embora sua utilização tenha se tornado rara no cotidiano, o carro de boi ainda é destaque nessas festas, sendo uma representação simbólica da história da região. Durante as cavalgadas de Adustina/BA, as comunidades locais se reúnem para reviver essas tradições, com o carro de boi ornamentado, acompanhando os cavaleiros pelas estradas de terra, celebrando não apenas a fé e a convivência, mas também a resistência e a identidade do povo nordestino. Esses momentos são uma verdadeira manifestação de cultura popular e orgulho regional.



Figura 24 – Jovens estilizados na cavalgada, camisetas e chapéu de couro e boné. Desfile de carros de boi. Cavalgadas do São Francisco, Adustina/BA (2023).
Fonte: Robério da Silva de Andrade.

Sugestões de atividades para o professor propor aos alunos

Resgatando Memórias

- **Atividade 1A:** Requisite que os alunos tragam fotos de cavalgadas que eles, seus familiares ou amigos tenham participado. Oriente que, para cada foto, eles respondam às seguintes perguntas:

- **Nome da cavalgada:**
- **Ano:**
- **Local:**

2 – Explorando Curiosidades sobre Cavalgadas

- **Atividade 2A:** Solicite que os alunos listem pelo menos três curiosidades que eles viram ou ouviram falar sobre cavalgadas.

- **Curiosidade 1:**
- **Curiosidade 2:**
- **Curiosidade 3:**

- **Atividade 2B:** Proponha que escolham um momento marcante que aconteceu durante uma cavalgada e escrevam sobre ele.

- **Momento marcante:**

3 – Construindo Nosso Mural Cultural

- **Atividade 3A:** Sugira a organização de um mural coletivo em sala de aula com as fotos e informações trazidas pelos alunos. Oriente que cada foto no mural contenha:

- **Nome do participante ou família representada;**
- **Nome da cavalgada e local;**
- **Uma curiosidade ou história sobre o evento representado.**

- **Atividade 3B:** Deixe que os alunos apresentem suas contribuições, explicando as fotos e as histórias relacionadas.

4 – Reflexão Final e Debate

- **Atividade 4A:** Finalize a atividade com uma roda de conversa para refletir sobre a importância das cavalgadas na cultura sertaneja. Use perguntas como:

1. O que as cavalgadas representam para a nossa comunidade?
2. Por que é importante preservar essa tradição?
3. Como eventos como cavalgadas ajudam a fortalecer os laços culturais e familiares?

Sugestões extras para o professor:

- **Oficina de narração:** Após o mural cultural, incentive os alunos a escreverem um texto narrativo ou um poema inspirado nas cavalgadas.
- **Convidar um participante:** Convide alguém da comunidade que participe ativamente de cavalgadas para compartilhar suas experiências e histórias.
- **Ampliar para outras turmas:** Transforme o mural em uma exposição que outras turmas possam visitar, incentivando o interesse pela tradição.

Capítulo VIII - Cavalgadas de Ajustina/BA: Entre o Sagrado e Profano, uma Celebração de Fé e Tradição

Habilidades (EF09HI26) da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas. Analisar como as cavalgadas de Ajustina/BA, ao celebrarem a fé e as tradições locais, promovem a união e a integração da comunidade, contribuindo para a construção de uma cultura de paz e respeito mútuo.



Figura 25 – Vaqueira carregando a Imagem de Nossa Senhora Aparecida. Cavalgada do Assentamento Caimã, Ajustina/BA (2023).
Fonte: Robério da Silva de Andrade.

Nas cavalgadas de Ajustina/BA, o sagrado ocupa um papel importante com a presença de Nossa Senhora Aparecida, padroeira das festividades. Sua imagem é levada em procissão, simbolizando a proteção e intercessão divina para os vaqueiros e participantes. Para muitos, a cavalgada é uma expressão de fé, onde orações e manifestações de respeito a Nossa Senhora conectam os fiéis espiritualmente. Como protetora dos vaqueiros, a santa reforça a união e religiosidade da festa, sendo também um momento de agradecimento por uma boa safra e de pedidos de bênçãos e prosperidade para a comunidade.

Além do sagrado, o profano com músicas e danças

A dança e o consumo de álcool são elementos marcantes nas cavalgadas de Adustina/BA, refletindo a cultura vibrante da região. As danças típicas, como o forró, a quadrilha e o piseiro, com suas coreografias animadas, contagiam os participantes e tornam-se o ritmo das festividades. O ambiente festivo é intensificado pelo consumo de bebidas alcoólicas, que contribuem para a celebração e confraternização, embora, em alguns casos, o álcool possa gerar excessos. Apesar disso, a dança, a música e o álcool são vistos como formas de expressão cultural, tornando a cavalgada um evento tradicional e inesquecível.



Figura 26 – Desfile da vaqueirama na Cavalgada do São Francisco, Adustina/BA (2023).
Fonte: Robério da Silva de Andrade.

Sugestões de atividades para o professor propor aos alunos

1 – Explorando o Sagrado nas Cavalgadas

Atividade 1A – Identificando o Sagrado

- **Perguntas para reflexão e pesquisa:**
 1. Qual imagem sagrada é mais comum nas cavalgadas de Adustina?
 2. Por que essa imagem está presente nesses eventos?

Atividade 1B – Investigando as Bênçãos

- Oriente os alunos a entrevistarem familiares ou membros da comunidade para responder às seguintes perguntas:
 1. **Quem realiza as bênçãos durante as cavalgadas?**
(Ex.: Padre, pastor ou outra liderança religiosa.)
 2. **Como é feita a bênção?**
(Detalhes sobre rituais, orações ou símbolos utilizados.)

2 – Construindo um Quadro Cultural

Atividade 2A – Criação do Paine

- Divida o painel em dois lados:
 - **Lado 1:** Fotos ou desenhos representando o aspecto sagrado das cavalgadas, incluindo imagens de santos, celebrações religiosas e bênçãos.
 - **Lado 2:** Fotos ou representações das festas, com destaque para danças, trajes típicos, comidas e bebidas comuns.

Atividade 2B – Produção de Legendas

- Peça que os alunos criem pequenas legendas explicativas para cada imagem ou elemento no painel:
 - **Nome do santo ou elemento representado.**
 - **Breve explicação sobre sua importância nas cavalgadas ou festas.**

3 – Apresentação Oral e Debate

Atividade 3A – Apresentação das Diferenças

- Oriente os alunos a apresentarem o painel para a turma, explicando oralmente:
 1. As diferenças entre o aspecto sagrado e o festivo das cavalgadas.
 2. A importância de cada um desses elementos para a tradição cultural de Adustina.

Atividade 3B – Reflexão Final em Grupo

- Conduza um debate com perguntas para reflexão:
 1. Por que o sagrado e o festivo convivem nas cavalgadas?
 2. Como essas dimensões ajudam a fortalecer a cultura local?
 3. O que podemos aprender sobre identidade e tradição ao observar esses dois aspectos?

Sugestões extras para o professor:

- **Atividade interdisciplinar:** Combine essa atividade com aulas de Artes ou Religião, incentivando os alunos a criarem ilustrações ou aprofundarem o estudo sobre o significado do sagrado em outras culturas.
- **Oficina de histórias orais:** Incentive os alunos a coletarem depoimentos de pessoas da comunidade sobre a relação delas com o sagrado e o profano nas cavalgadas.
- **Exposição cultural:** Transforme o painel em uma exposição aberta à escola, permitindo que outras turmas conheçam e debatam o tema.

CAPÍTULO IX - Ajustina/BA, um breve histórico.

Habilidade (EF09HI05) Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

Figura 27 – Mapa do Sertão 2 – BA.
 FONTE: <https://conferenciadecultura.wordpress.com/2011/09/30/territorio-de-identidade-sertanido-ne-ii/>.
 Acessado em 24/05/2023.



A origem do Município de Ajustina, Estado da Bahia, tem sua origem como tantos vilarejos que se espalharam pelo sertão do Nordeste brasileiro: terras áridas cobertas pela vasta caatinga e inúmeras fazendas que foram constituídas através das sesmarias do sertão, distantes da engrenagem econômica da colônia movida, nos tempos áureos, pela mineração e posteriormente pelo cultivo da cana-de-açúcar. Tendo a criação do gado sua primeira base econômica.

O povoamento de praticamente todo o sertão nordestino se deu pela criação de gado, sem muitos custos e adaptado ao clima, o gado era deixado a lei da natureza dispensando poucas atenções, e o maior cuidado consiste em evitar o seu extravio e reuni-lo para ser utilizado. O povoamento do município de Ajustina/BA nasce dentro desse contexto histórico. “A civilização que penetra pelo interior corta os campos de estradas, e semeia pelo vastíssimo deserto as casas e mais tarde as povoações. Não era assim no fim do século passado, quando apenas se encontravam de longe em longe extensas fazendas” (Alencar, 1995, p. 8).



Figura 28 – Capelinha da Família de Justino Vieira, Adustina/BA.
Fonte: Acervo de Jailson Rodrigues do Nascimento.

Como grande parte dos povoados e cidades surgiram aos arredores de uma capela, devido à forte influência da Igreja Católica, a mesma deveria ser construída, mas que as terras no local para construção deveriam ser devidamente registradas e doadas à Igreja Católica.

Entre o final do século XIX e início do XX, surge o povoado de Queimadas, aos arredores de uma capela, entre as rusgas da família do Sr. Justino Vieira com a Igreja Católica, a doação de terras da Família do Sr. Antônio Barros para construção de outra capela (figura abaixo).

Em 30 de novembro de 1938, o povoado é elevado à categoria de distrito, tendo seu nome mudado para Conceição do Coité, que mais tarde se chamaria de Adustina.



Figura 29 – Igreja Nossa Senhora de Fátima, Adustina/BA.
Fonte: Acervo de Jailson Rodrigues do Nascimento.

Não perdurando este, foi criado o nome “Adustina”, que significa “terra fértil” em latim. Nome indicado pelo insigne professor Francisco de Paula Abreu, quando na sua estada na Vila, dia que estava a participar de comemoração religiosa, discutiu-se a mudança do nome e foi aceito por todos a indicação do nome dado e lá estava Abreu, a indicar o nome, “Adustina”, que de imediato foi aceito por todos, principalmente por João de Matos que era seu grande admirador. (Santana, 2008, p. 75).

Como uma economia fortificada pela agricultura, a então Vila Adustina/BA passou a ganhar notoriedade na região devido a significativa produção de feijão. Esse cenário motivou agricultores, políticos, comerciantes locais, professores, estudantes universitários que estudavam na capital Salvador, apoiados pela maioria da população adustinense, passaram a reivindicar juntos representantes políticos na capital do Estado sua emancipação política.

Como resultado dessas manifestações, em 08 de janeiro de 1989, foi realizado um plebiscito em Adustina/BA para ratificar a sua emancipação política. Com a apuração de 1.653 votos, um expressivo total de 1.628 votantes optou pelo “sim,” enquanto apenas 7 optaram pelo “não.” Além disso, registrou-se 4 votos em branco e 14 votos nulos, conforme atestado na Ata da apuração do plebiscito do Distrito de Adustina/BA, realizado em 08 de janeiro de 1989. Como resultado destes desdobramentos, a Lei 4.851, datada de 05 de abril de 1989, instituiu o Município de Adustina/BA, separando-o do Município de Paripiranga/BA.

Se liga nos dados sobre Adustina/BA

- Gentílico: Adustinense
- Área territorial: 629,099 km² (2022)
- População residente: 14.201 pessoas (2022)
- Densidade demográfica: 22,57 habitantes por quilômetro quadrado (2022)
- Escolarização de crianças de 6 a 14 anos: 98,1% (2010)
- Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM): 0,546 (2010)
- Mortalidade infantil: 20,55 óbitos por mil nascidos vivos (2022)
- Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*: R\$ 13.986,28 (2021)
- Receitas brutas realizadas: R\$ 78.434.504,29 (2023)
- Despesas brutas empenhadas: R\$ 73.643.969,42 (2023)
- Prefeito em exercício no período de 2021 a 2024: Paulo Sérgio Oliveira dos Santos.



Figura 30 – Cume da Serra do Capitão. No Santuário da Santa Cruz da Ponta da Serra, Adustina/BA (2022). Fonte: Robério da Silva de Andrade.

Sugestões de atividades para o professor propor aos alunos

1 – Construindo uma Linha do Tempo Histórica de Adustina/BA

Atividade 1A – Criação da Linha do Tempo

- **Leitura e pesquisa:**
 - Sugira a leitura do capítulo "Adustina/BA, um breve histórico" e destaque os principais eventos históricos, como:
 1. Surgimento do povoado de Queimadas.
 2. Mudança de nome para Conceição do Coité.
 3. Escolha do nome "Adustina" e o significado por trás dele.
 4. Plebiscito para a emancipação política e criação do município.
- **Construção da linha do tempo:**
 - Recomende que use papel kraft ou cartolina para construir a linha do tempo.
 - Solicite que inclua datas, eventos principais e imagens ilustrativas, como fotos antigas ou desenhos.

Atividade 1B – Reflexão sobre a História Local

- **Oriente para debate ou produção textual tipo:**
 - Qual é a importância de conhecer a história do nosso local?
 - Como o conhecimento da história de Adustina fortalece a identidade pertencimento da comunidade?

2 – Interpretando Dados de Adustina/BA

Atividade 2A – Análise de Dados

- Observe os dados apresentados sobre Adustina/BA e responda:
 1. **Qual o número de habitantes por quilômetro quadrado?**
 2. **O que significa o IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal)?**
 - Explique como ele avalia a qualidade de vida em Adustina.
 3. **Como a escolarização de 98,1% para crianças de 6 a 14 anos pode impactar o futuro do município?**
 4. **O que o PIB *per capita* revela sobre a economia local?**

3 – Debate: Urbanização e Modernização de Adustina

Atividade 3A – Discussão em Grupo

- Divida os alunos em grupos para debater as seguintes questões:
 1. **Como a agricultura e a criação de gado contribuíram para a urbanização de Adustina?**
 2. **De que maneira a emancipação política influenciou o desenvolvimento do município?**
- Após o debate, cada grupo pode compartilhar suas conclusões com a turma.

Pesquisa sobre a Comunidade Local

Atividade 4A – Coleta de Histórias Orais

- **Converse com familiares ou membros mais velhos da comunidade para responder:**
 1. Quais histórias eles conhecem sobre a origem de Adustina?
 2. Como era a vida na região antes da emancipação?
- **Registre as histórias coletadas:**
 - Escreva um pequeno relato ou grave áudios para compartilhar com a turma.
 - Identifique o entrevistado (nome, idade e relação com a história local).

Atividade 4B – Compartilhamento na Sala de Aula

- Organize um momento para que os alunos apresentem as histórias coletadas.
- Utilize recursos visuais, como desenhos, fotos ou vídeos, para enriquecer as apresentações.

5 – Construindo um Mural Cultural sobre Adustina

Atividade 5A – Criação do Mural

- **Divisão do mural em seções:**
 - Linha do tempo histórica.
 - Dados e estatísticas de Adustina.
 - Histórias e relatos da comunidade local.
- **Incluir no mural:**
 - Imagens, gráficos e textos explicativos.
 - Nomes dos alunos e das fontes das histórias coletadas.

Atividade 5B – Apresentação Final

- Promova uma exposição aberta para outras turmas ou membros da escola, destacando o mural e as pesquisas realizadas.

Sugestões extras para o professor:

- **Interdisciplinaridade:** Combine essas atividades com disciplinas como Geografia, História e Matemática para explorar diferentes perspectivas (ex.: localização geográfica, evolução urbana e análise de dados).
- **Exibição Cultural:** Envolver a comunidade local, convidando familiares e autoridades municipais para conhecer o trabalho dos alunos.

Lista de ilustrações

- Capa: Cavalgada do São Francisco, Adustina/BA (2023).
- Figura 1 – A Cavalgada do Assentamento Caimã, Adustina/BA (2023)
- Figura 2 – Pega de boi, sertão da Paraíba (fevereiro de 2024)
- Figura 3 – Foto: Brasil de Fato-Recife-PE (agosto de 2022).
- Figura 4 – Representação da Primeira Missa no Brasil. Obra de Victor Meirelles (1860). Domínio público.
- Figura 5 – Vaquejada de Adustina/BA (2023).
- Figura 6 – Vaqueiro da lida do gado na caatinga (setembro 2023).
- Figura 7 – Gado cruzando estradas vicinais de Adustina/BA (maio de 2023).
- Figura 8 – Vaqueiros na pega de boi na Fazenda setembro 2023
- Figura 9 – Cavalgada do São Francisco, Adustina/BA (2023).
- Figura 10 – Trilha Santa Cruz da Ponta Serra. Um encontro com a Caatinga.
- Figura 11 – Umbuzeiro, planta símbolo da Caatinga. Serra do Capitão (2022).
- Figura 12 – Terra Brasilis (Tabula Hec Regioni Magni Brasilis). Autor: Lopo Homem. Mapa manuscrito, desenhado e iluminado sobre pergaminho. Período: c. 1515-1519. Acervo: Biblioteca Nacional da França (BNF).
- Figura 13 – Mapa da Caatinga. Fonte: www.wwf.org.br.
- Figura 14 – Trabalho de campo (2022). Serra do Capitão, Adustina/BA. vegetação da caatinga, se recuperando depois de um período de queimadas.
- Figura 15 – Trabalho de Campo (2022), Serra do Capitão, Adustina/BA, discentes do CMA de Adustina/BA, visitando a Caatinga.
- Figura 16 – Apresentação de repentista em praça pública (2021).
- Figura 17 – Vaqueiro seu gibão couro. Cavalgada do Caimã-Adustina/BA (2024).
- Figura 18 – Agenor da Lage. Cavalgada de Correinha da Zabumba 1990.
- Figura 19 – Mãe e filha (Claudiana e Maria Sophia). Cavalgada do São Francisco (2023).
- Figura 20 – Correinha da Zabumba. Símbolo das Cavalgadas no semiárido baiano (1990).
- Figura 21 – Marlene do Berrante (2022).
- Figura 22 – Rainhas das Cavalgadas (2022), Fátima/BA
- Figura 23 – Desfile de carros de boi, Cavalgada do São Francisco (2023), Adustina/BA.

Figura 24 – Jovens estilizados na cavalgada, camisetas e chapéu de couro e boné. Desfile de carros de boi. Cavalgadas do São Francisco, Adustina/BA (2023).

Figura 25 – Vaqueira carregando a Imagem de Nossa Senhora Aparecida. Cavalgada do Assentamento Caimã, Adustina/BA (2023).

Figura 26 – Desfile da vaqueirama na Cavalgada do São Francisco, Adustina/BA (2023).

Figura 27 – Mapa do Semiárido 2 – BA. FONTE:

<https://conferenciadecultura.wordpress.com/2011/09/30/territorio-de-identidade-semiarido-ne-ii/> . Acessado em 24/05/2023.

Figura 28 – Capelinha da Família de Justino Vieira, Adustina/BA.

Figura 29 – Igreja Nossa Senhora de Fátima, Adustina/BA.

Figura 30 – Cume da Serra do Capitão. No Santuário da Santa Cruz da Ponta da Serra, Adustina/BA (2022).

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **O sertanejo**. Ática, 1995.
- BAHIA. **Educação de Jovens e Adultos, Aprendizagem ao longo da vida**. Organizador curricular na Educação de Jovens e Adultos. Salvador, 2022.
- BRASIL, **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm#art1 Acessado em 31/08/2023.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- CASCUDO, Luis Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Campanha de Canudos**. São Paulo: Abril Cultural: 1982.
- EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Bioma Caatinga**. Disponível em <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/biomas-caatinga>. Acesso em 22 de outubro de 2024.
- FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó**. Natal: Fundação José Augusto, 1969.
- GOUVEIA, José Abraão Rezende. **A festa de Porto da Folha: cordializando vamos ensinando a história e estudando o alto sertão sergipano**. (Dissertação de Mestrado). ProfHistória. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE: 2022.
- IBF – Instituto Brasileiro de Florestas. **Bioma Caatinga**. Disponível em: https://www.ibflorestas.org.br/bioma-caatinga?utm_source=google-ads&utm_medium=cpc&utm_campaign=biomas&keyword=biomas%20caatinga&creative=282044394468&gad_source=1&gclid=Cj0KCQiAouG5BhDBARIsAOc08RQIIJ6vXayjtsL1Jz9hr34B4wAiFfHVu7xzTxRs0RKnvAL2oAmWWhUaAqBFEALw_wcB Acesso em: 18 out. 2024.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Adustina/BA**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/adustina.html>. Acesso em: 22 out. 2024.
- QUEIROZ, Washington. **Bahia e vaqueiros: um débito**. R. FACED, Salvador, n.17, p.71-84.
- SILVA, Marco Antônio. **Nas trilhas do ensino de história: teoria e prática**. Belo Horizonte: Roma, 2012.